



RELATÓRIO DE CONCLUSÃO DE PÓS-DOUTORAMENTO¹

Infância e Juventude frente ao Direito à Cidade:
Dispositivos Visuais e a Ocupação do Espaço Público:
Diálogo entre Brasil e México

Profa. Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes

Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE - Faculdade de Educação

Universidade de Brasília (UnB)

GPS - Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e Construção do Conhecimento

Início: 17 de janeiro de 2022

Término: 16 de janeiro de 2023

Supervisor: Prof. Dr. Paulo César Carrano (UFF- Niterói, TJ)

Missão de estudos: Prof. Dr. Martin Plascencia – Universidade Autônoma de Chiapas,
México.

¹ Este relatório foi realizado como desdobramento de três pesquisas que se entrecruzam nestes escritos. Cada uma financiada por uma agência de fomento, a saber: FAP/DF e FAPERJ/RJ, a quem agradecemos.

Sumário

Introdução - Infância e Juventude frente ao Direito à cidade.....	7
1. Os estudos no/sobre o Distrito Federal e seus sujeitos.....	13
1.1. Paranoá	14
1.2. Ceilândia.....	20
1.3. Planaltina	21
1.4. Brazlândia.....	28
1.6. Gama.....	40
1.7. Sistematização do banco de dados para produção de uma peça de audiovisual	47
2. Rio de Janeiro e Niterói	48
2.1. Diário de Campo do Rio de Janeiro	54
2.2. Maré/Complexo da Maré - Rio de Janeiro - RJ.....	55
2.2.1. Redes da Maré.....	63
2.2.2. Museu da Maré/Centro de Estudos e Ações Solidárias-CEASM.....	74
2.3. Morro do Palácio - Niterói - RJ.....	81
2.4. O Acervo de filmes do Observatório Jovem: Produção Audiovisual	95
3. Diálogo Brasil-México sobre Práticas Contra-hegemônicas - San Cristóbal de las Casas - Chiapas - México	112
3.1. Atividades desenvolvidas	113
3.2. Anexos referentes ao relatório para a UNACH.....	116
3.3. Comprovantes da estadia em Chiapas, México.....	126
4. Pesquisas sobre o tema do covid-19.	128
5. Produções.....	131
5.1. Artigos Publicados, submetidos ou aceitos	131
5.2. Trabalhos completos em anais de eventos	131
5.3. Capítulos de livro:	131
5.4. Artigos em elaboração.....	131
5.5. Produção audiovisual	132
Considerações Finais	132
Referências Bibliográficas.....	135
Anexos:.....	139

Índice de Ilustrações

Figura 1: O ator Jeferson Melo empunha suas armas.....	8
Figura 2: Escolas	13
Figura 3: Apresentação de Marina Soares no 26º Congresso de Iniciação Científica da UnB	15
Figura 4: Desenhos sobre as localidades de moradia, o Itapoã	16
Figura 5: Desenhos sobre as localidades de moradia, o Itapoã	17
Figura 6: A esquerda, entrevista de Lourdes aos Jornal do Paranoá, em 1988. À direita, Lourdes na inauguração do Festival de Cinema do Paranoá segurando o panfleto da Chapa 1 para eleições da Associação dos moradores de 1988.	18
Figura 7: A construção da instalação “Colecionadores de lugares”	19
Figura 8: Apresentação on line de Elizângela Souza Lima no 26º Congresso de Iniciação Científica da UnB E 17º Congresso de Iniciação Científica do DF	20
Figura 9: Nuvem de palavras sobre a trajetória educativa dos jovens.....	24
Figura 10: Nuvem de palavras sobre a relevância da trajetória educativa dos jovens.	25
Figura 11: Pontos positivos da cidade	26
Figura 12: Pontos negativos da cidade	27
Figura 13: Nuvem de palavra síntese temática das referências negativas observadas na cidade	27
Figura 14: Dia do Campo para os professores de Brazlândia.....	29
Figura 15: Imagem panorâmica da localização da escola	30
Figura 16: Quadra esportiva descoberta	30
Figura 17: Horta da escola.....	31
Figura 18: Nuvem de palavras com problemas enfrentados.....	32
Figura 19: Desenho a partir da orientação: “ Expresse o sonho ”.....	32
Figura 20: Nuvem de palavras sobre pontos positivos do território.....	33
Figura 21: Recém-criada RA XIV de São Sebastião.....	34
Figura 22: Agrovila	35
Figura 23: Igreja Nossa Senhora Aparecida, Gama, 1968.	40
Figura 24: Vista da Cidade do Gama, 1968.....	41
Figura 25: Inauguração da rede elétrica do Gama, 1966.....	41
Figura 26: foto: Centro Comunitário Vila São João do Gama, 1965	42
Figura 27: Resumo dos comentários feitos.....	45
Figura 28: Disciplina cursada.....	48
Figura 29: Museu do Pontal um dos mais significativos acervos de arte popular do Brasil. Visita à visita guiada preparada para o público infanto-juvenil.....	49
Figura 30: Batalhas de Rima: em busca dos espaços públicos que pulsam	49
Figura 31: Batalhas de Rima: vidas que explodem em poesia	51
Figura 32: E se as paredes e muros ecoassem as vozes dos jovens e crianças?.....	51
Figura 33: Lançamento da edição comemorativa da Veresk.....	52

Figura 34: Card divulgando a Mesa-Redonda: Crianças e Jovens frente ao contexto pandêmico: auscultando suas vozes!.....	53
Figura 35: Divulgação Expo OUTRAS MARÉS no Retrato Espaço Cultural, Rio de Janeiro-RJ.	54
Figura 36: Abertura da exposição OUTRAS MARÉS com curadoria de Dante Dastaldoni e fotos de 11 integrantes do Coletivo Fotografia e Memória - Retrato Espaço Cultural, Glória, Rio de Janeiro.....	55
Figura 37: Região Administrativa/Município onde a escola em que estudam está situada, Planaltina, Distrito Federal, 2018.....	57
Figura 38 Vista geral da Maré. Foto: João Mendes. Arquivo Dona Orosina Vieira, 1978.....	59
Figura 39: Espaço de leitura Jorge Amado (Maré).....	60
Figura 40: demandas de justiça climática da Maré:	61
Figura 41: A Rede da Maré busca desenvolver pesquisas e atividades nas diferentes temáticas que dizem respeito à infância e juventude.....	62
Figura 42: – Daniel Remilik do Redes na Maré, nosso guia e interlocutor.....	65
Figura 43: Prédio adaptado para atender demandas da saúde	65
Figura 44: caminhada pela rua.....	66
Figura 45: Figura 39: Cartaz de divulgação de curso pré-vestibular.....	67
Figura 46: Trabalhos em azulejos para composição de murais. Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes.....	68
Figura 47: Ateliê e placa de azulejo com o nome da rua onde fica o centro de artes em que se fabricam as placas de rua, por acaso está na placa exposta.....	68
Figura 48: Mural de Azulejos na sede do Redes na Maré. Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes	69
Figura 49: Sede da Associação Redes de Desenvolvimento da Maré. Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes.....	69
Figura 50: A espacialidade das comunidades do Complexo da Maré.....	70
Figura 51: Daniel Remilik em frente a Biblioteca Lima Barreto. Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes.....	71
Figura 52-. Interior da Biblioteca Lima Barreto. Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes.	71
Figura 53: Localização da Lona Cultural Municipal Herbert Vianna – pode-se ver a “lona de circo” à ao centro à direita - e parte do trajeto realizado.....	72
Figura 54: Homenagem a Marielle Franco, vereadora assassinada em 2018.....	72
Figura 55: Programação da Lona Cultural Municipal Herbert Vianna.	73
Figura 56: - Pannel de boas vindas Naldinho Lourenço e Pannel de boas vindas com intervenção artística dos visitantes.....	74
Figura 57: Tempo da Criança é um dos doze tempos/espacos de exposição do Museu da Maré.	75
Figura 58: Crianças nas palafitas. Anthony Leeds. Arquivo Dona Orosina Vieira, 1969.....	76
Figura 59: Museu é lugar de histórias. Naldinho Lourenço. Arquivo Dona Orosina Vieira, 30 abr. 2009.	77

Figura 60: Tempo do Medo	77
Figura 61: Dona Orsina - precursora Morro do Timbau - Colagem sobre Madeira Marcelo Pinto Vieira 2006 –	79
Figura 62: Passado e Futuro	79
Figura 63: Detalhe na parede externa do Museu da Maré: “SETUR - CET - Museu da Maré reconhecido oficialmente em 10 de dezembro de 2014 como destino turístico prioritário do Estdo do Rio de Janeiro pelo Conselho Estadual de Turismo”..	80
Figura 64: Tempo da Casa - por dentro da palafita.	80
Figura 65: - Na entrada da exposição Maré em 12 Tempos	81
Figura 66: Mensagem via whatsapp sobre a ida ao Morro do Palácio.	81
Figura 67: Calçadão com o MAC ao fundo.....	82
Figura 68: Um senhor coleta mariscos - poesia em imagens.	83
Figura 69: Programação do MAC	83
Figura 70: Projetos do MAC com a UFF	84
Figura 71: Chegada ao Macquinho.....	85
Figura 72: Eis a paisagem que se descortina	86
Figura 73: Macquinho - Plataforma Urbana Digital da Educação- Placa de Inauguração.....	87
Figura 74: Detalhe de projeto de cartografia social local.	87
Figura 75: Detalhe de exposição interna Macquinho. Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes....	88
Figura 76: No caminho, becos e vielas	88
Figura 77: Lembrança dos tempos da Graduação em Geografia – as casas em auto-construção e a arte pulsando a vida (ou seria o contrário?)	89
Figura 78: Lajes	90
Figura 79: Mirantes e Miradas do/no Morro do Palácio	90
Figura 80: Praça dos Encontros	91
Figura 81: Telhados	91
Figura 82: As descobertas nos lugares mais inusitados. Material sobre fotografia descartado.	92
Figura 83: Campinho de futebol.....	92
Figura 84: Casa na comunidade.....	93
Figura 85: Cotidiano.....	93
Figura 86: Encontros: Prof.Paulo Carrano, Telto e Jefferson, os jovens que participaram da pesquisa sobre as trajetórias dos jovens do Morro do Palácio.	94
Figura 87: Divulgação projeto Palácio dos Livros - Leitura Solidária.....	94
Figura 88: Bloco de Imagens que compõem o relatório do México.	116
Figura 89: Declaração de coordenação de pesquisa	129
Figura 90: Ensaios para a produção de Dispositivos Visuais.....	130
Figura 91: Termo de outorga da pesquisa - O direito à cidade para e com crianças e jovens: dispositivos visuais e a ocupação do espaço público	134
Figura 92: Professora no curso de pós-graduação lato sensu – Residência CTS	139
Figura 93: Avaliadora do Processo seletivo do ProIC/UnB	140

Figura 94: Orientação de Projetos de quatro projetos de Pibic, tendo um recebido menção honrosa e outro indicação para o prêmio destaque. Julho de 2022.	141
Figura 95:Atividade de pesquisadora do PIBIC na Escola Classe Aspalha – Junho/2022	141
Figura 96: Tailler de Infancias – Espanho/DEZ/2022.....	142
Figura 97: Certificado de participação na 74ª. Reunião Anual da SBPC.....	142
Figura 98: Participação em comissão de avaliação de obras submetidas a Editora da Universidade de Brasília.....	143
Figura 99: Participação de comissão de processo seletivo para mestrado no Departamento de Artes Visuais.....	144
Figura 100: Participação em Programa de Rádio. Set/2022.....	145
Figura 101: Participação no evento: o cinema documentário sonha o Brasil.....	145
Figura 102: Conferências sobre a temática da Juventude e a “pós-pandemia”	146
Figura 103: Participação no Congresso Latino Americano de Sociologia_Jovens e o Cotidiano	146
Figura 104: Participação no Congresso Latino Americano de Sociologia_Narrativas de crianças durante a pandemia	147
Figura 105: Comprovante apresentação de trabalho	147
Figura 106: Lançamento da revista Veresk	148

Introdução - Infância e Juventude frente ao Direito à cidade

Este relatório busca articular as experiências em pesquisa, trabalho de campo, participação em grupos de pesquisa, em eventos, entre outros para abordar a temática da Infância e Juventude em sua espacialidade. Essas reflexões, bem como essas atividades desenvolvidas, referem-se a período conturbado da história brasileira, em que, vive-se a redução da intensidade dos efeitos da pandemia de COVID-19 no plano sanitário, mas, não no plano social, político e econômico, assim como ao fim de quatro anos de governo, que, impôs inúmeros retrocessos no que diz respeito às políticas para as múltiplas Infâncias e Juventudes, como por exemplo, o fechamento de 764 bibliotecas públicas, entre 2015 e 2020², enquanto, desde 2019, permitiu a abertura de um clube de tiro por dia³, em uma incisiva política de armamento, em que, as vítimas preferenciais são os jovens pobres, negros, periféricos, com incontáveis perdas de crianças, vítimas subjacentes das “balas perdidas” uma necropolítica, que tem na origem de lugar, na classe, na raça e perfil etário o endereçamento preferencial. dessa política de extermínio.

Isso posto, esta tecitura a que nos propomos neste relatório, busca-se conhecer e dar a conhecer o funcionamento e a potência de espaços e sujeitos de *reexistência* e de produção de práticas culturais contra hegemônicas, do campo das contrarracionalidades⁴. ou antissistêmicas⁵, ou mesmo “práticas do comum⁶” voltadas à infância e à juventude.

Como temos apontado em vários trabalhos (FERNANDES, 2018, 2019, 2021) as teorias contemporâneas para estudar crianças e jovens reivindicam o seu lugar como atores, como sujeitos de sua atuação que precisam ser ouvidos tanto na formulação das políticas, como

² Vide pesquisa divulgada pela BBC News Brasil, no artigo de Thaís Carrança: *Brasil perdeu quase 800 bibliotecas públicas em 5 anos, reportagem da BBC* (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62142015>), acesso em 15 de agosto de 2022.

³ Vide reportagem uol de Rafael Neves: *Brasil abriu quase um clube de tiro por dia sob governo Bolsonaro*, de 16/07/2022 (<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/07/16/brasil-abriu-quase-um-clube-de-tiro-por-dia-sob-governo-bolsonaro.amp.htm>), acesso em 15 agosto de 2022.

⁴ Que se referem a modos de vida diferenciados de viver e abarca a esfera da cidadania e da cultura (CAVALCANTI, 2008)

⁵ ZIBECHI, Raul (s/d., p. 45)

⁶ Este conceito é empregado pela autora como possibilidade de “pensar no direito à produção da cidade, envolvendo a todas e todos, desde bebês, desde as periferias, compreendidas não apenas como espaços geográficos, mas como produto de sociabilidades e expressões culturais e seus projetos políticos de emancipação” (GOBBI, 2022, p. 360).

também no que diz respeito aos seus direitos e à forma como “imaginam, criam habitam e produzem espaços” (AITKEN, 2014, p. 133), estando conscientes da “erosão de sua provisão, proteção e participação” (AITKEN, 2019, p. 11). Isso porque, em momentos de crise como a que vivemos no momento, essas crianças e jovens não só são afetados, como compreendem as disparidades sociais, espaciais, entre outras. Assim, estudar essa territorialidade/espacialidade, implica em estudar a materialização de suas experiências e relações sociais no território.

Os jovens reivindicam seu lugar como sujeitos, e essa perspectiva exige que se abram canais de escuta às suas vozes e perspectivas de mundo. Na imagem retirada do vídeo *E aí, não cansa não?* o ator Jeferson Melo, dirigido por Renata Tavares e Tiago Ribeiro, moradores do Complexo da Maré, empunha suas armas: seu “papo reto” sobre o massacre do Jacarezinho, o celular, o teatro, o audiovisual, o Museu da Maré - lugar da criação, locação e divulgação da performance.

Figura 1: O ator Jeferson Melo empunha suas armas.



Fonte: E aí não cansa não? - Mostra Artística – Museu da Maré, Rio-RJ

É com isso em mente que temática sobre cidadania, em sua concepção de **cidadania democrática**, que abarca ainda a discussão sobre **cidadania insurgente** (HOLSTON, 2013) ganha força como resposta à usurpação de direitos.

Esta compreensão abre a possibilidade de pensá-la ainda na dimensão de acesso aos direitos, em especial o “**direito à cidade**” (LEFEBVRE, 1991), que, é mais do que reivindicações destinadas ao poder público de melhoria das condições de infraestrutura dos bairros pobres, e deve ser compreendido como “uma queixa e uma exigência” (HARVEY, 2014,

p. 11), nessa perspectiva, extrapola o viés do direito à usufruir da vida na cidade em sua dimensão plena para adentrar a dimensão da justiça social e da **imaginação política transformadora** como forma de ver viver e de fazer a cidade de forma que as práticas sociais, econômicas, culturais, estéticas e políticas estejam entrelaçadas e, assim, assegurem dignidade, respeito, pluralidade de formas de ser e estar no mundo, entre outros.

Assim, “O direito à cidade” é compreendido não apenas como reivindicação de melhoria de infraestrutura e acesso a equipamentos urbanos pelos grupos sociais habitantes das áreas pauperizadas da cidade contemporânea, mas é acionado como demanda “não só à casa ou à terra, não só à cidade que existe” (TAVOLARI, 2016, p. 100)

A temática do direito à cidade, da cidadania e da ação política na perspectiva da imaginação e da construção do porvir nos leva a olhar para as crianças e os jovens, suas vivências e experiências na cidade, seus saberes e fazeres sobre os processos sociais, políticos, econômicos que se desenvolvem em seus contextos de vida na cidade.

Reconhecemos o potencial educativo da cidade como parte constitutiva do processo educacional a partir de seus lugares de memória⁷, bem como os saberes que os diferentes sujeitos trazem sobre sua localidade, em especial, o que as crianças e jovens sabem, dizem e pensam desse território; como ocupam os espaços, em especial os espaços públicos e, por fim, como “imaginam, criam, habitam os espaços” (AITKEN, 2014, p. 133) em uma perspectiva de construção da cidade de forma contra hegemônica, essa abordagem dialoga com Lopes, Fernandes e Barbosa (2019) em sua conceituação de “Crianças Cidadeiras”, de um ponto de vista que extrapola a noção de criança cidadã para abraçar a perspectiva de crianças e jovens, em sua atividade, ação e atitude em relação ao espaço urbano.

O direito à cidade, conceito apresentado por Henry Lefebvre, emblemático geógrafo francês, em seu ensaio “*Le droit à la ville*”⁸, tem sido interpretado, apropriado e reinterpretado à exaustão, até que adquiriu, como é comum em obras desta envergadura, dinâmica particular,

⁷ Para Silva 2017 “Os espaços da cidade são também lugares de memória e a exemplo desses, são construções que guardam os vestígios de uma determinada sociedade/comunidade e permitem um dado grupo estabelecer relações de pertencimento e identidade ao perceber nesses espaços, manifestações e representações que lhe permite se sentir ali representado.” (p. 150)

⁸ O direito à cidade. Obra publicada em 1967 na França.

por meio de distintas apropriações do termo, em especial pelos movimentos sociais em diferentes partes do mundo.

David Harvey, geógrafo e autor de várias obras, entre elas “Cidades rebeldes” (2014) dialoga com esse conceito de forma contundente e expõe as mazelas de uma cidade sequestrada pela lógica capitalista, que gera, empobrecimento, individualismo, desigualdade, perda de laços comunitários, entre outros e critica o entrelaçamento entre capitalismo e urbanização, que faz com que a cidade cumpra um papel de produção de excedente que será apropriado por poucos, enquanto destina à maioria da população os “espaços opacos” (na perspectiva de Santos, 1996), sem luz, brilho ou dignidade.

Harvey (2014) defende que a reivindicação do direito à cidade, é uma etapa, mas precisa-se chegar à revolução urbana, para retomar o controle sobre o excedente da produção (p.61), de forma que, a cidade não seja tratada como um meio de obtenção de lucro e extorsão da mais valia, mas que prioritariamente sejam construídas formas de viver e fruir no espaço urbano, considerando a sustentabilidade que, em uma perspectiva mais ampla deveria abarcar a qualidade e o respeito ambiental, a abertura de espaço para os diversos grupos culturais e seus modos de vida que são cotidianamente incorporados à cidade, bem como desenhos urbanos em que os espaços públicos cumpram a função de agregar os habitantes e fortalecer os laços comunitários, os centros sejam reincorporados à dinâmica da cidade como local de moradia e lazer e os bairros periféricos dotados de estrutura e facilidades para o bem viver.

Harvey (2014) apresenta como desafio a construção de mecanismos para que a população possa exercer um maior controle sobre o uso dos excedentes produzidos na e pela cidade e, traz como contribuição emblemática a afirmação de “um direito de reinventar a cidade” (p.65), com essa abordagem advoga em favor de uma cidade conclamando a utopia e o caráter imaginativo em sua (re)configuração, ou seja, para o autor esse direito deve ser interpretado como um direito de imaginar e construir o porvir de forma coletiva e em uma perspectiva de reinvenção e imaginação de outros processos de relação com o outro, com a diversidade, com as diferenças, com a natureza, entre outros.

Para o autor o “Direito à Cidade” deve ser entendido como “estação intermediária” (2014, p. 24) à derrubada definitiva desse sistema de acumulação e exploração. De forma que outros modelos de cidade possam emergir no processo.

Para transformar o “direito à cidade” em uma proposta de poder imaginar e construir os caminhos para essa cidade, democrática, igualitária, mas não homogênea, diversa, plural, alegre, divertida (como nos ensina Lefebvre) com forte viés de governança é preciso levar em conta que os jovens e as crianças são parte constitutiva desse processo.

Tal proposta encontra respaldo na ação educativa contemporânea em que os múltiplos espaços sociais, ou melhor, o espaço em que se vive em que se constrói práticas políticas, em que se usufrui do lazer, em que se trabalha, em que se exerce a fruição, entre outros, são considerados espaços educativos que devem ser articulados pedagogicamente aos processos de aprendizagens escolares. Esse reconhecimento pode ser ampliado se soubermos, a partir do cotidiano dos jovens, propor reflexões e ações para a compreensão do mundo e a partir de seu entorno e, dessa forma, abrir possibilidade de escuta das múltiplas expressões dos jovens e ouvi-los sobre pertencimento, como parte de uma memória comum, criadora de identidade, promove-se melhor compreensão do espaço de que é herdeiro, possibilitando-lhe que desempenhe um papel ativo na sociedade, pois não é possível integrar-se plenamente na cultura de um território se não nos apropriamos da herança cultural que estrutura esse mesmo território.

Assim, essas primeiras inserções nos território, que ora sistematizamos neste relatório, buscam respostas às perguntas acerca das experiências de identidade/alteridade desses jovens nessas localidades, do envolvimento desses em projetos e atividades que resultem em experiências ligadas à construção de um sentido de pertencimento ou de exclusão e segregação e, como contrapartida a isso, sua experiência de resistência e ação. As localidades são: Distrito Federal, em Niterói e no Rio de Janeiro, bem como em San Cristobal de Las Casas em Chiapas/México, em sentido mais amplo e, buscando ainda conhecer suas Os estudos sobre o DF.

A seguir, detalharemos, em um misto de briefing do que foi realizado, com uma narrativa ilustrada dos caminhos percorridos ao longo do último ano, as etapas de trabalho desenvolvidas. Assim, respeitando o que

o acesso à cultura, mobilidade, os usos de ferramentas tecnológicas no dia a dia, as marcas que deixam impressas na cidade, as marcas que levam da cidade, enfim, uma miríade de temas que lhes interessa e que contribuirão para pensar políticas públicas e formas de enfrentamento das disparidades socioespaciais, dos determinantes que geram e perpetuam as desigualdades sociais, bem como da necessidade de aprimoramento de metodologias de trabalho

e ferramentas de escuta das vozes da juventude para fomentar políticas públicas que promovam ações culturais e o encontro desses sujeitos como forma de ampliação da solidariedade social e fortalecimento da cultura pública democrática.

Detalharemos a seguir os objetivos propostos para a realização deste projeto de pesquisa:

Objetivos:

- Organizar acervo de dispositivos visuais do Grupo de Pesquisa: Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF (<http://www.observatoriojovem.uff.br>) e do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento Brasília/UnB (<https://gpsgrupodepesquisa.wixsite.com/acervo>)
- Conhecer o diálogo que os jovens do Distrito Federal, de Niterói e de San Cristobán de Las Casas (Chiapas/ México), estabelecem entre a vida, a cidade e a escola, ou seja, as práticas que as articulam as ressignificam;
- Conhecer histórias de vida em diálogo com as histórias do território de forma a compreender a história os processos ligados à produção dos espaços de Niterói, do Distrito Federal, de San Cristoban de las Casas/México;
- Conhecer, por meio de dispositivos visuais, o que pensam os jovens das localidades estudadas sobre a cidade/território, sobre sua realidade e sobre suas perspectivas de futuro.
- Identificar projetos contra-hegemônicos no âmbito das cidades, dos territórios, comunidades escolares, entre outros, que contribuam para o enfrentamento do desafio da igualdade de oportunidades, da qualidade da educação e da equidade em contextos culturais específicos.

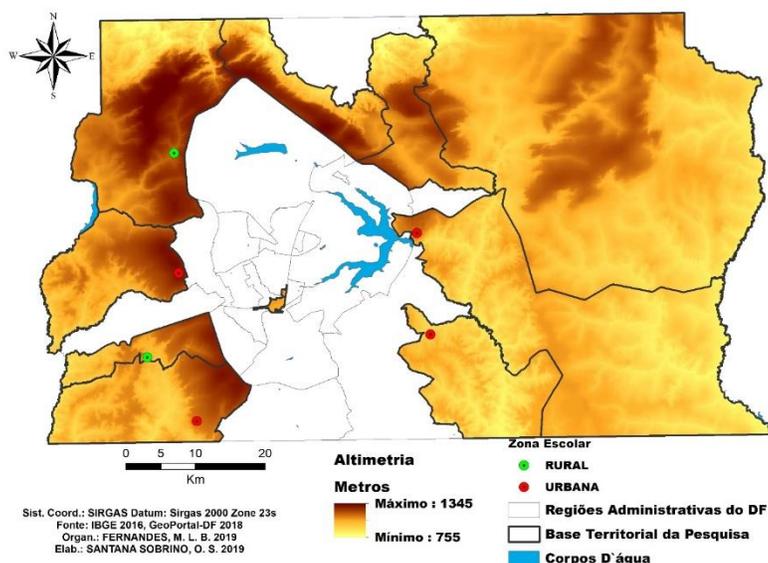
Este relatório está organizado da seguinte forma: no item 1, apresentamos o resultado do primeiro objetivo. Sintetizamos os resultados da pesquisa, com a organização do banco de dados da pesquisa do DF e elaboração de um audiovisual, como dispositivo visual que articulasse as diferentes produções com categorização, estabelecimento de minutagem, entre outros, ver sobre isso o item 2.4. deste relatório: “O Acervo de filmes do Observatório Jovem: Produção Audiovisual”. Quanto ao segundo objetivo, ele será respondido nos itens 1, 2 e 3, deste relatório, para a resposta aos objetivos 3 e 4, os primeiros passos de aproximação com os territórios foram dados, e eles serão aprofundados ao longo da pesquisa, “O direito à cidade para e com crianças e jovens: dispositivos visuais e a ocupação do espaço público”, que vem sendo desenvolvida com financiamento do CNPq, entre 2022 e 2025 (ver figura 84). Os itens 4

e 5 dos objetivos, serão respondidos nos itens 1, 2 e 3 deste relatório. Diante do contexto pandêmico e, seu impacto na vida das crianças e dos jovens, demos prosseguimento às pesquisas sobre a temática, assim, o item 4 deste relatório, aborda o tema da covid-19. Ao final, apresentamos as produções científicas publicadas e submetidas à publicação, as perspectivas de desdobramento da pesquisa, bem como os comprovantes das atividades realizadas no período.

1. Os estudos no/sobre o Distrito Federal e seus sujeitos

As Regiões Administrativas do Distrito Federal foram pesquisadas pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Sujeitos, territórios e a construção do conhecimento – GPS/CNPq.

Figura 2: Escolas



Trata-se da pesquisa “A educação nos território urbano e rural do Distrito Federal: os desafios da igualdade de oportunidades, da qualidade e da equidade em contextos culturais específicos”, coordenada por Maria Lídia Bueno Fernandes e financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), em um processo que envolveu docentes e discentes da graduação e da pós-graduação, nas diferentes Regiões Administrativas do DF voltados à compreensão do papel do território na construção da identidade, compreender as diferentes interações do sujeito em seu território e os desafios e questões que afetam a vida das crianças e jovens em seus contextos rurais ou urbanos, tendo como local de pesquisa suas escolas.

As pesquisas realizadas nas Regiões Administrativas: Paranoá, Ceilândia, Planaltina, Brazlândia, São Sebastião e Gama, grosso modo, seguiram a seguinte metodologia: levantamento de dados locais e histórico da região, entrevistas semiestruturadas com moradores antigos, pioneiros, negociação junto às Secretarias de Educação locais para a decisão sobre a escola a ser pesquisada, aplicação de questionário composto por 22 perguntas. O objetivo é conhecer o local de moradia dos jovens e crianças, a infraestrutura urbana, equipamentos urbanos e bens culturais a que têm acesso. Também se busca conhecer suas perspectivas sobre as questões relativas à cidade, assim como conhecimento de grupos que nela atuam (DINIZ, 2019, p. 9).

1.1. Paranoá

Ao final, contei que achei a história de Sara bem parecida com a minha história de vida escolar e que estava ali para pesquisar junto com elas os lugares, o Paranoá e Itapoã.
(Marina Santana Correia, Diário da Pesquisadora, 2019)

O Paranoá era assim (que nem a foto), aí os homens, as famílias todas que moravam, construíram um Paranoá de verdade
(Thaís, criança que participou da pesquisa in: Marina Santana Correia, Diário da Pesquisadora, 2019)

A Região Administrativa do Paranoá foi o foco de duas pesquisadoras do GPS - Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento: Marina Soares, graduanda de Pedagogia da UnB e bolsista de Iniciação Científica (PIBIC 2018/2019) (vide apresentação on line <https://youtu.be/S9w7khKH3QQ>), na pesquisa *Direito à Cidade na Perspectiva de Jovens do Paranoá* e Marina de Santana Correia, no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação, pela UnB, intitulada *Itapoã e Paranoá pelas crianças: o estudo do meio em uma pesquisa-ação*, ambas as pesquisas sob a orientação de Maria Lídia Bueno Fernandes.

Figura 3: Apresentação de Marina Soares no 26º Congresso de Iniciação Científica da UnB

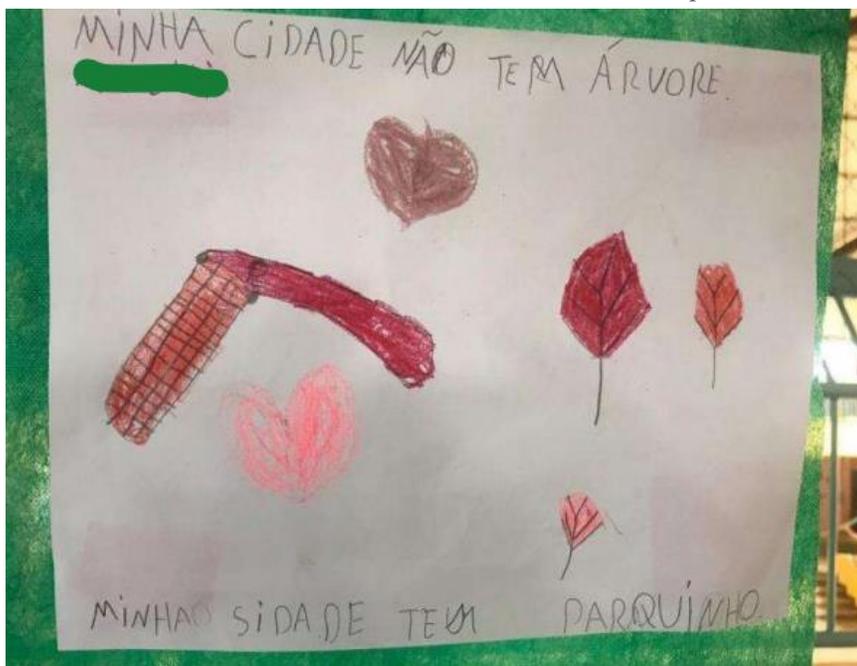


Fonte: Arquivo do Grupo de Pesquisa *Sujeitos, territórios e a construção do conhecimento – GPS/CNPq*.

Partindo da noção de território como espaço-tempo vivido, tanto numa esfera simbólica quanto material, desenvolvida por Hasbaert e Limonad (2007), Marina Soares trabalha também sob a perspectiva do ‘direito à cidade’ proposto por Henri Lefebvre (1999, 2001), segundo a qual o direito à cidade é “um caminho que se abre para a sociedade urbana e para o humano como obra e não como produto”. Compondo o seu tripé teórico Soares destaca, ainda, o conceito de Fernandes (2020) segundo o qual a escola é o lugar do comum, da liberdade e da diferença e, por isso, o lugar propício para que se imagine e crie o que ainda não se imaginou e criou” (2020, p. 127). Daí a compreensão da escola como uma potência, como o lugar propício para a construção do direito à cidade e da vivência plena do território.

Já na dissertação de mestrado Marina Correia propõe a escola como lugar de diálogos e vivências transformadoras. É na escola que Marina realiza uma Geografia das Infâncias do Paranoá e do Itapoã, a partir de uma pesquisa ação que considera, também o “potencial educativo da cidade como parte do processo educacional” (FERNANDES, 2020, p.124). Nessa pesquisa a escola é entendida como espaço público que abriga a educação como dever do Estado, mas também como direito das pessoas na cidade. Lugar de memória, a escola é também, em sua pesquisa “concebida como lugar de criação do mundo e, conseqüentemente, da vida.” (CORREIA, 2020, p. 39).

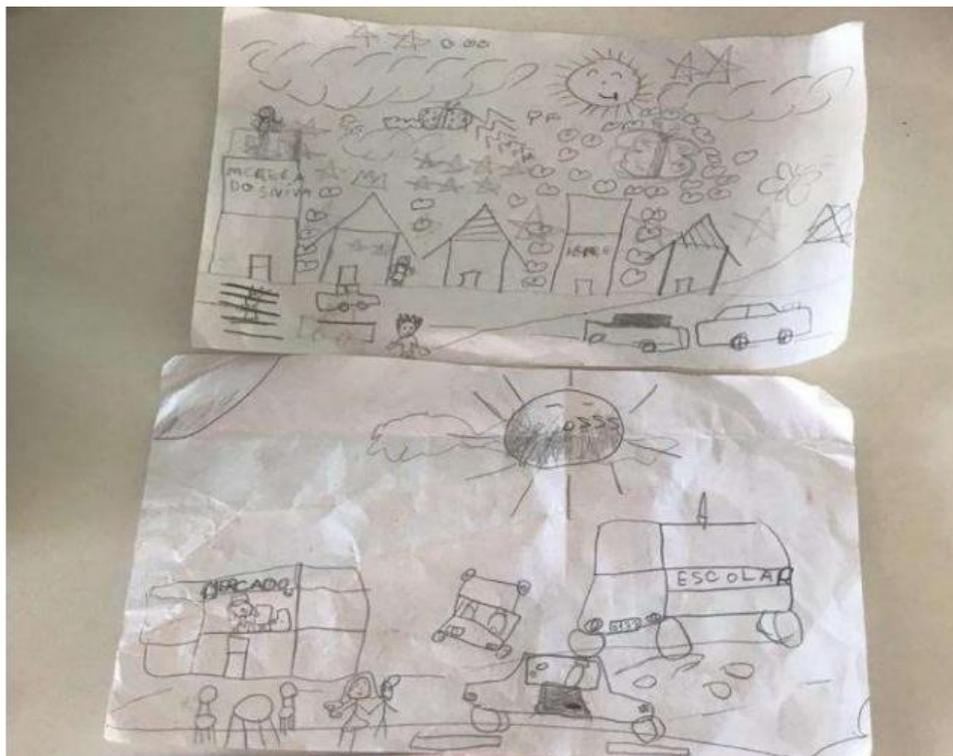
Figura 4: Desenhos sobre as localidades de moradia, o Itapoã



Fonte: Diário da pesquisadora (setembro de 2019)

A partir da metodologia de estudo do meio realizada junto a turma Beija-flor, da Escola Classe Comunidade de Aprendizagem do Paranoá (CAP), na área urbana do Paranoá, Marina de Andrade Corrêa realiza uma pesquisa-ação que permitiu uma aproximação sobre a relação dialética entre as crianças dos anos iniciais e seu espaço, a partir do campo da Geografia das Infâncias. Nesse processo, o estudo do meio foi uma estratégia mobilizadora de diferentes saberes do contexto escolar, englobando a comunidade e sociedade em que a escola está inserida.

Figura 5: Desenhos sobre as localidades de moradia, o Itapoã



Fonte: Diário da pesquisadora (setembro de 2019)

Nesse trabalho a paisagem é concebida como porta de entrada para a leitura e escrita do mundo e das vivências espaço-temporais das crianças.

Como situação-problema-desafio motivador do estudo do território, trabalhou-se com as narrativas das primeiras moradoras: “quem tinham sido os primeiros moradores, aqueles que chegaram e construíram as cidades, o Paranoá e o Itapoã”.

Aos poucos revela-se para as crianças a história de uma gente que foi atraída para trabalhar na construção de Brasília, mas que, uma vez inaugurada a capital, é convidada a voltar para os seus lugares de origem por programas de retorno dos migrantes. Começa aí o processo de fixação da moradia que dá origem às cidades satélites e, hoje, as 31 Regiões Administrativas do DF. São os relatos de Dione e as histórias do Centro de Desenvolvimento, Cultura e Educação - Cedep relatadas por Maria de Lourdes que apresentam a questão às crianças da turma Beija-flor.

Figura 6: A esquerda, entrevista de Lourdes aos *Jornal do Paranoá*, em 1988. À direita, Lourdes na inauguração do Festival de Cinema do Paranoá segurando o panfleto da Chapa 1 para eleições da Associação dos moradores de 1988.



Fonte: Foto de Janaína e Marina, acervo do CEDEP (outubro de 2019) Fonte: Diário da pesquisadora (setembro de 2019) in: CORRÊA (2020, p. 96).

Enquanto Lourdes testemunha o protagonismo dos moradores na conquista de suas moradias e do direito pela cidade. Dione que é a educadora social da turma fala da sua infância em meio aos movimentos. Outro pioneiro, dessa vez um familiar da turma também foi convidado. Sr. João que conta para as crianças como era Paranoá quando só havia cinco casas por ali, a água era captada dos poços, eram de tijolos e de madeira. No decorrer da pesquisa e do encontro entre passado e presente as mudanças da paisagem vão sendo percebidas pelas crianças. As histórias e geografias de Paranoá vão se revelando enquanto as crianças são convidadas a virar “colecionadoras de lugares”.

Finalmente, constrói-se com as crianças uma instalação “Colecionadores de lugares” que procura retomas as geografias-histórias que foram compostas ao longo da pesquisa.

Figura 7: A construção da instalação “Colecionadores de lugares”



Fonte: Foto de Janaína e Marina, acervo do CEDEP (outubro de 2019 in: CORRÊA, 2020, p. 128)

Foi durante a confecção da instalação, da observação das fotografias, desenhos e leituras dos textos coletivos produzidos ao longo desse estudo de meio que as crianças finalmente responderam à situação-problema colocada de início sobre quem tinham sido os primeiros moradores, aqueles que chegaram e construíram as cidades, o Paranoá e o Itapoã: “Foram as pessoas. A Dione. O padrasto da Lana [S. João]. O meu pai. A minha avó...”

Finalmente, CORRÊA (2020) identifica as contribuições da pesquisa que articula pesquisa, ensino e extensão, nos contextos públicos da universidade e da escola e, a partir da Geografia das Infâncias propõe a compreensão das “narrativas e as presenças das crianças, ao imaginarem, produzirem e reelaborarem criativamente os espaços-tempos vividos” (2020, p. 159).

1.2. Ceilândia

Com pesquisa realizada por Elizângela Souza Lima (vide apresentação no link <https://youtu.be/wTZJsZmawbk>), a Região Administrativa de Ceilândia - DF (RA - IX), está localizada a 26km de Brasília. Sua origem está ligada a Campanha de Erradicação das Invasões - CEI, em 1971. Na época foram transferidos para ali mais de 80 mil moradores originários das “invasões” IAPI, Vilas Tenório, Esperança, Bernardo Sayão e Colombo, morros do Querosene e do Urubu, Curral das Éguas e Placa das Mercedes.

Figura 8: Apresentação on line de Elizângela Souza Lima no 26º Congresso de Iniciação Científica da UnB E 17º Congresso de Iniciação Científica do DF



Fonte: Grupo de Pesquisa Sujeitos, territórios e a construção do conhecimento – GPS/CNPq

É a Região Administrativa com maior densidade urbana do DF, com grande diversidade cultural já que foi constituída por uma população oriunda de várias partes do Brasil, com destaque para os nordestinos, os nortistas, os goiano e os mineiros. (Vasconcelos, 1988: 53 apud Lima, 2019: 6).

Em Ceilândia, a Caixa d'água localizada no centro da cidade, ao lado da Feira Central são dois pontos turísticos importantes, além da Casa do Cantador projetada por Oscar Niemeyer que funciona como centro cultural que recebe grandes nomes da cultura nordestina. O movimento hip hop também está presente, sendo que a cena do rap de Ceilândia foi bastante importante nos anos 80 do século passado.

Como resultados da pesquisa realizada a partir da aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas aplicados junto aos estudantes do Centro de Ensino Fundamental Boa Esperança de Ceilândia do 8º ano do Ensino Fundamental, destacamos a fala desses jovens sobre a sua relação com a cidade e a escola.

Os problemas estruturais da cidade claramente afloram como o asfalto precário, mas também a falta de equipamentos culturais e de transporte público de qualidade, a escassez de recursos, o “preconceito” e a “falta de respeito”, a despeito do seu reconhecimento sobre o ambiente saudável, a calma, a qualidade do ensino.

A escola é vista como espaço de construção e divulgação do conhecimento científico, de acesso à cultura e de encontro entre pares. O espaço escolar sendo visto como local de encontro com a cultura e com o conhecimento historicamente construído, um encontro de múltiplas identidades rurais e urbanas.

Elizangela destaca a importância da escuta desses jovens para uma educação contextualizada e comprometida com a transformação da realidade e o pertencimento dos jovens em relação aos seus territórios. Destaca, finalmente, o entendimento do território como educador, na medida em que pode oferecer à escola a possibilidade de ampliar como se vivencia a educação das crianças e dos jovens, e como estes se relacionam com a localidade em que vivem. Ao reforçar o papel social da escola em uma perspectiva democrática que dialogue com a comunidade na qual está inserida, considerando a formação integral do ser humano.

1.3. Planaltina

Conforme a pesquisa desenvolvida por Reinaldo Ramos Diniz, no âmbito do PIBIC 2019, o primeiro nome da Região Administrativa de Planaltina (RA VI), distante 38,5 km do Plano Piloto foi Distrito de Mestre D´Armas, devido a um armeiro que morou na região. Planaltina é uma das regiões administrativas de ocupação mais antiga. Desde o séc. XVIII era ponto de escoamento do outro retirado de Goiás e, em 1917, recebeu o nome atual. A história da cidade está ligada a passagem da Comissão Cruls que esteve na região para estudar onde seria a futura capital do Brasil. O então Presidente da República Epitácio Pessoa baixou o decreto nº 4.494 de 18 de janeiro de 1922 determinando o assentamento da Pedra Fundamental onde se pretendia construir a futura capital do Brasil.

Uma das mais extensas regiões administrativas, Planaltina tem uma população local de aproximadamente 230 mil habitantes com economia que conta com quatro mil empresas que se concentram no setor de comércio e serviços e contam com grandes redes varejistas. A pecuária e agricultura estão presentes desde a criação da cidade, em agosto de 1859. Nos dias atuais as lavouras de feijão, milho, soja, trigo, café, hortaliças e frutíferas, além dos rebanhos bovino, suíno e aves movimentam a economia local.

A presença da Faculdade de Planaltina - FUP, campus da UnB contribui para que o campo continue a influenciar positivamente a economia e a cultura da cidade. Criada em 2006, a Faculdade oferece formação comprometida com a realidade regional, em seus quatro cursos presenciais (Gestão Ambiental, Gestão do Agronegócio, Ciências Naturais e Educação do Campo) e dois à distância (Administração e Biologia). Além da FUP há o campus Planaltina do Instituto Federal de Brasília - IFB, criado em 2008 e voltado à formação profissional nas áreas da Agropecuária e Agroindústria tanto no modelo tradicional quanto no modelo Agroecológico. Seu campus é uma fazenda de 2.300 hec que fica localizado na Zona Rural de Planaltina.

Outro setor importante da economia é o Turismo Ecológico e Religioso. Dentre os pontos turísticos estão: a Lagoa Bonita, a Cachoeira do Pípiripua, a Estação Ecológica de Águas Emendadas, o Centro Histórico e o Vale do Amanhecer, uma das maiores comunidades religiosas do país. A cidade tem um calendário de eventos de festas religiosas, da tradição goiana como a Folia do Divino que reúne cerca de 25 mil pessoas e a Folia dos Santos Reis, sendo mais concorrida a Via Sacra que leva cerca de 150 mil pessoas ao Morro da Capelinha, na Semana Santa.

A pesquisa ocorreu no Centro de Educação Fundamental 03 - CEF 03, localizada na zona urbana de Planaltina, quadra eq 10/20 conjunto h - setor residencial leste, Vila Buritiz II. Região com histórico de violência, altos índices de homicídio envolvendo brigas de gangues que justificou o projeto de Justiça Restaurativa do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios - TJDFT, que levou para o espaço escolar Oficinas de Teatro, Hip hop e Cidadania.

A escola conta com espaço bem cuidado e infraestrutura adequada para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, a escola conta com: 14 Salas de aulas, 01 Laboratório de Ciências, 01 Laboratório de Informática, 01 Sala de Leitura/Biblioteca, 01 Sala de Recursos Audi Visual, 02 Sala de Professores/Coordenação, 01 Sala de Apoio Pedagógico, 01 Pátio de Esportes, Horta e Arena Cultural. Chama atenção, no entanto, a inexistência de um

refeitório e a o fato de que as refeições são feitas nas salas de aula, no recreio, o que diminui a mobilidade dos estudantes. A quadra coberta é construída apenas em 2018.

Atende aos anos finais do ensino fundamental, em ciclos de ensino, Sendo o primeiro ciclo compreendendo o 6º e 7º anos- no turno da tarde- o segundo os 8º e 9º anos - no turno da manhã- e o EJA-II - no turno da noite. O horário de funcionamento da escola é o seguinte: o Matutino 07h30 - 12h30 ,Vespertino 12h45 - 17h45 e Noturno 19h - 23h A escola, em 2018, teve 810 matrículas entre o 6º e 9º anos, sendo 212 no 8º ano e 160 no 9º ano, os anos que se constituíram como objeto de nossa pesquisa. Desses, 79 responderam aos nossos questionários, sendo que do 8º ano : 28 meninas e 17 meninos na faixa etária de 13 a 14 anos; e do 9º ano, 21 meninas e 13 meninos na faixa etária de 15 a 16 anos . A distorção idade série no 8º ano corresponde a 36% e no 9º ano a 31% (QEdu, 2018).

Alguns estudantes são jovens aprendizes, trabalham à tarde na região administrativa de Brasília, o que envolve um deslocamento diário de quase duas horas. Assim, esses estudantes manifestam cansaço na parte da manhã.

Essas palavras enunciadas pelos jovens foram tabuladas e lançadas no software *word cloud* para produzir nuvens de palavras. Essa ferramenta metodológica apresenta a ocorrência de determinado *corpus* de acordo com sua relevância, ou seja, o número de vezes que determinada palavra foi mencionada. Essa nuvem é relevante para o projeto, pois a visualização que ela permite, facilita a interpretação pelos jovens. No futuro, esse material deverá compor os blogs interativos que pretendemos desenvolver , com disponibilização dos mapas, álbuns de fotos, histórias coletadas, entre outros. Em segundo lugar, seu uso aponta desdobramentos para aprofundarmos a pesquisa.

Apresentamos, a seguir, a nuvem de palavras com os resultados preliminares obtidos na primeira fase da pesquisa: A resposta à pergunta nº 17 - “Assinale as habilidades que você melhor desenvolveu ao longo da sua trajetória educativa” - do questionário aplicado em uma escola da zona urbana de Planaltina/DF gerou a seguinte nuvem de palavras:

Figura 9: Nuvem de palavras sobre a trajetória educativa dos jovens.



Para construir os *corpus* dessa questão, disponibilizamos, no questionário, 21 habilidades que os estudantes puderam assinalar de acordo com suas percepções, além de uma questão em que podiam livremente indicar uma habilidade. Ao analisarmos a nuvem de palavras ilustrada na figura 4, percebemos a ocorrência em maior número do *corpus*: autoconhecimento (67), convivência (58), respeito à diversidade (55), leitura e escrita (53), criatividade (52), curiosidade (48), comunicação (42), raciocínio lógico (38), pensamento crítico (38), saúde e bem-estar (38), conhecimento sobre direitos e deveres do cidadão (35), solidariedade (35), coletividade (32), pensamento científico (28), leitura de mundo (28), saberes ambientais (27), expressão artística (23), autonomia (22), expressão corporal (19), empatia (19).

Ao analisar a nuvem de palavras sobre a trajetória educativa, é interessante observar que, de um modo geral, os estudantes atribuem um papel de destaque à sua formação e têm boa relação com a escola. Poderíamos inferir que o significativo peso atribuído ao *corpus* autoconhecimento, convivência e respeito à diversidade entraria na discussão do dualismo da escola pública brasileira “escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres” (LIBÂNEO, 2012, p. 15).

Os estudantes que responderam ao questionário mencionam uma miríade de palavras ligadas aos aspectos formativos de modo abrangente. Isso nos permite inferir que eles não

apostam em um currículo com disciplinas fechadas e conteudistas, eles relativizam a importância dessas, embora a leitura e a escrita estejam muito bem representadas. Percebe-se que estão interessados em uma matriz formativa, que os conecta à vida social, ao coletivo, à vida social, como um todo.

O instrumento formal da educação que os estudantes trazem em suas falas é a escola. No caso desta pesquisa, são as escolas públicas, que são os espaços de trocas, de vínculos, de experiências estéticas, entre tantas outras. Cabe ponderar que a escola tem sido um importante local de encontro, de parcerias, de abertura para o desconhecido, entre outros. Assim, embora a pesquisa tenha sido realizada em uma área reconhecidamente atestada pelo poder público como de extrema violência, observamos que a escola não traz em sua infraestrutura as marcas dessa violência. Destacamos, ainda, que não se trata de fazer uma apologia à escola como um todo, mas reconhecer ali a potência e as brechas para transformações preponderantes.

Dando prosseguimento ao diálogo com os jovens sobre seu olhar para a escola, inserimos na pergunta nº 19 a seguinte questão: “Em quais aspectos ela é útil para a sua vida?”.

Figura 10: Nuvem de palavras sobre a relevância da trajetória educativa dos jovens.



Essa pergunta constava no questionário com sete alternativas para serem assinaladas sobre em que medida a escola seria útil para a vida do jovem, além de uma pergunta aberta - inserção não direcionada. Como não havia limite para a inserção, trabalha-se com o número de vezes que uma palavra foi selecionada, não com o número de estudantes que a selecionou. Quanto às respostas: a opção que atribuiu importância para as atividades do “dia a dia” foi assinalada 42 vezes; 38, o acesso ao ensino superior, 26, a vida em comunidade; 18, o trabalho; 17, a autoconfiança; 11, a participação na vida da cidade e 10 relacionadas à renda.

Da mesma forma que, na nuvem anterior, os jovens atribuem sentidos à escola, aos aprendizados que nela obtêm e também às vivências que produzem nesse espaço público.

Compreendemos a forte vinculação entre a escola e a cidade, como também sabemos dos reflexos e articulações entre a comunidade escolar e a comunidade no entorno da escola. Assim, buscamos conhecer a territorialidade desse jovem, ou seja, seu espaço vivido, percebido, representado (LEFEBVRE, 2013 e HOFFMANN; MORALES 2018) e, vivenciado, na perspectiva vigotskiana, ligada à ideia de vivência (*perejivanie*), que se refere à unidade fundada entre pessoa-meio e o de reelaboração criadora (*tvortcheskaia pererabotka*) que implica o potencial criativo/criador da pessoa para (re)interpretar a cultura, a partir de uma atividade organizadora interna. Ambos os conceitos contribuem para se compreender como se procede ao enraizamento no mundo, na cultura, de forma que seja possível a renovação da própria cultura (FERNANDES, 2018). Assim, perguntamos aos jovens como eles veem a cidade, como interagem com ela, qual sua mobilidade.

Assim, na questão 21 do questionário, solicitamos aos estudantes: “Escreva três palavras sobre o lado positivo da cidade e três palavras sobre os aspectos negativos”. As nuvens a seguir traduzem esse olhar:

Figura 11: Pontos positivos da cidade



O corpus mais frequente foi ecologia, com 16 repetições; seguido de lazer, com 11; de bonita, 10; de convivência, 06; de tranquilidade e esporte, 04; de diversidade, polícia e comércio, com 03 menções. A partir disso, alcançaram duas menções: idiomas, diversão, família e calma. Os demais *corpus* foram mencionados uma vez: acolhedora, alegria, amar,

identificadas pelos jovens como negativas na cidade. Assim, os jovens apresentam as contradições e as disparidades territoriais. A realidade observada é explicada, em parte, pela lógica da violência na localidade, pela falta de bens e equipamentos públicos. Uma de nossas pesquisas aponta para o fato de que a capital federal se apresenta hoje com má distribuição dos equipamentos públicos, com problemas emergentes de várias ordens (moradia, mobilidade, trabalho, dificuldade de acesso à escola e aos meios de produção, escassez de água, violência). A centralização dos serviços e a sonegação de equipamentos públicos nas áreas periféricas forçam o ciclo de dependência em relação ao Plano Piloto (Brasília). (BARBOSA; FERNANDES, no prelo).

1.4. Brazlândia

Aqui tem comida barata, mas eu queria que tivesse livro barato.

No lugar da feira, eu queria um shopping

A expectativa é o lago limpo e a realidade é o lago todo sujo e poluído

(estudantes da escola do campo, 2019)

A IV Região Administrativa (RA IV) de Brazlândia foi pesquisada por Cássia Elen Nunes de Almeida, bolsista de Iniciação Científica PIBIC 2018/2019, moradora de Brazlândia e graduanda da Faculdade de Educação da UnB.

Em seu trabalho, Cássia Elen registra a origem de Brazlândia que foi decretada como Distrito em 1932 e, no ano seguinte, tem a sua primeira subprefeitura inaugurada, até que em 1938 volta a ser considerada um povoado de Santa Luzia (atual Luziânia), do estado de Goiás. Com a inauguração de Brasília, a Região Administrativa de Brazlândia foi efetivada em 1964. Com economia voltada à capital, Brazlândia está localizada a 50 km de Brasília é uma das RA mais distantes da capital federal.

Seu nome se dá pela presença da numerosa família Braz que, ao lado das famílias Abreu de Lima e Rodrigues de Prado, iniciaram a ocupação dessas áreas. Hoje, a população de Brazlândia é de 54 mil habitantes (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA, 2019) ocupada no comércio local e, principalmente, na agricultura e pecuária, na medida em que constitui o cinturão verde da capital. Além de fonte importante de hortifrutigranjeiros, Brazlândia é, também, responsável por 60% da água que abastece a capital (represa do Rio Descoberto e Lago Descoberto).

No levantamento do estado da arte das pesquisas sobre a Região Administrativa de Brazlândia, no repositório da Universidade de Brasília (UnB), Cássia Elen percebe lacunas no campo dos saberes e vivências dos jovens dessa região: “não encontramos pesquisas em que esses jovens têm autoria em sua narrativa, discorrendo sobre esse território e revelando suas marcas e identidades” (Almeida, 2019: 4).

Em um município rural, optou-se por realizar a pesquisa e a escuta dos jovens locais a partir de um escola do campo - o Centro Educacional - CED Irmã Regina (Região do Rodeador-Brazlândia-DF) que, orientada pelos princípios da Educação do Campo, parte do protagonismo e da autonomia do aluno-trabalhador em seu processo de construção do conhecimento acerca do seu território, a partir de práticas pedagógicas que fomentam o diálogo entre os seus saberes e vivências com os conhecimentos científicos. Posicionamento pedagógico que, segundo Molina (2011) adota “uma perspectiva contra hegemônica, além das funções tradicionalmente reservadas à escola, de socialização das novas gerações e de transmissão de conhecimento (MOLINA & FREITAS, 2011: 25 apud ALMEIDA, 2019: 5).

Figura 14: Dia do Campo para os professores de Brazlândia.



Fonte: GPS, 2019.

Como espaço pedagógico, o CED Irmã Regina conta com 17 Salas Ambientais, 02 Laboratório de Ciências, 01 Laboratório de Informática, 01 Sala de Leitura/Biblioteca, 01 Sala de Recursos, 02 Sala de Professores/Coordenação, 01 Sala de Apoio Pedagógico, 01 Pátio, Praça e Arena Cultural.

Figura 15: Imagem panorâmica da localização da escola



Fonte: GPS, 2019.

Figura 16: Quadra esportiva descoberta



Fonte: GPS, 2019.

Figura 17: Horta da escola.



Fonte: GPS, 2019.

Seguindo a orientação de uma pesquisa qualitativa, buscou-se a colaboração e o compartilhamento com os sujeitos da pesquisa a partir de entrevistas semiestruturadas com a equipe de gestão da escola e da Regional de ensino, com estudantes do 8º ano do curso matutino⁹, de acordo com a seleção da equipe gestora. O Projeto Político Pedagógico - PPP (2018) da escola também foi documento de análise e de confirmação da formalização do compromisso daquela comunidade escolar com a gestão democrática e com valores que, articulando prática e teoria, estejam voltados à formação “solidária, criativa, ética e participativa” dos estudantes, de modo que possam exercer sua cidadania e seu “papel social” (CED Irmã Regina, 2018). Questionários foram aplicados e foram solicitados que realizassem desenhos que retratassem a realidade e a expectativa do seu território. Finalmente, os estudantes foram convidados a fotografar e filmar o espaço escolar.

Três grandes temáticas se depreenderam da pesquisa:

1. Entre os “problemas enfrentados”, destaca-se claramente a questão do transporte com poucos ônibus, horários incertos, tamanho e conservação insuficientes. Entre os aspectos negativos o grupo pesquisado destacou os seguintes aspectos:

⁹ O CED Irmã Regina atende o EF I e II (matutino e vespertino), o EM (matutino) e o EJA I (1o, 2º e 3º segmentos - noturno).

Figura 18: Nuvem de palavras com problemas enfrentados



2. No que diz respeito à percepção das diferenças entre o campo e a cidade, os estudantes destacam a insuficiência de lazer, de segurança, de comércio, além da deficiente infraestrutura de saúde no campo;

Figura 19: Desenho a partir da orientação: “*Expresse o sonho*”



Fonte: GPS, 2019.

3. No levantamento de aspectos positivos dos seus territórios obteve-se a seguinte nuvem de palavras

Figura 20: Nuvem de palavras sobre pontos positivos do território



Fonte: ALMEIDA, C.E.N., 2019.

Quanto ao Centro Educacional Irmã Regina essa primeira pesquisa exploratória, realizada no âmbito da Iniciação Científica - PIBIC - dá fortes indícios de que a escola tem condições de constituir um espaço contra hegemônico, na medida em que suas condições de infraestrutura são bastante adequadas para o desenvolvimento de práticas e de vivências pedagógicas de qualidade (vide fotos e detalhamento de salas, laboratórios e quadras) e os compromissos expressos em seu Projeto Político Pedagógico e declarados nas entrevistas realizadas junto à equipe de gestão, estão em sintonia com as particularidades da Educação do Campo (artigo 28 da Lei de Diretrizes e Bases 9394/1996), em que os “conteúdos curriculares e as metodologias deve ser apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural”, de maneira que haja um verdadeiro diálogo de saberes do campo e suas diferentes culturas tradicionais populares com os saberes ocidentais sistematizados pelo pensamento científico.

1.5. São Sebastião (Região Administrativa XIV)

Eu vim para São Sebastião eu tinha 14 anos, meu pai veio trabalhar em uma cerâmica. Chamava cerâmica São Paulo. Aí ele veio trabalhar.

Vinha gente de todo canto, Ceará, Piauí, vinha de todo canto, ai nós viemos para cá para trabalhar, meu pai veio trabalhar, eu tinha 14 anos.

Dona Leontina (23/07/2020)

Eu sou de Minas, apareceu um caminhão pau de arara trazendo gente

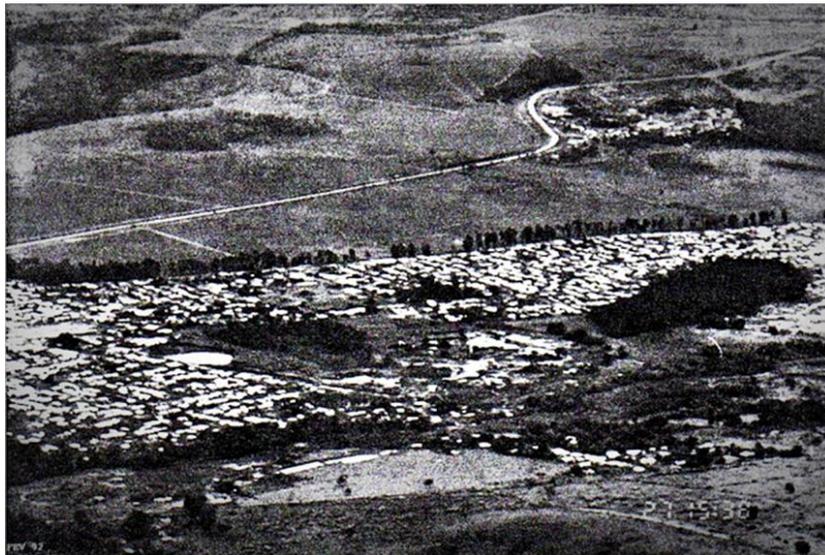
para trabalhar nas olarias, eu vim de lá para cá em busca de um trabalho para ganhar um dinheirinho. Naquela época ganhava muito dinheiro, que era para construção de Brasília.
Seu Tião Areia (04/08/2020)

Constituída nas terras das antigas fazendas de Taboquinha, Papuda e Cachoeirinha, desapropriadas no ano de 1956 para instalação de olarias e cascalheiras, São Sebastião procurava atender a demanda de produtos de construção civil, em especial tijolos, para a nova capital do país (CODEPLAN, 2019 apud Câmara, 2019)

Finalizados os contratos com as olarias, por volta de 1986, a área foi sendo ocupada de forma espontânea por ex-trabalhadores das fábricas de tijolos. Foi essa a origem dos bairros Tradicional, Centro, São José e Vila Nova (CODEPLAN, 2019) que, ao longo da década de 1990 tiveram um expressivo adensamento populacional.

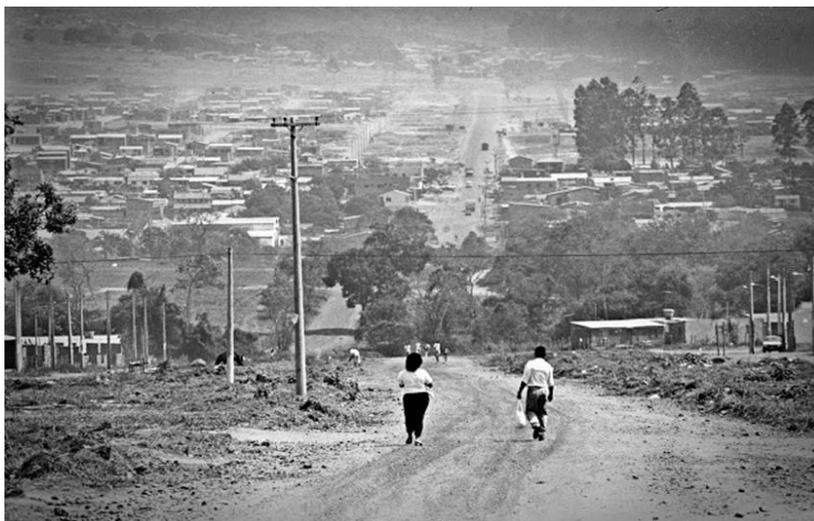
Somente em 25 de junho de 1993, a Agrovila São Sebastião passa a ser reconhecida como Região Administrativa XIV. São 383,71 km² de malha urbana demarcada por decreto de 1995.

Figura 21: Recém-criada RA XIV de São Sebastião



Fonte: <http://bairromorroazul.blogspot.com.br/2012/01/cidade-de-brasilia-foi-concluida-mas.html>.
Acesso em 29 de agosto de 2020.

Figura 22: Agrovila



Fonte: <http://bairromorroazul.blogspot.com.br/2012/01/cidade-de-brasilia-foi-concluida-mas.html>.

Acesso em 29 de agosto de 2020.

Sem planejamento, a malha urbana de São Sebastião abriga uma população empobrecida que buscava oportunidades na cidade de Brasília que, por sua vez, não previu espaço para essa população. Segundo os relatos coletados junto aos pioneiros, foi preciso muita mobilização para a conquista dos direitos básicos de moradia, transporte e educação.

De acordo com levantamento realizado por Iranilde Tavares da Câmara, a partir de dados disponibilizados pela Codeplan (2018), São Sebastião tem uma população urbana estimada em 115.256 habitantes, sendo 51% do gênero feminino. Crianças, na faixa de zero a 14 anos, somam 22,73%, e os idosos representam 8,37%. A idade média é de 28,5 anos. Em termos de arranjos familiares, a maioria (20,3%) é constituída de casal com dois filhos, seguidos de casal com um filho (19,9%) e de mães com filhos (monoparental feminino), que representam 17,5% das famílias da cidade.

Em termos de raça, a cidade é constituída em sua maioria por indivíduos que se declararam pardos (53,2%), seguidos de brancos (34%), pretos (11%) e amarelos (1,5%). Em relação ao acesso à saúde, 88,9% da população de São Sebastião não possui cobertura empresarial de planos de saúde nem acesso particular, dependendo dos serviços de saúde pública.

Em termos de acesso à educação, tinha-se em 2018, 2,7% da população local declarando não saber ler nem escrever. Do grupo entre 4 e 24 anos, 59,5% estavam matriculados em escolas públicas, 26,4% declararam não estar matriculados, mas já terem frequentado a escola, enquanto

2,1% declararam nunca ter frequentado a escola. Apenas 11,9% do grupo desta faixa etária estudava em escolas particulares. Da totalidade de jovens que frequentam as escolas, 71,8% estudam em escolas localizadas em São Sebastião, 21,9% deles se deslocam para o Plano Piloto para estudar.

Além disso, em tal pesquisa, é possível identificar que a maior parte da juventude da cidade está dentro das escolas. Das crianças entre 6 e 14 anos, 98,2% frequenta as escolas e dos adolescentes entre 15 e 17 anos, 90% é frequente. Além disso, o meio de transporte que utilizam para ir estudar é, na maioria dos casos, a pé (46,5%), seguido do uso do ônibus (26,9%). Por essas informações é possível perceber a potencialidade que as escolas locais têm no acesso à juventude local, podendo exercer influência na formação cultural da comunidade. Além disso, a cidade é utilizada por esses jovens, que estão diretamente em contato com o cotidiano urbano, por caminharem quase que diariamente pelas ruas. Se tomarmos a escolaridade dos adultos, com mais de 25 anos, percebe-se que parte significativa da população encerra os estudos no Ensino Fundamental ou Médio. Apenas 18,1% tem ensino superior completo, 31,3% tem o médio completo, 29% tem o fundamental incompleto e 22% tem ensino fundamental completo.

Ainda na pesquisa da CODEPLAN, a PDAD (Pesquisa Distrital por Amostragem Domiciliar, 2018), identificou-se que da população entre 18 e 29 anos, 28,4% nem estudava e nem trabalhava. Entre a população que se declara inserida no mercado de trabalho 69,2% da população trabalha no setor de serviços. 59,5% declararam estar empregados (não doméstico), 24,4% são autônomos e 8,9% empregados domésticos. Uma pequena parte de jovens, 1,8%, afirmou trabalhar com estágio remunerado.

Ao observarmos a população de São Sebastião em termos de renda, ainda segundo a PDAD, percebemos uma população de baixa renda a média-baixa, consolidando uma remuneração média de R\$ 2.067,04. Em salários mínimos, à época em R\$ 954,00, tinha-se a maior parte da população da cidade (51%) sendo remunerada entre 1 e 2 salários mínimos mensais.

Em termos de propriedade, tem-se a maior parte da população habitando em residências próprias, o que totalizam 45,5% dos imóveis. Outros 13,5% ainda pagavam o financiamento do imóvel em 2018 e os demais estavam em casa alugadas ou cedidas. Este aspecto também se mostra relevante para a perspectiva de nossa pesquisa, no sentido de que a casa própria e a

fixação de uma população em uma localidade ampliam as chances de engajamento social em benefício de melhorias locais, além dos vínculos de vizinhança.

Em contraste com a “cidade jardim” que constitui o Plano Piloto planejado como modelo da “civilidade” do “Brasil moderno”, São Sebastião é um dos refúgios da massa de trabalhadores da construção civil de Brasília. A particularidade da ocupação urbana de São Sebastião, diz respeito ao fato de que sua área compreende as fazendas da Taboquinha, Papuda e Cachoeirinha que foram desapropriadas em 1957 para a construção da capital. Ao mesmo tempo a disponibilidade de areia e argila levou a instalação de diversas olarias que destinavam seu produto para os canteiros de obra da capital, até que ao término das obras e consequente redução da demanda, muitas olarias são desativadas deixando centena de trabalhadores sem emprego e em busca de melhores condições de moradia na região. É a mobilização desses “pioneiros” que instaura em 1993 a Região Administrativa XIV e seu Plano de Ordenamento Territorial.

A infraestrutura urbana é bem avaliada pelos moradores, sendo uma parte pequena dos domicílios (0,4%) que não está conectada à rede de esgoto. 99,9% recebe abastecimento de água e 99,8% da população é atendida pela rede elétrica. 97,2% tem coleta de lixo não seletiva, no entanto há uma parte significativa de domicílios com entulhos nas proximidades (32,4%), com ruas esburacadas (28,6%) e áreas que alagam em caso de chuva (20,9%). Quanto ao nível de policiamento, apenas 45,5% declararam ter policiamento regular nas proximidades do domicílio.

Além da aplicação das entrevistas semiestruturadas e dos questionários aplicados nos demais projetos de Iniciação Científica, foram realizadas entrevistas com pioneiros e com jovens lideranças de movimentos culturais, como o Movimento Radicais Livres que reivindica espaço no circuito de arte e cultura do Plano Piloto e de São Sebastião:

E aí, a gente, dentro desse movimento dos radicais livres, começou a fazer o sarau, e a questão que a gente percebia era a dificuldade imensa de frequentar o Plano Piloto. Pagar passagem, pra poder ir até o Plano, assistir um teatro, que é caríssimo, depois ir para a rodoviária e pegar outro ônibus e voltar, sendo que você tem que trabalhar o dia inteiro, não era propício pra gente poder experimentar e vivenciar a cultura

(Isaac Mendes, 12/12/2019).

O relato ilustra como a escola passou a ser central neste processo, na medida em que enquanto movimento social da cidade, os Radicais Livres tentam ir onde os jovens estão, nas escolas e em outros projetos sociais. A origem do grupo está relacionada, inclusive, a uma escola de Ensino Médio, o Centrão (CED 01) que contava com uma liderança local, o porteiro Paulo Dagomé que abria as portas da escola para os grupos de jovens realizarem saraus.

Outra liderança importante de São Sebastião, o professor Elias fala da criação do Fórum de Entidades de São Sebastião, em 2007, a fim de articular as entidades sociais que passaram a se reunir mensalmente para debater as pautas da cidade e mobilizar ações para pressionar o poder público. Tendo funcionado por 10 anos, o Fórum chegou a contar com 40 entidades e serviu de modelo e inspiração para outras Regiões Administrativas.

Na pesquisa realizada junto com Luna Letícia Lambert, Matheus Costa de Sousa, Lucília Francisco da Silva, foram aplicados 250 questionários, 200 em uma Escola do Ensino Médio e 50 em uma escola do Ensino Fundamental de São Sebastião.

A pesquisa complementa os dados já levantados acima, trazendo a renda média da população que é de 5,2 salários mínimos, sendo que um grande contingente da população vive em situação de pobreza. Além disso, na análise das respostas aos questionários aplicados nas escolas observaram-se elementos as seguintes características do olhar dos jovens sobre a sua cidade:

- consideram a cidade violenta;
- sentem falta de muitos direitos básicos, como saúde, educação, infraestrutura e mobilidade;
- gostam da cidade, em especial por “estarem acostumados” ou por ser onde moram amigos e parentes;
- não conhecem e têm pouca participação nas ações políticas no território;
- usufruem de um lazer tipicamente urbano, ressaltando as praças, clubes, pista de skate, vila olímpica e eventos culturais;
- consideram as escolas regulares e se mostram satisfeitos com suas trajetórias educativas, no entanto ressaltam ter desenvolvido melhor elementos como coletividade, convivência e respeito à diversidade do que pensamento crítico, conhecimentos científicos e leitura e escrita.

Aos estudantes foi solicitado que desenhassem a sua percepção sobre a cidade no presente, em seguida o seu sonho para a cidade no futuro. Assim foi possível colher impressões de como o jovem percebe e convive na cidade.

Notou-se principalmente que a juventude cresce observando carência de equipamentos básicos de qualidade de vida, como hospitais e saneamento básico.

Outro aspecto observado, diz respeito aos elementos que ressaltam o caráter de apropriação capitalista do território com a presença de shoppings e empresas multinacionais, como MacDonal, caracterizando a relação que Santos (1987) faz ao distinguir os consumidores dos cidadãos. O autor alerta que o ato de consumir bens materiais, aqueles que dão algum status, tais como casa própria e automóvel, ou bens imateriais, envoltos de regalias pagas, como clubes e viagens, não dá pertencimento e prática cidadã.

A partir desta pesquisa, concluímos que São Sebastião é uma cidade na qual a mobilização social é inerente ao processo urbano desde sua consolidação. As ações do Estado são falhas, demonstrando ser um território excludente e repleto de carências que provavelmente originam as maiores dificuldades vivenciadas pela população, como a criminalidade de parte da juventude. No entanto, essas mesmas carências também podem ser vistas como elementos desencadeadores da mobilização em função do direito à cidade, no qual centenas de pessoas reivindicam condições mais justas e dignas de vida urbana.

Entende-se que o pequeno número de jovens participantes se deve às dificuldades de comunicação, mobilidade e segurança, que afastam os jovens de muitas possibilidades oferecidas nas ruas e que, também pela mobilização local, esses desafios devem ser pensados e solucionados no coletivo. Além disso, encontra-se uma fragilidade no processo formativo escolar, que não aponta para a necessidade de se pensar e agir em função de uma cidade mais

organizada e justa, que de fato atenda aos desejos da comunidade local. A vida da cidade de São Sebastião precisa ser cada vez mais internalizada nas escolas locais e o próprio processo educativo deve estar mais conectado com a rua, para que essa possa sim, ser um território de formação social cada vez mais conectado com necessárias transformações individuais e coletivas, já tão pulsantes nesse território. Finalmente, a relação dialógica com o meio, conforme nos fala Paulo Freire (1987), é muito importante na conquista do direito à cidade.

1.6. Gama

Pesquisa realizada por Flávio Carvalho Alves no âmbito do PIBIC - Pesquisa de Iniciação Científica realizada a partir do GPS - Grupo de de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento, buscou investigar as condições de produção e reprodução da existência social das pessoas, de jovens da comunidade de Ponte Alta, área rural da cidade de Gama, Região Administrativa do DF que está a 30 km do Plano Piloto.

Procurou-se compreender a articulação dos saberes locais e curriculares, no contexto da escola que, na ordem capitalista é lócus de embates e antagonismo, sendo que a inclusão da população pobre escancara essa condição. Portanto, constitui-se objetivo principal dessa pesquisa compreender a articulação entre os saberes dos jovens da comunidade do Núcleo Rural da Ponte Alta, Gama/DF e o currículo de ciências humanas da escola CEF Tamanduá. Entre as regiões administrativas que constituem a UPT Sul, a RA II – Gama é a única a possuir um histórico de urbanização que se inicia na década de 1960, relacionado à formação do Distrito Federal.

Figura 23: Igreja Nossa Senhora Aparecida, Gama, 1968.



Fonte: Arquivo Público

Figura 24: Vista da Cidade do Gama, 1968.



Fonte: Arquivo Público

Figura 25: Inauguração da rede elétrica do Gama, 1966.



Fonte: Arquivo Público

Figura 26: foto: Centro Comunitário Vila São João do Gama, 1965



Fonte: Arquivo Público

A cidade do Gama foi instituída pela Lei nº 3.751 de 13 de abril de 1960 e inaugurada em 12 de outubro de 1960. Os primeiros moradores foram famílias de trabalhadores oriundas da construção da Barragem do Paranoá e também da Vila Amaury, Vila IAPI e Vila Planalto. Contrastando com sua gênese, a cidade do Gama, nas últimas duas décadas vivencia um crescimento da área urbana e o desenvolvimento de sua economia. A cidade incipiente, originada com alguns barracos, dá lugar a um processo de expansão (FRAZÃO, 2009, p. 66). A cidade exerce a função de pólo econômico e de influência de municípios e localidades da periferia metropolitana de Brasília, como Novo Gama, Valparaíso, Cidade Ocidental, Luziânia, Santo Antônio do Descoberto, Céu Azul, Engenho das Lages e Pedregal (CODEPLAN, 2018, p. 10).

A PDAD 2018 aponta que a população urbana da RA Gama era de 132.466 pessoas, sendo 52,5% do sexo feminino, com idade média de 34,4 anos. Se comparados aos dados do PDAD 2015, vemos um declínio populacional que estimava uma população de 141.911 habitantes.

Quanto ao nível de escolaridade, a população concentra-se na categoria dos que têm ensino fundamental incompleto, 32,96%, seguido pelo médio completo, 25,85%. Os que possuem nível superior completo são 12,66%. Analfabetos na região representam 2,27%

(CODEPLAN, p. 24). Dos alunos moradores no Gama, 82,68% estudam na própria região (CODEPLAN, p. 26).

Nesse sentido, quanto ao aproveitamento das escolas como espaço de mobilização social e de lazer, afirma-se que, “98,73% das famílias com filhos nas escolas negam utilizar os espaços das escolas para atividades extraclasse; 93,95% desconhecem Ideb/Prova Brasil e 80,57% dizem não conhecer os projetos pedagógicos da escola. Campanhas e reuniões na escola têm participação de 30,25% das famílias” (CODEPLAN, 2015).

Com relação aos indicadores de renda da cidade, há a ocorrência de uma média de renda mensal de, aproximadamente, 5,6 salários por domicílio e a renda per capita de 1,7 salários mínimos. O Gama tem um nível de desigualdade relativamente alto, quando “os 10% mais ricos absorvem 34,63% da renda, e os 10% de menor poder aquisitivo detêm apenas 1,73%” (CODEPLAN, p. 35). Atualmente, em 2019, o Gama conta, em seu espaço urbano, com edifícios de luxo com 24 andares, assim como o Edifício Flex Gama, que fica a poucos metros do Shopping do Gama, Estádio Bezerrão e Centro Olímpico. A 20 quilômetros de distância, na área rural do Gama, onde se encontra o Centro de Ensino Fundamental Tamanduá (CEF Tamanduá), vemos de forma imponente, no alto do centro da cidade, o edifício acima citado. A cultura da cidade é expressa por meio de feiras e festivais periódicos, mas também pelos movimentos culturais locais. O Festival Popular da Música do Gama, por exemplo, reúne artistas há 27 anos. A Feira de Arte e Amostra do Gama (FAA Gama), criada para comemorar o aniversário da cidade, em 12 de outubro, está na 52ª edição. Outro destaque é o Arte nas Feiras, projeto estabelecido nas cinco feiras da cidade que promove os movimentos culturais de raízes nordestinas. A população do Gama tem à sua disposição os seguintes equipamentos culturais: Espaço Cultural Galpão-zinho; Teatro Espaço Semente; Auditório da Administração; e a Biblioteca Pública do Gama. Além disso, existem entidades reconhecidas que desenvolvem ações socioculturais nas comunidades, chamadas de pontos de cultura. Na Região Administrativa do Gama existem dois pontos de cultura: a Rede Ação Cultural do Gama, e a Bagagem Cia de Bonecos. O primeiro conta com estúdio digital e telecentro. O segundo realiza espetáculos, oficina de circo e confecção de bonecos.

O cine Itapuã, localizado no Setor Leste do Gama foi a segunda sala de cinema a entrar em operação no Distrito Federal. Ele foi inaugurado em 1963 e já foi considerado o segundo maior cinema de Brasília. Sendo durante décadas uma das melhores opções de lazer e

entretenimento da região. A sala, com capacidade para 500 pessoas, era utilizada por exibidoras de filmes comerciais. O Cine Itapuã exibiu filmes durante décadas até ser fechado em 2005. O cine Itapuã, considerado “Patrimônio Cultural e Material do Distrito Federal” pela “Lei nº 5.616 de 2016, sancionada por Rodrigo Rollemberg em 26 de fevereiro do mesmo ano e publicada na página 02 do DODF de 29 de fevereiro de 2016, talvez, configure hoje, o maior descaso com a cultura e lazer do Gama.

A presente pesquisa foi desenvolvida no Centro de Ensino Fundamental Tamanduá, área rural da cidade do Gama. Com autorização da Coordenação Regional, fizemos a primeira visita à escola, o qual nos permitiu uma compreensão das particularidades do local e seu Projeto Político Pedagógico. A direção, abriu as portas da escola para a pesquisa e com prestatividade e atenção, nos acomodou nas turmas 8 “A” e 8 “B”, o que nos facultou o levantamento de dados, através de diálogos, das vivências e de questionário, o que, por fim, culminou nas considerações finais com análise crítica dos dados coletados. Estas turmas foram acompanhadas por um período de dois meses.

O quadro a seguir apresenta o resumo dos comentários feitos pelos jovens sobre sua comunidade. As colunas estão divididas em: “Coluna A”, problemas enfrentados; “Coluna B”, a percepção dos jovens sobre as diferenças entre o campo e a cidade; “Coluna C”, mostra pontos que gostam e que não gostam em sua comunidade; “Coluna D”, indica os locais em sua comunidade que apresentariam aos visitantes da cidade.

Figura 27: Resumo dos comentários feitos

COLUNA A	COLUNA B	COLUNA C	COLUNA D
Os jovens demonstram um consenso sobre a falta de qualidade das estradas, falam que é recorrente o aumento de buracos e comentam sobre “o governo nunca ir tapar os buracos”. A oferta de comércio, hospital, creche, transporte público, centro de ensino médio, “escolas particulares de línguas para nosso conhecimento”, também foi lembrado pelos estudantes do CEF TAM.	A principal diferença lembrada é que “na Ponte Alta tudo é longe e na Cidade tem tudo”. Falam que “gostam de ir ao shopping e ir às lanchonetes do Gama”. Ao mesmo tempo, ponto positivo do campo é a tranquilidade e segurança, “na cidade não tem como andar a noite é perigoso”, “tem muito barulho”.	Os pontos apresentados aqui, são parecidos com as diferenças espaço urbano/rural. O que gostam é da tranquilidade, “os vizinhos são muito legais”, “tem muito córrego”, “gosto da minha casa, de meus amigos”. O que não gostam, principalmente, é da distância, seja de comércios ou dos próprios amigos. Lembram também que, “não gosto daqui porque não é igual a cidade” ou “gostaria aqui fosse mais cheio de coisas, como lojas e tal”.	Lembram da paisagem da própria área rural “tem muito verde e bicho” e “tem um córrego aqui perto (tendo como referência a escola) mas não sei o nome, é bem bonito lá”.

Fonte: elaboração própria com base nos questionários aplicados no Centro de Ensino Fundamental Tamanduá.

A pesquisa, a vivência, o vínculo, os recorrentes diálogos com professores, direção, trabalhadores do asseio e estudantes, nos possibilitaram apreender particularidades do Centro de Ensino Fundamental. Com efeito, pudemos nos debruçar sobre a articulação dos saberes dos jovens da Ponte Alta e os saberes curriculares. A maioria dos jovens que participou da pesquisa sente que suas expectativas na escola são contempladas, e que o saber construído na escola lhes é útil, por exemplo para engajamento na vida da comunidade e reconhecem que as aulas são fundamentais a medida que “eles (professores) me passam uma autoconfiança ao me fazer acreditar que posso alcançar meus sonhos e conseguir meu aprendizado”, “me ajuda a ser menos ignorante e ter conhecimento”. Os professores são sempre lembrados, “os projetos dos professores, me ensinam a ser mais na vida”.

Identificamos uma valorização, por parte dos estudantes, do saber dentro do espaço físico da escola. Podemos afirmar que há um esforço da escola para o reconhecimento do saber

dos estudantes. Esse esforço, advém do corpo docente quando instiga, por exemplo, os estudantes a falarem do local onde moram, dos problemas do lugar. Nestes meses de vivência presenciamos professores auxiliando a construção de jornais das turmas, onde os estudantes fariam algumas colunas no jornal. Foram estimulados a falar sobre um problema central de sua comunidade (escolheram o lixo jogado no córrego), uma pequena lenda urbana, uma paródia.

Pudemos presenciar, na semana que sucedeu o dia do campo (5 de maio), a valorização do conhecimento popular. Os jovens da escola puderam compartilhar conhecimentos sobre plantas (professores auxiliaram com proposta de pesquisa sobre o nome científico de cada planta), pegamos por exemplo a Babosa (Aloe Vera) que possui propriedades nutritivas para o corpo cabeludo. O Poejo (Menta Pulegium) que é um excelente para tratar picadas de mosquitos. Dialogaram sobre nascentes, solo, plantio e chás. Havia barracas para degustação de chás, explicações sobre seus benefícios e o modo de fazer (com a opção de adocicar com mel), ao qual do presente pesquisador, pôde aprender e adicionar receitas de chás ao seu dia-a-dia.

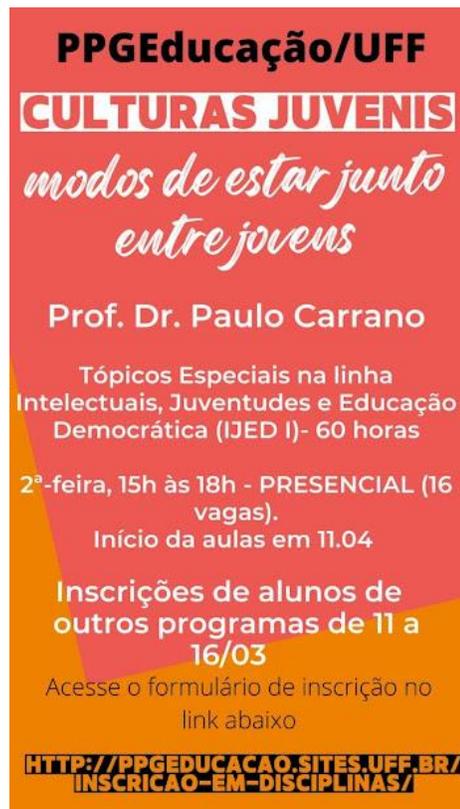
O esforço do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá ao buscar articular os saberes dos jovens com o saber curricular, demonstra a possibilidade do não rompimento com o saber popular, e sim, uma conjugação deste saber para a valorização dos jovens e de sua própria comunidade na construção de uma base fértil para novos saberes. Essa relação entre saber local e saber curricular foi discutida por Freire, afirmando em *Pedagogia da Esperança*, que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, “se não é possível defender uma prática educativa que se contente em girar em torno do “senso comum”, também não é possível aceitar a prática educativa que, zerando o “saber de experiência feito”, parta do conhecimento sistemático do/a educador/a (FREIRE, 2008, p. 58-59).

2. Rio de Janeiro e Niterói

Da aproximação com a pesquisa desenvolvida pelo Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense sob coordenação do Prof. Dr. Paulo Carrano, supervisor do estágio pós-doutoral e, da integração com seu grupo de pesquisa e trabalho, são desenvolvidas as seguintes atividades:

- Grupo de estudos *Marília Spóstio – Um Encontro Intelectual e Afetivo* que envolveu professores e estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal Fluminense-Niterói, UERJ-Rio de Janeiro e Universidade de São Paulo em São Paulo (vide programação no anexo 1);
- Disciplina Culturas Juvenis o debate desenvolvido na disciplina do Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade Federal Fluminense, *Culturas Juvenis: Modos de estar junto entre jovens* (60 horas) da linha de pesquisa Intelectuais, Juventudes e Educação Democrática. (vide ementa no anexo 2).

Figura 28: Disciplina cursada



PPGEducação/UFF
CULTURAS JUVENIS
*modos de estar junto
entre jovens*

Prof. Dr. Paulo Carrano

Tópicos Especiais na linha
Intelectuais, Juventudes e Educação
Democrática (IJED I)- 60 horas

2ª-feira, 15h às 18h - PRESENCIAL (16
vagas).
Início da aulas em 11.04

**Inscrições de alunos de
outros programas de 11 a
16/03**

Acesse o formulário de inscrição no
link abaixo

**[HTTP://PPGEDUCAO.SITES.UFF.BR/
INSCRICAO-EM-DISCIPLINAS/](http://ppgeducacao.sites.uff.br/inscricao-em-disciplinas/)**

- Trabalho de Campo no Morro do Palácio, local vem sendo trabalhado pelo Observatório Jovem em diferentes trabalhos de pesquisa e produção audiovisual.
- Trabalho de Campo no Complexo da Maré – encontro com propostas educacionais que abarcavam desde oficinas de múltiplos temas até biblioteca, museu comunitário, equipamentos culturais diversos, entre outros.
- Visita a exposições fotográficas, centros culturais, batalhas de rima, bibliotecas e museus.

Figura 29: Museu do Pontal um dos mais significativos acervos de arte popular do Brasil. Visita à visita guiada preparada para o público infanto-juvenil.

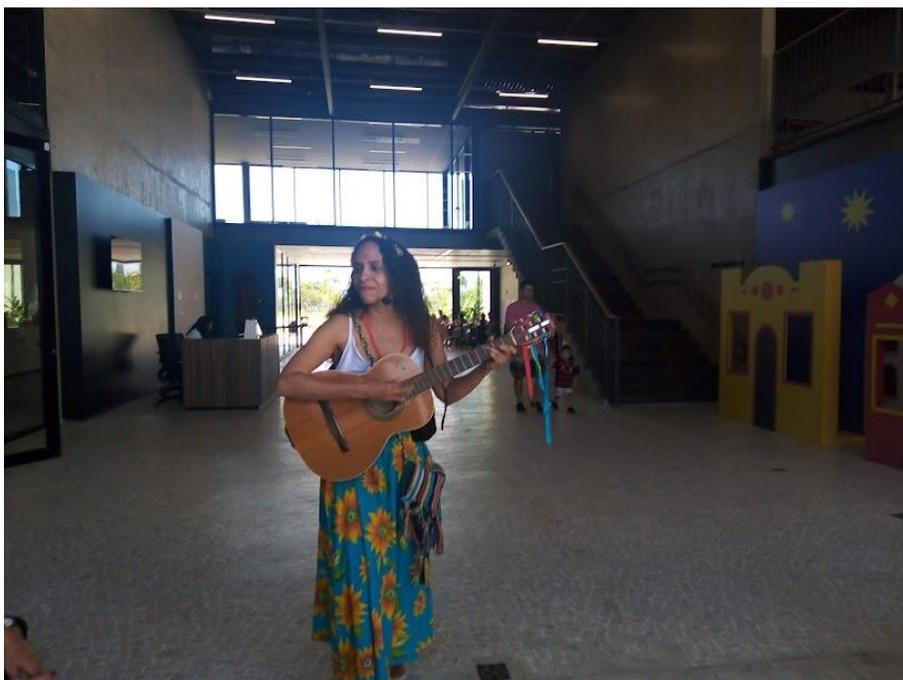


Foto: Maria Lidia Bueno Fernandes

Figura 30: Batalhas de Rima: em busca dos espaços públicos que pulsam

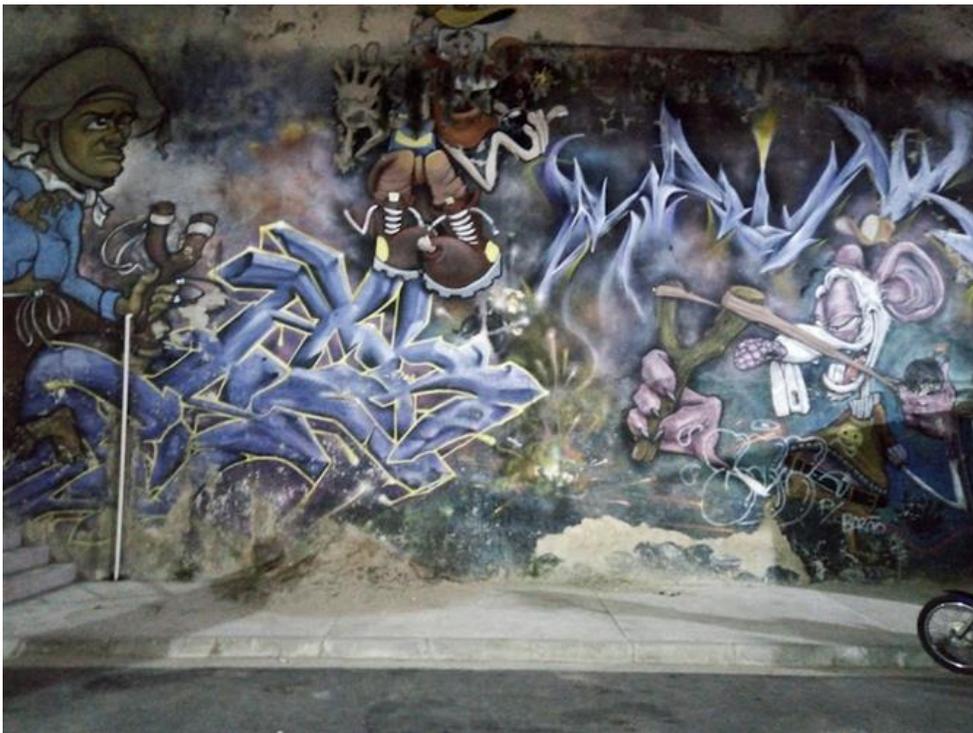


Viradouro, Niteóri acompanhada das parceiras Ana Paula e Letícia. Agosto/2022.

Figura 31: Batalhas de Rima: vidas que explodem em poesia



Figura 32: E se as paredes e muros ecoassem as vozes dos jovens e crianças?



- Acompanhamento do banco de dados da Pesquisa “Eu sou muitos – compreendendo processos de individuação de estudantes do curso de pedagogia” acompanhamento da estagiária bolsista PIBIC nas seguintes atividades: alimentação do banco, categorização, sistematização e escrita de relatório.
- Contato com a pesquisa “Meu cotidiano em fotos”, que, desde 2021 traz a rotina, os desafios e os diferentes contextos das vidas dos jovens estudantes para a discussão. A pergunta que desencadeia a proposta de trabalho é: Em 10 fotografias, quantas histórias do cotidiano você é capaz de contar?
- Imersão no banco de audiovisuais produzidos no âmbito do Observatório Jovem, Grupo de pesquisa coordenado pelo professor Paulo Carrano na UFF.
- Participação em eventos presenciais e online: Veresk, Alas, Tailler de Infancias, entre outros.

Figura 33: Lançamento da edição comemorativa da Veresk



- Coordenação da mesa: Crianças e Jovens frente ao contexto pandêmico: auscultando suas vozes! no âmbito da **74ª Reunião Anual da SBPC Ciência, Independência e Soberania Nacional**. Profa. Maria Lídia Bueno Fernandes (UNB) – Coordenadora e palestrante; Prof. Paulo Carrano (UFF) – palestrante e Profa. Isabel de Oliveira e Silva (UFMG) – palestrante

Figura 34: Card divulgando a Mesa-Redonda: Crianças e Jovens frente ao contexto pandêmico: auscultando suas vozes!

74ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
Ciência, independência e soberania nacional
24 a 30 de julho de 2022

74ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
TEMA: CIÊNCIA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL

Acreditando que a vivência e às vozes das crianças e jovens sobre o contexto pandêmico é estratégico para incorporá-los de forma ativa no debate. Convidamos a participar da Mesa-Redonda:

CRIANÇAS E JOVENS FRENTE AO CONTEXTO PANDÊMICO: AUSCULTANDO SUAS VOZES!

FORMATO: PRESENCIAL
DIA/HORA: 25/7/2022 DAS 16H00 ÀS 18H30
LOCAL: ANFITEATRO 10 - ICC SUL UNB CAMPUS DARCY RIBEIRO (ASA NORTE)
CONTAMOS COM A PRESENÇA DE VOCÊS!

COORDENADORA
Maria Lidia Bueno Fernandes (UnB)

PALESTRANTES
Paulo Carrano (UFF)
Isabel de Oliveira e Silva (UFMG)

O desenho utilizado se intitula "O mundo dominado pelo coronavírus".
Desenho temático produzido por aluno de uma escola do DF no âmbito do estudo diagnóstico sobre a realidade vivenciada por crianças, adolescentes e famílias neste período de pandemia de COVID-19.

Fonte: Produção do GPS

Com moradia temporária estabelecida no bairro do Catete, no Rio de Janeiro fomos nos aproximando da presença juvenil também, naquela cidade, o que nos levou a dois importantes espaços educativos e emancipatórios no Complexo da Maré: o Redes da Maré e o Museu da Maré/CEASM-Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

2.1. Diário de Campo do Rio de Janeiro

Uma das primeiras atividades que nos aproximou dos dois espaços da Maré foi a exposição

Figura 35: Divulgação Expo OUTRAS MARÉS no Retrato Espaço Cultural, Rio de Janeiro-RJ.



Outras Marés, parte da programação A FOTOGRAFIA POPULAR OCUPA O RETRATO que esteve em cartaz, de 24 de junho a 7 de agosto, no Retrato Espaço Cultural (Rua Benjamim Constant, 115 F, Glória). Na programação estavam previstas outras exposições, oficinas, projeções e venda de fotos. A exposição que inaugura o programa é OUTRAS MARÉS com 55 fotografias de 11 integrantes do Coletivo Fotografia Periferia e Memória - AF Rodrigues, Elisângela Leite, Fábio Caffé, Léo Lima, Luiz Baltar, Meysa Medeiros, Monara Barreto, Ratao Diniz Diniz, Thais Alvarenga, Thiago Ripper e Wanderson Santos - com curadoria de Dante Gastaldoni.

Figura 36: Abertura da exposição OUTRAS MARÉS com curadoria de Dante Dastaldoni e fotos de 11 integrantes do Coletivo Fotografia e Memória - Retrato Espaço Cultural, Glória, Rio de Janeiro.



Fotos: Maria Lidia Bueno Fernandes. Maio de 2022

2.2. Maré/Complexo da Maré - Rio de Janeiro - RJ

A operação que não é matemática

mais uma vez metrrrrrrrrrralha minha porta

Não é prova da faculdade

É prova de vida, de sobrevivência.

Meu corpo que não é a prova de balas

Se faz de aço pela forja de Ogum

Mais um dia de operação na Maré

Mais um dia que os nossos corpos
corpos corpos corpos corpos
servem de alvo para os cavalos alados
A vida segue plena e em paz em Ipanema (...)
(Performance *Cavalo Alado* - ator Matheus Frazão - diretor Leandro Nunes)¹⁰

A Maré antes da Maré¹¹ foi terra indígena que guarda nos seus nomes essa memória - Inhaúma/ave preta, Timbau/entre águas e Pinheiro/derramado. Foi, também, ponto da extração portuguesa de pau-brasil, de instalação de sesmaria e da sua Fazenda do Engenho da Pedra, lugar que atravessaria anos com seus trabalhadores negros escravizados cultivando cana, mas também, ao lado de lavradores arrendatários, alimentos para subsistência e para o abastecimento da cidade que crescia. O escoamento da produção se dará, por muitos anos, pelo Porto de Inhaúma que perde sua importância com o assoreamento da Guanabara e com a ampliação dos caminhos e estradas. Hoje é só uma leve memória trazida por alguns moradores quando se referem ao lugar como Portinho.

Até meados do séc. XX a região se caracteriza pelo fracionamento das grandes propriedades agrícolas e a manutenção de sua paisagem rural até o aparecimento gradual dos núcleos suburbanos em torno das estações da North Railway.

¹⁰ [Mostra Artística Nossa Arte, Nossa História - Museu da Maré](#) para I Encontro Internacional de Educação Popular e Cidadania - Experiências e Desafios (ver a partir do minuto 0'32").

¹¹Título do texto de Antônio Carlos Pinto Vieira (Carlinhos) cria do Morro do Timbau e cofundador do CEASM-Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré e do Museu da Maré, do livro comemorativo de 14 anos do Museu da Maré: [VIEIRA, A.C.P.; SILVA, C.R.R. & OLIVEIRA, L.A. Maré em 12 Tempos. Rio de Janeiro: A Espirógrafo Editorial, 2020.](#)

Figura 37: Região Administrativa/Município onde a escola em que estudam está situada, Planaltina, Distrito Federal, 2018



Fonte: Codeplan/DIEPS/GEREPS/PDAD 2018

Bonsucesso é um desses primeiros núcleos que foi rapidamente dividido em lotes e fomentando a construção de prédios. A chegada do Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos, também serviu de estímulo para ocupação da área vizinha. Além disso, a reforma urbana de Pereira Passos empurra a população do centro da cidade para as áreas ao redor das ferrovias. No dizer de VIEIRA et alii, “a cidade avança para os subúrbios, numa clara política de estímulo à fixação em tais regiões dessa população mais pobre” (2020, p.28).

A enseada de Inhaúma, antigo porto, começa a ser aterrada pela Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense, loteando as áreas e preparando o terreno para o traçado da Avenida Brasil e a construção de dois grandes conjuntos habitacionais da Maré, no anos 80, a Vila do João e o Conjunto Esperança.

A paisagem não é mais rural. Ao longo da Avenida Brasil se instalam grandes indústrias, o Depósito de Material Bélico da Aeronáutica, o quartel do 1º Regimento de Carros de Combate. Uma verdadeira explosão demográfica se configura no final da década de 40.

População que foi se espalhando nas diversas favelas que compõem o Complexo da Maré, espremidas entre as grandes rodovias expressas que depois da Avenida Brasil (1946), vão se configurando ali, tais como a via Expressa Presidente João Goulart ou Linha Vermelha (1978), a Linha Amarela (1997) e a orla de mangues, a partir da seguinte cronologia:

- 1940 Morro do Timbau
- 1947 Baixa do Sapateiro e Praia de Ramos
- 1948 Marcílio Dias
- 1953 Parque da Maré
- 1955 Parque Roquette Pinto
- 1961 Parque União
- 1962 Nova Holanda
- 1982 Conjunto Esperança e Vila do João
- 1984 Vila do Pinheiro
- 1985 Conjunto dos Pinheiros
- 1993 Conjunto Bento Ribeiro Dantas
- 1995 Conjunto Nova Maré
- 1998 Conjunto salsa e Merengue

Figura 38 Vista geral da Maré. Foto: João Mendes. Arquivo Dona Orosina Vieira, 1978.



Fonte: VIEIRA, SILVA & OLIVEIRA, 2020: 28.

Nesse território conflagrado e fragmentado pela presença da milícia, do Comando Vermelho e do Terceiro Comando, onde a presença do Estado, está basicamente reduzida às escolas, a uma única Lona Cultural (equipamento municipal), aos postos de saúde e aos serviços essenciais e insuficientes de coleta de lixo e saneamento básico, importantes espaços de resistência e reinvenção acontecem.

Ao longo da visita e caminhada realizada pelo complexo, encontramos diferentes equipamentos culturais públicos e privados, tais como a Biblioteca Municipal Popular Jorge Amado que funciona na [Lona Cultural da Maré – Lona Cultural Municipal Herbert Vianna](#), outro equipamento que é referência importante para cultura e para a população local.

Antes mesmo da visita local, chegava-nos a divulgação de eventos, como o que destacamos abaixo, que procuravam mobilizar a população do complexo para questões de

relevância nacional e internacional tal como o evento Tá Rolando um Clima na Maré! que, organizado pela *The Climate Reality Project Brasil*, em parceria com Faveleira e CocôZap convidava à produção coletiva de um documento com as demandas por justiça climática da Maré:

Figura 39: Espaço de leitura Jorge Amado (Maré)



Fotos: Maria Lidia Bueno Fernandes

Figura 40: demandas de justiça climática da Maré:



Fonte: Divulgação Instagram

Vivemos hoje uma das maiores crises do século: as mudanças climáticas. Os impactos da mudança climática afetam de forma e intensidade diferente grupos sociais diversos, intensificando o cenário de desigualdades já existentes. Por estar localizada em área costeira, a Maré apresenta uma situação crítica a médio prazo por conta do aumento do nível do mar, além de outros efeitos que já são sentidos pela população e tendem a ser mais intensos e frequentes, como: ilhas de calor, por ser um local com pouco cobertura de área verde; enchente pelas chuvas mais fortes, insegurança alimentar. Diante desse cenário, gostaríamos de convidá-lo a fazer parte da construção da Carta dos Direitos Climáticos da Maré que tem como objetivo construir um documento que reúna as demandas de justiça climática da Maré. Essa carta será a voz da Maré em lugares estratégicos como a Conferência de Mudança Climática da ONU (COP27) e também atores locais para o desenho e implementação de melhores políticas.

Para efeito dessa pesquisa, escolhemos duas iniciativas educativas, dois “espaços contra-hegemônicos” que focam seus trabalhos na infância e na juventude da Maré. São elas: o projeto Redes da Maré e o Museu da Maré que é parte do CEASM-Centro de Estudos e Ações

Solidárias da Maré. A seguir, nosso Diário de Campo e pesquisa sobre esses espaços contra-hegemônicos, encontrados naquele complexo de favelas.

O encontro no Mercado Vianense, foi no dia 06 de julho de 2022, uma quarta-feira. Estava costurando essa ida à Maré por vários caminhos, ter conhecido a história do Museu da Maré, no encontro Rio em Mapas, no Instituto Moreira Salles, ter conversado com pessoas moradoras na Maré, envolvidas com a temática da cultura, no chão do território, isso foi fundamental.

Assim, iniciamos as tentativas de ida a campo para visitarmos os museus, mas, diante do meu interesse, consegui que, em um encontro com Ingrid Diniz, ela acionasse um amigo, Rafael, que intermediou o encontro por meio de seu irmão, Daniel Remilik (mais tarde vim a saber que no nome Remilik estava ligado à assinatura do Daniel em suas performances como grafiteiro), que era, além de conselheiro tutelar, também coordenador da Redes da Maré. Foi ele também que divulgou importante trabalho realizado no contexto da Pandemia de Covid-19, conforme figura a seguir.

Figura 41: A Rede da Maré busca desenvolver pesquisas e atividades nas diferentes temáticas que dizem respeito à infância e juventude.



2.2.1. *Redes da Maré*



Formada por moradores da Maré e de outras partes da cidade que tiveram acesso à universidade e que também faziam parte de movimentos sociais e comunitários por educação, saúde, cultura, saneamento, iluminação pública, segurança e outros direitos, a Redes da Maré começou a se articular em 1997.

Sua primeira iniciativa foi o Pré-Vestibular Comunitário da Maré e, em 2007, formaliza-se sob o nome atual.

O nome é retrato da sua proposta de estabelecer diferentes vínculos com instituições da sociedade civil e do poder público, o que aumenta o seu alcance: “Nossa missão é tecer redes para efetivar os direitos da população do conjunto de 16 favelas da Maré”.

No início da crise sanitária, em meio às perdas de emprego, trabalho e renda e ao avanço do número de infectados e mortos, a Redes da Maré rapidamente articulou, com diferentes parceiros, a criação da campanha “Maré diz NÃO ao coronavírus!” O trabalho foi estruturado em seis frentes de atuação: Segurança Alimentar; Atendimento à população em situação de rua; Geração de renda; Acesso a direitos, cuidados e prevenção em saúde; Produção e difusão de informações e conteúdos seguros; e Apoio a artistas e grupos culturais¹²

¹² Em 2021, teve início uma segunda fase da campanha, centrada em segurança alimentar, direito à educação e cuidados com a saúde. Foram distribuídas cestas de alimentação para seis mil famílias, disponibilizados computadores, telefones, tablets e pacotes de dados para cerca de mil estudantes, testagem gratuita para covid-19, telemedicina e apoio ao isolamento seguro, em caso de doença. <https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/coronavirus#-fase2>. Dados do relatório: Covid-19 e o acesso à educação nas 16 favelas da Maré: impactos nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, realizada pela organização não governamental Redes da Maré em parceria com o Instituto Unibanco. Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Educacao_Pesquisa_Mare.pdf

Em um universo, pré pandêmico (2019) em que cerca de 20 mil estudantes estavam matriculados nas 50 escolas públicas do complexo foram importante projetos como o Impacto de Vida que buscou diminuir a falta de condições objetivas de acesso a equipamentos eletrônicos e internet entre estudantes das 16 favelas da Maré. Em 2021, 314 crianças e adolescentes receberam chips com acesso à internet e 174 tablets.

Agendamos a visita para o dia 06 de julho de 2022, a princípio às 13h, mas depois reagendada para às 13h30min. Encontrei a Ingrid às 12h no Berbigão, comemos, pedimos um uber e fomos à Maré, o endereço para o encontro: Passarela 9, no Vianense Supermercads, na Av. Brasil, 6288 - Maré, Rio de Janeiro - RJ, 21040-361. Interessante notar a própria insegurança do motorista, que, de cara nos perguntou se éramos do local, se conhecíamos, essas coisas. Chegando lá, fizemos compras no mercado, pois estávamos adiantadas, escova e pasta de dentes e um pacote de bis. Na sequência, fomos para a frente do supermercado aguardar nossos parceiros. Primeiro chegou o Daniel, muito simpático, nos informou que teria atividade na [Lona Cultural da Maré](#) (Lona Cultural Municipal Herbert Vianna), setor cultural importante, e que não poderia ficar conosco. Na sequência chega o Daniel, simpático e comunicativo, e iniciamos nossa caminhada pela Maré.

Figura 42: – Daniel Remilik do Redes na Maré, nosso guia e interlocutor.



Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 43: Prédio adaptado para atender demandas da saúde



Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes. Julho/2022

Daniel deixa claro que de um lado temos Bonsucesso e de outro a Maré. Entramos na Rua Teixeira Ribeiro que vamos seguindo, identificando os diferentes equipamentos do território. Ele nos mostra um local, inicialmente designado para trabalho com tecnologia, reaproveitado, durante o período pandêmico, para a área de saúde.

Vamos caminhando em meio a barracas de vendedores ambulantes, carros, transeuntes e um movimento muito intenso.

Figura 44: caminhada pela rua



Foto: Maria Lidia Bueno Fernandes. Julho/2022.

Durante a caminhada, paramos para fotografar, pergunto se é possível fotografar, sou imediatamente desencorajada, pois se trata de uma boca de fumo. Continuamos até a rua Principal, ali viramos à esquerda em direção à rua. Ele vai nos apresentando o bairro, fala das 16 comunidades, as nomeia, descreve cada localidade, Nova Holanda, Parque da Maré, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, que, na rua principal é possível visualizar, pelo fato ser a área mais elevada do Bairro e estar diretamente relacionada às primeiras ocupações da localidade, ainda em forma de palafitas, considerando ser o terreno originalmente área de mangue. Hoje aterrado.

Formada a partir da mobilização comunitária dos anos 80, na Maré, a Redes da Maré foi fundada como organização da sociedade civil, em 2007 que declara ter como missão “tecer as redes necessárias para efetivar os direitos da população do conjunto de 16 favelas da Maré, onde

residem mais de 140 mil pessoas” (vide site institucional: <https://www.redesdamare.org.br/>). A maior parte do grupo que começou a se mobilizar nos anos 90, correspondia aos 0,5% daqueles que tiveram acesso a universidade no bairro. Daí que a primeira ação tenha sido a criação do Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré.

Seguimos até a Rua Sargento Silva Nunes onde fica a sede da Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, com a área destinada ao atendimento jurídico, formação continuada e escritório. Ali conversamos com inúmeros profissionais, bem como moradores históricos da localidade.

Figura 45: Figura 39: Cartaz de divulgação de curso pré-vestibular.

QUE TAL ESTUDAR PARA O **ENEM** COM OS MELHORES PROFESSORES DA **UERJ** ?

Enem
que *Transforma*

AULAS GRATUITAS!!! INICIO **16/07**
Todos os Sábados - 08:00h as 18:00h

INSCRIÇÕES: 97470-1857

- ✓ Para quem se inscreveu no Enem 2022
- ✓ Estudantes de escolas públicas
- ✓ Alunos cursando 3º ano do ensino médio
- ✓ Jovens de baixa renda

AMOR QUE TRANSFORMA **PREFEITURA DE SÃO JOÃO DE MERITI**

Rua União, 73 - Centro - São João de Meriti - RJ. (próx. a garagem da Flores / em frente ao campo do Martins)

Figura 46: Trabalhos em azulejos para composição de murais. Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes.



O Daniel apresentou o mapa e explicou as atividades desenvolvidas: curso de informática, em diferentes graus de complexidade, todo um trabalho com azulejos, inclusive para produzir placas de ruas e murais para os diferentes prédios do bairro. Esse trabalho em azulejos demonstra um apreço ao senso estético e aos elementos da coletividade.

Figura 47: Ateliê e placa de azulejo com o nome da rua onde fica o centro de artes em que se fabricam as placas de rua, por acaso está na placa exposta.



Foto: Maria Lúcia Fernandes. Julho/2022

Figura 48: Mural de Azulejos na sede do Redes na Maré. Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes



Foto: Maria Lúcia Fernandes. Julho/2022

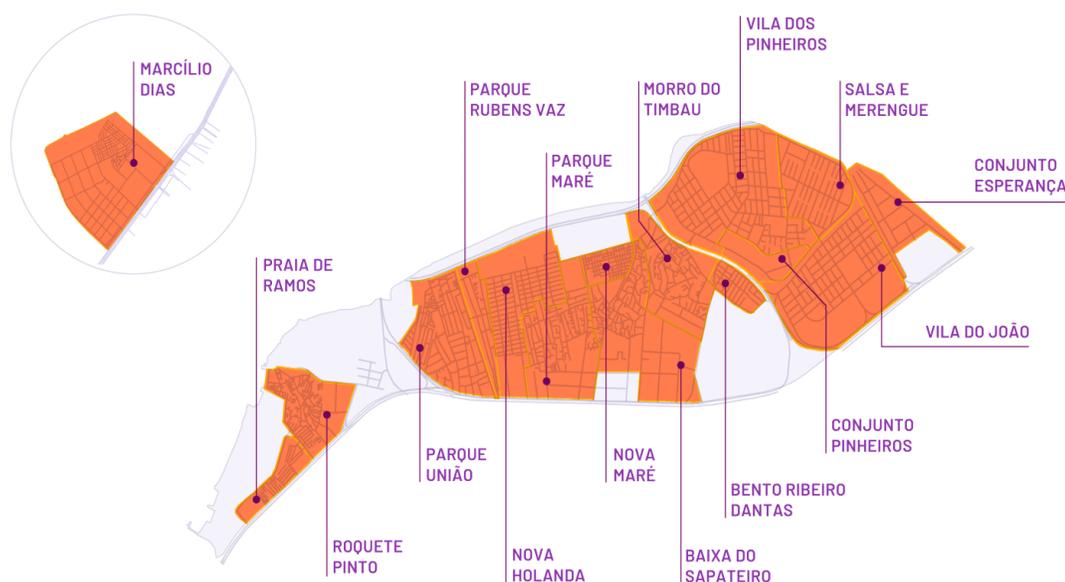
Figura 49: Sede da Associação Redes de Desenvolvimento da Maré. Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes.



Foto: Maria Lúcia Fernandes. Julho/2022

De lá, seguimos ao Espaço Normal, destinado ao atendimento de consumidores de drogas ilícitas. Importante destacar que a explicação do Nome do estabelecimento, refere-se a um morador, que, uma vez viciado em crack, construiu a possibilidade de interlocução com os profissionais do Redes, para construir possibilidades de aproximação e enfrentamento do problema, infelizmente, diante do seu falecimento, o espaço ganhou o seu nome e segue atuante na localidade.

Figura 50: A espacialidade das comunidades do Complexo da Maré



Aqui o Daniel no mostra o mapa e conta sobre os projetos, os desafios, e as dimensões e complexidade da Maré. O Conjunto de Favelas da Maré é formado por 16 favelas e ocupa uma área de 4,5 quilômetros quadrados, entre as três principais vias de circulação do Rio de Janeiro (Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela). De acordo com o Censo Populacional da Maré, levantamento feito pela Redes da Maré, publicado em 2019, cerca de 140 mil pessoas moram na região. E que ela se constituiu como bairro.

De lá seguimos para conhecer o espaço de desenvolvimento infantil professora Cléia Santos de Oliveira com a Biblioteca Lima Barreto. Esse espaço, em reforma, abriga uma brinquedoteca e uma biblioteca para crianças, a parte superior está em reforma também, possivelmente para abrir um espaço para jovens.

Figura 51: Daniel Remilik em frente a Biblioteca Lima Barreto. Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes



Foto: Maria Lúcia Fernandes. Julho/2022

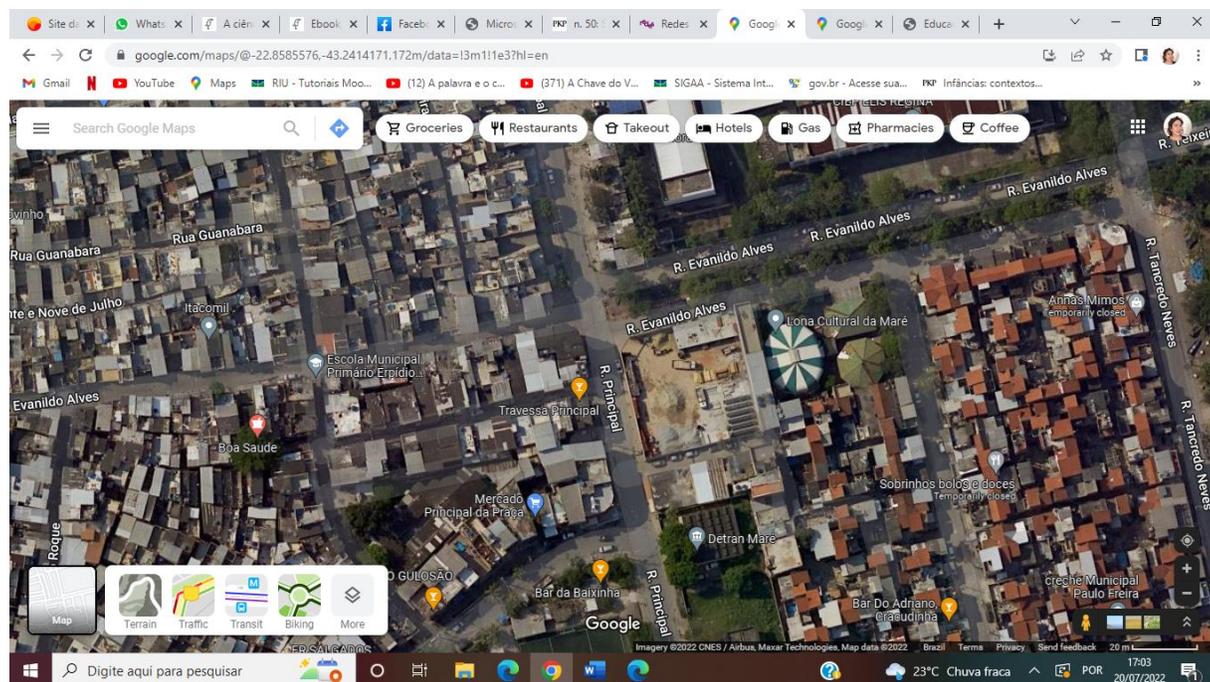
Figura 52-. Interior da Biblioteca Lima Barreto. Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes.



Foto: Maria Lúcia Fernandes. Julho/2022

De volta a nossa caminhada, Daniel nos avisa que, a partir dali, na localidade chamada Tijolinho, a situação social é mais vulnerável.

Figura 53: Localização da Lona Cultural Municipal Herbert Vianna – pode-se ver a “lona de circo” à ao centro à direita - e parte do trajeto realizado.



Fonte: Google Maps.

No caminho, encontramos essa homenagem a Marielle Franco, vereadora assassinada em 2018 e “cria da Maré” como costumava se identificar.

Figura 54: Homenagem a Marielle Franco, vereadora assassinada em 2018.



Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes. Julho/2022

De lá, chegamos à Rua Tancredo Neves, até chegar a um vale que nos conduz à área do espaço cultural Lona Cultural da Maré na Rua R. Evanildo Alves, s/nº - Maré, Rio de Janeiro - RJ, 21046-100, em ritmo de festejos juninos/julinos ainda:

Figura 55: Programação da Lona Cultural Municipal Herbert Vianna.

O Arraiá da Lona terá barraquinhas com comidas típicas e três apresentações:

FORRÓ CALÇA ARRIADA

DJ GUTO

QUADRILHA SAGRADA FAMÍLIA

ARRAIÁ DA LONA

8 de julho às 18h

No mesmo dia, também teremos o Arraiázinho da Lona, às 15h

Herbert Vianna | Prefeitura Municipal de Maré | Prefeitura Municipal de Maré | Rio Prefeitura | CULTURA

Fonte: <https://www.facebook.com/LonaCulturalDaMare>.

De volta, seguimos – Ingrid Diniz e Maria Lídia Bueno Fernandes, agora sozinhas - pela Tancredo Neves até Av. Guilherme Maxwell, 26 - Maré, Rio de Janeiro - RJ, 21040-212, onde fica o museu da Maré. Não sem antes, encontrar uma importante pista de skate – a Maré Favela Skate Park – uma pista construída a partir do esforço de financiamento coletivo realizado pelo Coletivo Skate Maré (CSM), em 2019.

Logo abaixo de um complexo viário. De nosso lado esquerdo, ao longo do caminho, tínhamos as escolas perfiladas, em seguida, a Vila Olímpica da Maré, entre o complexo e as vias expressas. Mais alguns quarteirões e chegávamos ao nosso próximo destino: o Museu da Maré.

2.2.2. Museu da Maré/Centro de Estudos e Ações Solidárias-CEASM

Figura 56: - Painel de boas vindas Naldinho Lourenço e Painel de boas vindas com intervenção artística dos visitantes.



Fonte: Foto: Paulo Barros. Arquivo Dona Orosina Vieira, 2010 - Fonte: VIEIRA, SILVA, OLIVEIRA, 2020.

Inaugurado em 2006, com a presença de Gilberto Gil, então Ministro da Cultura, o Museu da Maré é, em grande medida, fruto da política cultural daquele período. Isso porque o Museu da Maré se constituiu a partir de uma parceria com o IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico Nacional e do seu estabelecimento como um dos Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura. Em visita ao Museu, Gilberto Gil, então ministro da Cultura, explica:

O Museu da Maré, que já tem mais de um ano de inaugurado, resulta de uma ação do Centro de Estudos e Ações Solidárias – ali, da localidade, da região, da comunidade – com o Ministério da Cultura e o Iphan, que é a instituição da memória. Vejam bem, memória. Este é exatamente o aspecto importante do museu, que tivemos a oportunidade de ver através de depoimentos e manifestações das pessoas, quase todas descendentes de nordestino que migraram para o Rio de Janeiro na época da explosão da construção civil. (VIEIRA, SILVA. & OLIVEIRA, 2020: 9).

Figura 57: Tempo da Criança é um dos doze tempos/espacos de exposiçao do Museu da Maré.

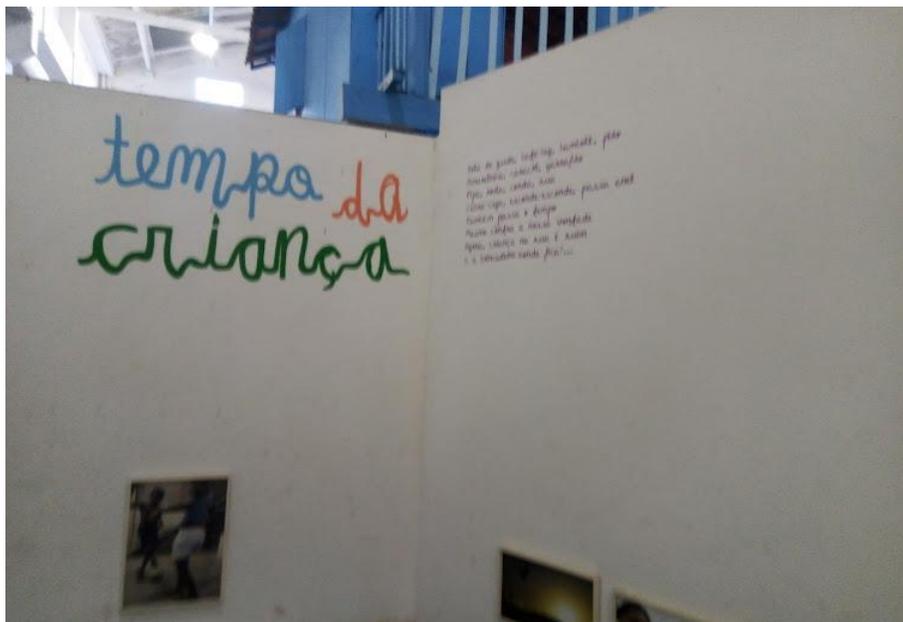


Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes. Julho/2022

O Museu da Maré é, como ressalta o ministro, fruto da comunidade. Um grupo de jovens moradores que partiram da experiência da TV Maré, em que trabalhavam vídeos comunitários, a partir da metodologia de história oral. Naquela experiência coletavam depoimentos de moradores e, depois, os exibiam e debatiam com a própria comunidade.

Sua vontade de memória e de escrita da história social da Maré, a partir do ponto de vista de quem nasceu, cresceu e experimentou a vida naquelas comunidades, chegaria ao formato de um museu “criado para construir e expor novas narrativas sobre a cidade, a partir da Favela da Maré (...)” (VIEIRA, SILVA & OLIVEIRA, 2020, p. 6). Assim, fotografias, objetos, textos e elementos simbólicos estão reunidos no prédio de uma antiga fábrica do bairro, organizados em “doze tempos temáticos, espaços nos quais estão expostas as memórias, sonhos e desafios das comunidades locais e seus moradores” (idem, 2020, p. 6).

Figura 58: Crianças nas palafitas. Anthony Leeds. Arquivo Dona Orosina Vieira, 1969.



Fonte: <https://jornalocidadao.net/mare-em-12-tempos-livro-registra-historia-do-maior-conjunto-de-favelas-carioca/>.

Lugar de Memória e de reinvenção permanente da própria instituição e do outro, seja morador local ou da cidade do Rio de Janeiro, seja do visitante de fora que transforma o seu olhar ao se deparar os tempos da água, da migração, da casa, do trabalho, da resistência, da festa, da feira, do cotidiano, da fé, da criança, do medo e do futuro daquele complexo de comunidades, pessoas e sonhos que é a Maré.

Figura 59: Museu é lugar de histórias. Naldinho Lourenço. Arquivo Dona Orosina Vieira, 30 abr. 2009.



Fonte: <https://jornalocidadao.net/mare-em-12-tempos-livro-registra-historia-do-maior-conjunto-de-favelas-carioca/>.

Figura 60: Tempo do Medo

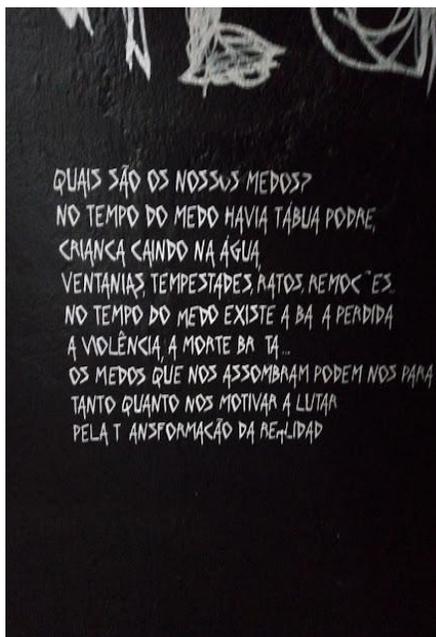


Foto: Maria Lídia Fernandes. Julho/2022

Quais são os nossos medos?

No tempo do medo havia tábua podre,
criança caindo na água,

ventanias, tempestades, ratos, romoções
no tempo do medo existe a bala perdida
a violência a morte bruta...
os medos que nos assombram podem nos parar
tanto quanto nos motivar a lutar
pela transformação da realidade.

Para Claudia Rose Ribeiro da Silva, uma das fundadoras do Museu da Maré e do CEASM que nos recebeu, na visita que realizamos ali, em 2022, “a capacidade imaginativa e inventiva das pessoas é um dom revolucionário” que deve ser acionado na realidade da Maré, onde o presente reproduz o passado e já realiza o que pode ser o futuro, onde os doze tempos da exposição se realizam aqui e agora:

Passado, presente, futuro. Estes três tempos aqui se misturam. O que ainda não é, um dia será. Será a partir do ontem, das lutas e conquistas, das memórias que resistem ao esquecimento. Será a partir de hoje. Do trabalho, da coragem, do engajamento, do diálogo e da tolerância. Será a partir de políticas públicas. Políticas comprometidas com a transformação. Será a partir da prática da cidadania. Tempo futuro. Um tempo que já começou. (VIEIRA, SILVA. & OLIVEIRA, 2020: 160)

Onde, finalmente, dona Orsina Vieira, pioneira que dá nome ao Arquivo de fotos e objetos do Museu, revive nos nas memórias e no cotidiano das jovens Orsinas da Maré que ao redor do Museu, nos seus espaços de criação, de oficinas e de aprendizado, imaginam e inventam as próximas realidades.

Figura 61: Dona Orsina - precursora Morro do Timbau - Colagem sobre Madeira Marcelo Pinto Vieira 2006 –



Fonte: VIEIRA, A.C.P., SILVA, C.R.R. & OLIVEIRA, L.A. *A Maré em 12 tempos*. Rio de Janeiro: CEASM: Espirógrafo, 2020.

Figura 62: Passado e Futuro



Fonte: VIEIRA, SILVA. & OLIVEIRA, 2020: 161

Figura 63: Detalhe na parede externa do Museu da Maré: “SETUR - CET - Museu da Maré reconhecido oficialmente em 10 de dezembro de 2014 como destino turístico prioritário do Estado do Rio de Janeiro pelo Conselho Estadual de Turismo”..



Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes. Julho/2022.

Figura 64: Tempo da Casa - por dentro da palafita.



Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes. Julho/2022

Figura 65: - Na entrada da exposição Maré em 12 Tempos



Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes, jovem do educativo do Museu da Maré, Flávia Salgado e Ingrid Diniz.

2.3. Morro do Palácio - Niterói - RJ

Figura 66: Mensagem via whatsapp sobre a ida ao Morro do Palácio.



Fonte: Mensagem de whatsapp recebida pelo Prof. Carrano

A demora em conseguir visitar o Morro do Palácio aconteceu em especial pelo que Jefferson, o jovem local que nos receberia, mencionou. O fato do morro não “estar bom”, o que significava a presença da política em confronto com os grupos que controlam o morro.

O Morro do Palácio era desde o início da construção do projeto de pesquisa um local de interesse e possibilidade de construção de um olhar para os jovens da localidade a partir da existência de um equipamento importantíssimo que é o Macquinho, ou seja, um prédio construído a partir do projeto de Oscar Niemeyer para levar à comunidade possibilidades de abarcar as lufadas e experiências artísticas que chegavam ao MAC – Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

Figura 67: Calçada com o MAC ao fundo



Figura 64: Ao fundo, o Museu de Arte Contemporânea - MAC de Niterói.



Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes. Agosto/2022

Inaugurado em 1996, o MAC compõem o Caminho Niemeyer, o segundo maior complexo arquitetônico de Oscar Niemeyer no Brasil, depois de Brasília. Está localizado no Mirante da Boa Viagem, na orla de Niterói.

Figura 68: Um senhor coleta mariscos - poesia em imagens.



Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes. Agosto/2022. Estilização do google.

Com um acervo expressivo de arte contemporânea, com obras que vão da década de 50 aos dias atuais, o MAC possui uma biblioteca com documentos sobre arte moderna e contemporânea no Brasil e realiza exposições temporárias, atividades e projetos nessa área.

Figura 69: Programação do MAC

PROGRAMAÇÃO			
WWW.MACBIT.COM.BR			
20/08	27/08	03/09	10/09
14h às 19h Estande de tecnologia + Jogos em realidade virtual	14h às 19h Estande de tecnologia + Jogos em realidade virtual	14h às 19h Estande de tecnologia + Jogos em realidade virtual	14h às 19h Estande de tecnologia + Jogos em realidade virtual
14h às 21h Foodtrucks	14h às 21h Foodtrucks	14h às 21h Foodtrucks	14h às 21h Foodtrucks
17h às 21h Projeção imersiva	17h às 21h Projeção imersiva	17h às 21h Projeção imersiva	17h às 21h Projeção imersiva
17h às 19h Música Yule DJ set	17h às 19h Música Numa Gama Live	17h às 19h Música Erica Live	17h às 21h Música Roda de Sample + DJs de Niterói
18h Suaveco Projeção itinerante saída do Centro Cultural Paschoa Carlos Magno (Café de São Bento) e o MAC	19h às 20h Teatro "Trânsito"	19h às 20h Teatro "Trânsito"	
	20h às 21h Música JGB Live	20h às 21h Música Mbe + Levas Pires Live	
16/08 - 11/09 todos os dias, de 9h às 18h. Exposição de instalações artísticas			

Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes.

Figura 70: Projetos do MAC com a UFF



O “Macquinho” foi inaugurado em 2008 e foi o resultado do projeto Comuniarte-Palácio, desenvolvido pelo Museu de Arte Contemporânea (MAC) em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), os jovens moradores do Morro do Palácio, o The Andy Warhol Museum e outras instituições que deram apoio ao projeto.

Sob o conceito de “Arte Ação Ambiental” que busca romper barreiras sociais e aproximar a comunidade da arte, da educação e da cidadania o professor Luiz Guilherme Vergara, do Curso de Produção Cultural da UFF e diretor do MAC, foi o coordenador geral do projeto que, desde o início, envolve o Observatório Jovem da UFF como parceiro, a partir da coordenação pedagógica de Ana Karina Brenner e do Prof. Dr. Paulo César Carrano, pesquisadora e coordenador do Observatório.

A parceria com o MAC e o envolvimento no projeto do Macquinho foi fruto da pesquisa realizada pelo Observatório Jovem da UFF em torno dos Modos de Vida na cidade de jovens de favela: entre posições sociais e singularidades que se desdobrou em reflexões e em artigos e em audiovisual como o [Documentário Jovens do Palácio: cinco caminhos.](#)

Neste trabalho o objetivo é compreender como:

(...) jovens de espaços populares constroem a vida em suas circulações pelo bairro e a cidade e como a partir de distintas redes sociais de relacionamentos e práticas do espaço elaboram suas condições de ser jovem no jogo relacional que se dá entre os vetores oriundos das posições sociais ocupadas e as possibilidades e dificuldades que se apresentam no curso das trajetórias individuais. (CARRANO, 2009)

Finalmente, em 26 de agosto de 2022 consigo agendar a ida ao Morro do Palácio. Marcamos às 10:30 no Macquinho e às 10:20 no Mac para subirmos juntos. Lembro-me que cheguei e fiquei impressionada com a beleza do lugar.

O encontro com o Prof. Paulo Carrano foi combinado no Museu de Arte Contemporânea e a visita previa a ida ao Macquinho e uma visita à comunidade. Nosso interlocutor foi Jeferson e encontramos o Telto, jovem que participou ativamente das pesquisas do Observatório Jovem. Só a partir da chegada pude fotografar. Contemplar a belíssima vista e entender um pouco mais daquele prédio incrível que é o do Macquinho.

Figura 71: Chegada ao Macquinho.



Foto: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 72: Eis a paisagem que se descortina



Foto: Maria Lidia Bueno Fernandes. Julho/2022

Figura 73: Macquinho - Plataforma Urbana Digital da Educação- Placa de Inauguração



Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes. Agosto/2022

Figura 74: Detalhe de projeto de cartografia social local.



Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes

Figura 75: Detalhe de exposição interna Macquinho. Foto: Maria Lídia Bueno Fernandes

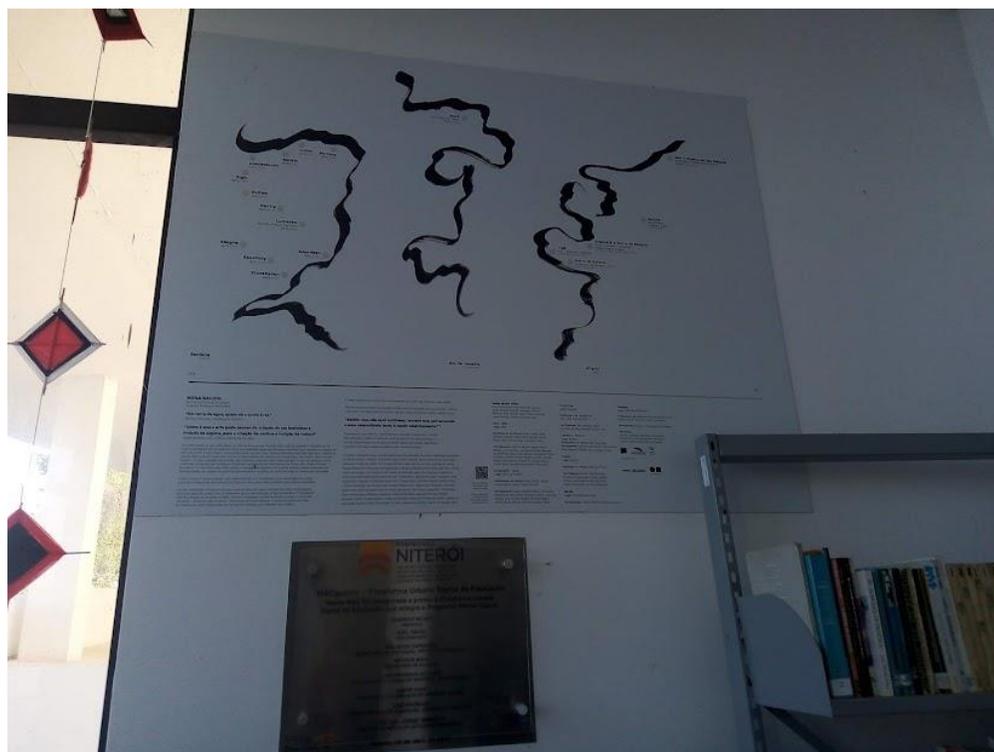


Figura 76: No caminho, becos e vielas



Figura 77: Lembrança dos tempos da Graduação em Geografia – as casas em auto-construção e a arte pulsando a vida (ou seria o contrário?)



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 78: Lajes



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 79: Mirantes e Miradas do/no Morro do Palácio



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 80: Praça dos Encontros



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 81: Telhados



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 82: As descobertas nos lugares mais inusitados. Material sobre fotografia descartado.



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 83: Campinho de futebol



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 84: Casa na comunidade



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 85: Cotidiano



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 86: Encontros: Prof. Paulo Carrano, Telto e Jefferson, os jovens que participaram da pesquisa sobre as trajetórias dos jovens do Morro do Palácio.



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes.

Figura 87: Divulgação projeto Palácio dos Livros - Leitura Solidária.



Fotos: Maria Lúcia Bueno Fernandes

2.4. O Acervo de filmes do Observatório Jovem: Produção Audiovisual

A perspectiva de aproximação das pesquisas desenvolvidas no Distrito Federal com as desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Observatório Jovem foi um dos objetivos da pesquisa realizada no âmbito deste pós-doutorado. Assim, uma das atividades desenvolvidas foi um mergulho no banco de dados com o acervo da produção audiovisual desenvolvida. Assim, foi possível estabelecer categorias de análise que aproximassem as duas pesquisas. Como resultado, há uma produção audiovisual das pesquisas do DF, buscando articulação com a produção do Observatório, o título da produção é: **Histórias de Concreto e Gente: diálogos intergeracionais sobre o território do DF.**

OBSERVATÓRIO JOVEM - PRODUÇÃO AUDIOVISUAL								
	Vídeos	ano	dur.	realização	sinopse	TEMAS	trechos interessantes para o projeto (reveladoras de espaços contrahegemônicos ou com depoimentos de jovens e crianças)	minutagem
1.	O Dispositivo Fotográfico na Pesquisa Jovens Fora de Série	2016 (?)	17'42	LIDE UFF	É um dos produtos da pesquisa Jovens Fora de Série que apresenta o dispositivo metodológico da utilização de fotografias para interpretação dos percursos biográficos e das trajetórias de escolarização em análise na pesquisa. A pesquisa Fora de Série busca compreender o fenômeno da "escolarização truncada" junto a estudantes do EJA e do Projeto Autonomia.	MOBILIDADE URBANA	Depoimento de Jonahtan sobre MOBILIDADE URBANA - "a foto é duas em uma, a ida e a volta do trabalho para a casa" (...) "o tumulto, o desespero, o sofrimento... Essa foto é o teste da capacidade do ser humano (...) tá todo mundo no mesmo recheio do bolo, sem tirar,sem colocar. Um tá querendo entrar outro sair, mas sempre o ser humano quer sempre o melhor, não quer saber de você..."	12'30 a 14'06
					idem	SOCIABILIDADE E LAZER	Depoimento de Jonahtan sobre SOCIABILIDADE E LAZER - "alegria" , a "infância de agora" o futebol, interrompido pelo preço da MOBILIDADE URBANA - "o troféu que eu ganhei do futebol que eu ia em Nova Iguaçu. Parei de ir, devido as condições, eu gastava muito dinheiro de passagem. Eu ganhei esse troféu porque eu fui artilheiro do time lá... Aí eu tinha a minha chuteira que eu amo jogar bola..."	14'11 a 14'49

2.	Paint Ball da Pedreira	2016(?)	4'55	LIDE UFF	O documentário Paint Ball da Pedreira (4' 55") foi filmado em 13.12.2015 no bairro de Inhaúma, Rio de Janeiro. Paint Ball é um jogo de eliminação de oponentes em que os jogadores disparam bolas coloridas e quebráveis através de "marcadores" que são réplicas de armas. Acompanhamos o que os jogadores chamam de "Catadão", um encontro de amigos e conhecidos que se dividem em equipes para o confronto. O "Catadão" tem um caráter recreativo e se diferencia de um torneio ou competição entre times previamente estabelecidos e, em geral, de localidades distintas. A filmagem ocorre no contexto do acompanhamento de atividades realizadas por um dos personagens, Jhonata, 28 anos, da pesquisa interinstitucional Jovens Fora de Série (UFF/UERJ/UNIRIO - CNPq/FAPERJ).	SOCIALIZAÇÃO E LAZER	o LAZER e a SOCIALIZAÇÃO: "uma das coisas que eu mais gosto, que eu não podia deixar é essa brincadeira aqui, entendeu? O paint ball" "Essa aqui é a turma da Pedreira (...) no momento, o melhor catadão de domingo é aqui"	1'11 a 1'30
3.	Participação adolescente na escola - Conexão Futura - Canal Futura	2015	24'22	canal Futura	Entrevistado: Camila Leite, do Instituto Desiderata; Paulo Carrano, professor da Universidade Federal Fluminense e coordenador do grupo de pesquisa Observatório Jovem; e Ana Alice do Nascimento, estudante da Escola Municipal Madrid do Rio de Janeiro. Apresentação: Cristiano	PARTICIPAÇÃO POLÍTICA	PARTICIPAÇÃO POLÍTICA na ESCOLA. Carrano: "Participar é tomar parte (se a gente buscar a origem da palavra). E tomas parte do que? De decisões. Estar na escola é uma forma de participar, se você deixa de ir, você entra na estatística de não participação, de não estar lá. Mas estar lá não	3'55 a 5'10

					Reckziegel Exibição: 25 de novembro de 2015		assegura que você tenha uma participação de qualidade. Muitas vezes essa maneira de estar na escola é muito frágil, ela precisa ser mais forte. Ser mais forte no significa envolver os estudantes naqueles assuntos que realmente são importantes e significativos para a escola, que organizam tempo e espaço, que pensam o uso do recurso, que decidem até sobre os conteúdos escolares. É uma geração hoje que tem acesso, na ponta dos dedos ao que há de mais importante, significativo e atual no conhecimento, dos centros de pesquisa, p.ex. Então os jovens tem condições de participar até da definição dos conteúdos oferecidos. Agora, para isso é preciso mudar a maneira de enxergar os estudantes, especialmente os adolescentes na vida escolar. Ou seja, ele tem que ser valorizado como alguém que tem voz. Voz, uma palavra muito importante."	
--	--	--	--	--	--	--	--	--

4.	Participação adolescente na escola - Conexão Futura - Canal Futura	2015	24'22	canal Futura	<p>Entrevistado: Camila Leite, do Instituto Desiderata; Paulo Carrano, professor da Universidade Federal Fluminense e coordenador do grupo de pesquisa Observatório Jovem; e Ana Alice do Nascimento, estudante da Escola Municipal Madrid do Rio de Janeiro.</p> <p>Apresentação: Cristiano Reckziegel</p> <p>Exibição: 25 de novembro de 2015</p>	PARTICIPAÇÃO O POLÍTICA	<p>"Eu queria só chamar atenção de uma coisa (...) a escola quer preparar para a cidadania. Mas a contradição disso é que muitas vezes ela quer preparar em condições onde há muito pouca cidadania interna, muito pouca democracia interna. Cidadania, tomar parte, significa o que? Alguém que é incorporado ao processo decisório. E muitas vezes as pessoas não são incorporadas no processo decisório e vão dizer 'lá fora, quando você for ser cidadão, você vai participar. Aqui, ainda não" e aí se simula muitos processos participativos. O que é que está acontecendo agora, em São Paulo, recentemente? Os estudantes alteraram os cotidianos escolares, os espaços-tempos, de regras que vieram de fora, de quase uma centena de escolas, sem consultar pais, sem consultar irmãos que iam ser deslocados de escolas, com uma ideia questionável de quanto mais homogênea for a escola "de Ensino Fundamental ou Médio é maior o rendimento. Ideia que foi questionada pelos estudantes que reinstauraram um novo cotidiano.</p>	13'55 a 15h13
----	--	------	-------	--------------	---	-------------------------	---	---------------

5.	Participação adolescente na escola - Conexão Futura - Canal Futura	2015	24'22	canal Futura	<p>Entrevistado: Camila Leite, do Instituto Desiderata; Paulo Carrano, professor da Universidade Federal Fluminense e coordenador do grupo de pesquisa Observatório Jovem; e Ana Alice do Nascimento, estudante da Escola Municipal Madrid do Rio de Janeiro.</p> <p>Apresentação: Cristiano Reckziegel</p> <p>Exibição: 25 de novembro de 2015</p>	IMAGINAÇÃO POLÍTICA	<p>"A minha preocupação é que a escola está tão lotada de conteúdos, com tantos programas, interesses que são gestados fora da própria comunidade escolar, ou seja, hoje você tem uma perda de autonomia muito grande, não só do estudante como do próprio professor de organizar conteúdo, currículo. Chega quase tudo pronto e o tempo é comprimido com tarefas e atividades que ele precisa cumprir... A política, a socialização política, de que estamos falando aqui, ela precisa de tempo, tempo livre, tempo livre para se ocupar, para pensar, para imaginar. E o que é imaginar? imaginar uma sociedade que não está aqui, mas pode vir a ser. O que Platão falava para a gente? A cidade não é, mas pode vir a ser. Ela virá como? Com participação, com imaginação política. Uma escola que está preenchendo todos os seus tempos, com tarefas, definidas de fora para dentro. Não sobra tempo e mata a imaginação política, mata esse campo da socialização política e da formação. Por isso que nós falávamos dessa importância</p>	18'30 a 20'24
----	--	------	-------	--------------	---	---------------------	---	---------------

							de ocupar a escola, com o sentido de presença para redefinir essa lógica. A utopia da escola não é produzir necessariamente conteúdos, a utopia da escola é formar sujeitos humanos, éticos, plurais que conheçam também o que a humanidade acumulou e sintetizou como conhecimento, nas artes, na matemática, nas engenharias e tudo o mais. Fundamentalmente não é um lugar para produzir conhecimentos que vão ser jogados fora amanhã de manhã ou depois de amanhã porque não faz sentido. O que faz sentido é criar Tempos e Espaços para que o sentido se instaure."	
6.	# Ocupar Educa	2016	10'49"	LIDE UFF	Em roda de conversa, estudantes da rede estadual de educação do Rio de Janeiro narram experiências de luta pela melhoria da qualidade da escola que ocorreu pela ocupação das mesmas, entre março e junho de 2016.	OCUPAÇÕES E PARTICIPAÇÃO O POLÍTICA	"O maior legado das ocupações é a consciência do estudante de que ele pode transformar o espaço que ele ocupa"	6'18" a 6'27"
7	# Ocupar Educa	2016	10'49"	LIDE UFF	idem	OCUPAÇÕES E PARTICIPAÇÃO O POLÍTICA	"Depois de 1 mês de ocupação eu sei que eu mudei muito como estudante e como pessoa também. E sei também que quando a escola voltar ao normal (ao normal não, porque eu acho que ela nunca vai ser como era antes, então não vai ter mais esse	7'06" a 7'35"

							"normal"), mas quando ela voltar a ter as aulas, os que participaram da ocupação não vão ser mais os mesmos estudantes"	
8.	# Ocupar Educa	2016	10'49"	LIDE UFF	idem	OCUPAÇÕES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA	"É uma experiência ótima a gente aprende demais. A gente conhece esse novo mundo político. Não a política de partido essas coisas, mas o que a gente tá fazendo política. A gente tá reivindicando nossos direitos e dá cada vez mais vontade de lutar por eles."	7'36" a 7'54"
9.	# Ocupar Educa	2016	10'49"	LIDE UFF	idem	OCUPAÇÕES E GÊNERO	"Eu era um cara muito machista: ah, homem não lavava roupa, homem não varria... Eu faço parte da segurança da escola e teve uma reunião em que eu comecei a entender sobre o feminismo. Aprendi muita coisa, passei a lavar, passei a aprender cozinhar, aprendi a viver em conjunto, a dividir, porque eu só pensava em mim... Mudou dentro da minha casa, minha mãe percebeu que eu estava diferente, viu que eu tava ajudando em casa. Coisa que eu nunca fiz na minha vida toda"	8'38 a 9'28

10.	# Ocupar Educa	2016	10'49"	LIDE UFF	idem	OCUPAÇÕES E GÊNERO	"A gente meio que quebrou isso de que mulher tem que fazer isso e homem aquilo. Na escola, o banheiro dos homens a gente pintou de rosa e dos mulheres de azul. Então uma mudança drástica, assim, para quando as pessoas voltarem, elas verem que as coisas mudaram realmente e as coisas tão mudando e, com certeza, para melhor"	9'28 a 9'49
11.	# Ocupar Educa	2016	10'49"	LIDE UFF	idem	IMAGINAÇÃO POLÍTICA	"Eu acho que o maior legado que eu vou poder deixar para o meu filho é que a única coisa que pode manter ele vivo é ele lutar por algo, sabe? A partir do momento que a gente para de lutar um pelo outro, é esse momento em que a gente perde a nossa humanidade. É esse momento que a gente para de ser humano. Quando a gente perde a perspectiva da vida, quando a gente para de sonhar. Então, essa juventude pode fazer com que as pessoas tenham mais crença nos sonhos"	9'49 a 10'20
12.	Não quero ser baton a vida toda	2014	25'	LIDE UFF	Com delicadeza e força, estudantes de diversos cursos numa universidade pública brasileira, narram suas trajetórias até chegar à universidade e analisam suas condições de permanência, tanto objetivas quanto subjetivas. Os relatos	ACESSO E PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE	"Eu falo para a UFF o seguinte, não basta dizer "entre". É necessário que se diga "entre e fique à vontade". Mas não é necessário que se diga "entre e fique à vontade", é necessário que se diga "entre,	23'41 a 24'07

					sobre o cotidiano, as dificuldades, o preconceito, a falta de políticas de apoio contínuas e eficientes, são um alerta importante para todos que desejam uma universidade mais democrática.		fique à vontade e só saia quando estiver satisfeito de tudo o que veio buscar aqui. E o que viemos buscar aqui? Conhecimento.	
13.	Escolas de Guiné-Bissau	2012	19'57	UNILAB/RE DE ECOSS				
14.	Uma escola entre redes sociais	2014	22'27	Observatório Jovem	O documentário é um dos resultados da pesquisa Redes Sociais na Escola realizada pelo Observatório Jovem/UFF e que foi contemplada pelo edital de apoio à escola pública da Faperj.	REDES SOCIAIS	"A internet é uma grande aliada. Eu estudei para o ENEM com ajuda da internet"	
15.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	O documentário "Jovens do Palácio" é resultado de um diálogo de pesquisa com cinco jovens com idades entre 20 e 24 anos (quatro homens e uma mulher), moradores da comunidade do Morro do Palácio, Niterói. Os entrevistados participaram de projetos de arte e agenciamento cultural desenvolvidos pelo Museu de Arte Contemporânea da cidade de Niterói. Os jovens desenham mapas de seus percursos e redes de relacionamentos na cidade, narram cotidianos, histórias de vida e expectativas de futuro que revelam seus caminhos biográficos. O filme é resultado de pesquisa que inventaria modos de vida de jovens adultos moradores de favela e descreve cenas do cotidiano do morro e	FORMAÇÃO	"Eu já tive em lugares muito precários e lugares muito bonito, ou seja, lugares realmente high society... Depois dessas coisas que eu vivi, decidi casar, parar, sossegar, ficar na minha, ter lar, filho, esposo e tudo. Foi quando eu conheci o Rafael, sendo que ele era mais novo que eu, um ano e oito meses. Eu sempre olhava ele, mas ele como um menininho. Eu pelo fato da minha experiência de vida, já ter começado já dos 14 anos: de ir para baile, conhecer pessoas, evoluir a minha mente a minha cultura. Eu já tinha uma experiência amorosa mais de fato, mais pra frente, aumentativa. Não era mais uma menininha, já	5'28 a 6'21

					outros lugares da cidade frequentados pelos jovens. Estes contam sobre o bom de se viver “em comunidade”, mas também revelam as dificuldades do morar em território de favela encurralada pelo domínio territorial do tráfico de drogas e a violência de policiais. A escola, o trabalho, a maternidade, a religião e projetos de futuro são temas abordados nos depoimentos.		tinha um pouco de conhecimento. E ele não, ele era um menininho da comunidade, entendeu?"	
16.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	RESISTÊNCIA À CRIMINALIDADE	"Ele se envolveu com coisas que não é muito digno. Até que ele se encontrou, mas se encontrou numa ocasião que não teve saída mais. Ele não teve como sair daquilo. Eu tentei muito, eu ajudei muito, eu lutei muito. Meus 9 meses da gravidez foi toda dedicada a ele. Foi ao ponto dele se manter num lugar que eu teria que ir visitá-lo e tal, nos nove meses da minha gravidez. E para mim aquilo dali foi... desabou assim minha vida e tal. Até que ele veio a falecer. Sobre isso, em questão disso que aconteceu na vida dele. Ele veio a falecer e me deixou com o Eric sozinha	6'21 a 7'12

17.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	MOBILIDADE URBANA	"De vez em quando eu gosto de ir para o centro de Niterói só pra ver as coisas. Gosto de andar para ver as novidades mesmo. Gosto mais de andar do que para comprar. Aí eu vejo alguma coisa que eu gosto assim. Aí eu vou lá e compro. Até mesmo sem dinheiro eu gosto de andar assim, porque no centro você vê as novidades. Eu quase não saio. O lugar que eu saio é a Igreja. Então, todos os cultos são iguais, tirando o domingo. Domingo parece mais... assim, mais festivo assim domingo. É onde que todo mundo vai. Todo mundo tá em casa, tá descansando. E na vigília que acontece uma vez por mês. Vem pessoas de fora... pelo menos me arrumo de vez em quando para aumentar um pouquinho a auto estima.	8'04 a 9'10
18.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	TRABALHO x DESEJO	"Eu faço técnico de administração. Eu tô no segundo módulo. São três anos e eu tô no segundo módulo, ainda, falta mais um. Eu fiz ali só para ver se eu quero fazer administração mesmo ou não, fazer outra coisa... Apesar que eu não quero não, quero fazer Geografia, mas tudo bem... (Pq Geografia?) Porque eu gosto, porque eu gosto é mais	15'04 a 15'49

							fácil. Fácil de ensinar, mas fácil de aprender (eu acho, né?). E ali eu fiz só para seu eu precisar de um emprego que precisa de uma pessoa que saiba, eu já sei, entendeu? É um conhecimento a mais que eu tenha... eu posso ter vantagem a mais de uma pessoa que não tenha. Então, quanto mais conhecimento, mais vantagem você tem no mercado de trabalho."	
19.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	O BOM TRABALHO (ESTABILIDADE)	"Porque eu estudo para ter um serviço que eu não precise pegar peso, entendeu? Trabalhar assim, vamos falar de 2a a 6af... Principalmente não pegar pesa. Então, já que eu não consegui... Bom não é, então, enquanto não arranjo um bom pra mim, que eu ache bom pra mim, a gente vai levando a vida... (O que seria bom?) Sei lá, ser prestador de serviço público, seguir uma carreira militar que eu gosto. Aí vai tá bom, pq vai ser um serviço que eu sei que não vou ser mandado embora por bobeira, entendeu? Assim que é um bom serviço. Ser funcionário público é um bom serviço."	15'49 a 15'31

20.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	TRABALHAR X ESTUDAR	"Todo emprego que eu procuro se eles não me derem oportunidade para estudar eu não vou... Se com estudo tá ruim, imagine sem ele. Eu tento fazer alguma coisa... Tô fazendo esse curso técnico de administração. Não vou falar que eu vou fazer uma faculdade de administração, mas eu vou ter uma qualificação..	15'31 a 17'14
21.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	CAPITAL SOCIAL E TRABALHO	Mercado de trabalho para você ter um bom emprego, não adianta você ter nível superior, médio, fundamental, nada... Você tem que ser qualificado se você não for qualificado desiste... E acho que você não consegue um emprego bom... E se você não tiver QI também você não entra em emprego nenhum. QI nesse momento não seria inteligência, seria Quem Indique mesmo (risos)	17'14 a 17'40
22.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	COTAS UNIVERSITÁRIAS PARA NEGROS	"Eu acharia mais certo não ter cota para entrar na faculdade, mas sim uma base boa de ensino. Igualzinho ao colégio particular para o aluno de escola pública. Isso seria o certo. Não é hoje em dia, tentar resolver o problema de anos passados com cota. Isso não é o certo. O certo é você dar base para o aluno chegar na	21'30 a 21'58

							universidade em pé de igualdade com o aluno da escola particular.	
23.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	AUTODECLARAÇÃO - MITO DA DEMOCRACIA RACIAL	"Uma vez eu tentei fazer para a Universo, aí tinha "cor e tal" eu não botei minha cor. Botei Maurício Sousa da Silva, porque eu queria ser tratado como Maurício Sousa da Silva, não pela minha cor. Eu acho injusto, por exemplo o ENEM, o Enem bota "cor" eu não acho justo botar cor. Porque vai botar cor? O Brasil não tem branco, não tem negro... o Brasil é uma mistura de todas as raças, todas as cores. Então, acho que no Brasil é errado ter cota para negro, botar cor - qual a sua cor? preto, branco, amarelo.. não... geralmente quando tem essas perguntas assim eu deixo em branco, porque não me interessa saber qual é a minha cor, interessa saber o que eu sei..."	21'59 a 22'53
24.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	TRABALHO PRECÁRIO	"Eu comecei a trabalhar em 94, lavando louça em uma pensão. De lavar louça eu comecei a entregar salgados e quentinhas, aí saí de lá... Trabalhei no marisco na praia com Douglas, o meu amigo, não era muito minha praia não e, depois, do marisco para cá só papel, só reciclagem com papel"	22'55 a 24'39

25.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	ESTUDOS	"Repeti 4 vezes o 1º ano, tô fazendo o 5º ano. Tô fazendo pela 5ª vez o 1º ano. Não é por ser burro, coisa assim não, é por falta de vergonha na cara. Querer ficar na quadra, querer ficar em casa. Sempre na metade do ano eu não voltava a escola. Aí, agora, eu tô participando do EJA que é o supletivo. É a primeira turma que tá tendo ali no Leal e tá correndo bem e eu vou passar"	24'39 26'47	a
26.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	O 'MEU LUGAR'	"Minha comunidade tem a minha cara. Tudo que eu fiz de bom e de ruim foi lá. Lá que eu jogo futebol, jogava bola de gude e jogo ainda (não é porque eu tenho 26 anos), mas eu gosto. Lá que eu tenho os meus amigos, a minha família. Lá é o meu palácio. (...) O que eu já adquiri aqui para adquirir em outro lugar vai ser mais difícil que é a confiança, a amizade..."	27'49 28'23	a
27.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	VIOLÊNCIA	(Aqui em Niterói você se sente seguro?) "Falar a verdade, eu me sinto seguro perto da minha mãe. Só... Hoje em dia é muita violência... Hoje em dia vc vê crianças que nunca pegaram no lápis de revólver na mão, sabe atirar, não sabe escrever... Tá perigoso... (...) Eu gosto de rua, mas de dia,	31'05 32'32	a

							<p>homem atoa no alto do morro "é bandido" isso pensa a polícia. Se eu ficasse lá no morro andando à toa lá, polícia vai me pegar e meter a murubumba, meter a porrada... Sem ser nada já tive que correr na frente de bala. Parava em um beco, grupos de amigos, a gente sempre andava junto, ficava conversando. Polícia chegava e pensava que era bandido e parará... dava tiro, a gente tinha que correr. Correr muito muito, bala passando no ouvido. É aquele ditado: primeiro atira, depois faz a pergunta</p>	
28.	Jovens do Palácio: Cinco Caminhos	2011	57'02	Observatório Jovem	idem	INFÂNCIA	<p>"Minha mãe não tinha com quem me deixar então ela me deixava trancado mesmo em casa... Ela chegava e me liberava (o que é que você lembra da sua infância?) "Muita cicatriz por causa de cair, empinar pipa, bola de gude, muita briga na rua, as mulecadas da minha idade naquela época e, muita coisa!</p>	33'40

3. Diálogo Brasil-México sobre Práticas Contra-hegemônicas - San Cristóbal de las Casas - Chiapas - México

Enquanto a infância continuar a ser considerada o mundo do privado, isto é, do não público, do não político, não do mundo a partir do qual os adultos construíram seu próprio espaço, seu próprio referente de identidade, estaremos reproduzindo uma privação empobrecedora da sociedade.

(Cussiánovich, 2019, pp. 82-83)

Como parte constitutiva do Projeto de estágio pós-doutoral estivemos em Missão de Estudos em Chiapas, México. Nossos esforços de pesquisa vêm sendo empreendidos no sentido de conhecer as perspectivas dos pesquisadores latino-americanos que trabalham com o tema da infância e juventude de forma a desenvolver estratégias de pesquisa, estabelecimento de diálogos e projetos de cooperação¹³. Nessas pesquisas há, em comum, o respeito à diversidade dessas infâncias e juventudes, nos diferentes lugares, tempos e entornos sociais. Daí a necessidade de e pensar a infância e a juventude em seus diferentes contextos, interações e participações, assim como em seus processos de existência física, cultural e política (GONZALEZ et al., 2020, p. 23). Nossa vinculação à Rede Latino-americana de Pesquisa e Reflexão com Crianças e Jovens – REIR – que trabalha com a temática da infância e da juventude, na perspectiva da participação, resistência, protagonismo e ação coletiva, proporciona intenso diálogo e trocas que já resultaram em algumas produções conjuntas (organização de livros¹⁴, dossiês¹⁵, entre outros), bem como participação em seminários e

¹³ Participamos, por exemplo, do Seminário Interdisciplinar e Interinstitucional de Estudos da Infância, organizado pela Universidade Autónoma de Chiapas, organizamos um livro entre quatro universidades latino-americanas: Universidade Autónoma de Chiapas (México), Universidade de Brasília (Brasil), Universidad Surcolombiana (Colômbia) e Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Rosario (Argentina), organizamos um dossiê, publicado pela Revista Linhas Críticas da FE/UnB, entre outros.

¹⁴ Plascencia González, Martín; Fernandes, Maria Lidia Bueno; Pantevis Suárez, Mathusalam; Corvalán, Facundo (Coordenadores). *Infancia: contextos de acción, interacción y participación*. Tuxtla Gutiérrez, Chiapas, México: Universidad Autónoma de Chiapas/Editora Universidade de Brasília/Editorial Universidad Surcolombiana/Editorial Universidad Nacional de Rosario, 2020. Disponível em: <https://editorial.unach.mx/libre-acceso/infancia-contextos-de-accion-interaccion-y-participacion-.html>

¹⁵ Fernandes, M. L. B., Rico Montoya, A., Núñez Patiño, K., & Ayora Vázquez, G. E. (2021). Reflexões em torno das noções de participação, resistência e ação coletiva a partir de crianças e jovens (apresentação). *Linhas Críticas*, 27, e38902. <https://doi.org/10.26512/lc27202138902>.

atividades acadêmicas. Nós, pesquisadores da REIR temos desenvolvido experiências e pesquisa de acolhimento, escuta e visibilização da diversidade de maneiras pelas quais crianças e jovens agem no mundo e contribuem para definir histórica e socio-culturalmente as maneiras pelas quais expressam agência, protagonismo e mobilização coletiva.

3.1. Atividades desenvolvidas

En el marco del Convenio Académico, Científico y Cultural que celebran la Universidade de Brasília (Brasil) y la Universidad Autónoma de Chiapas (México), se desarrolló una estancia de investigación con las siguientes características:

Investigadora visitante: Dra. Maria Lidia Bueno Fernandes, profesora-investigadora de la Facultad de Educación, de la Universidad de Brasilia (Brasil)

Investigador receptor: el Dr. Martín Plascencia González, profesor de la Facultad de Ciencias Sociales, Campus III, Universidad Autónoma de Chiapas (México)

Periodo: octubre-noviembre de 2022

Lugar: Facultad de Ciencias Sociales, Campus III, de la Universidad Autónoma de Chiapas

Proyecto de investigación: “Infancia y juventud frente al derecho a la ciudad: dispositivos visuales y ocupación del espacio público – diálogo entre Brasil y México”.

Actividades desarrolladas

Se cumplieron los objetivos de la estancia, desarrollando múltiples actividades relacionadas con el proyecto de investigación y que permitieron afianzar la colaboración interinstitucional. La participación incluyó, además de la investigadora visitante, y del investigador receptor, al cuerpo académico consolidado *Infancia y juventud en contextos de diversidad* (UNACH-CA-148), a través de la colaboración de la Dra. Kathia Núñez Patiño y la Dra. Cecilia Alba Villalobos, quienes junto con el investigador receptor son integrantes del cuerpo académico.

Las actividades incluyen visitas en trabajo de campo en zonas rurales e indígenas, clases en pregrado y posgrado, y conversatorios con agentes académicos o pertenecientes a organizaciones no gubernamentales, las cuales se describen a continuación.

1. Visita a la biblioteca comunitaria instalada en la zona Ch'ol de El Bascán, municipio de Salto de Agua, Chiapas, México (Con Dra. Kathia Núñez Patiño y Dr. Martín Plascencia González)
2. Participación como profesora invitada en la Maestría en Desarrollo Local, donde impartió clase en la materia de Seminario de Investigación I (con Dra. Cecilia Alba Villalobos, Dr. Emmanuel Nájera León y Dr. Martín Plascencia González)
3. Conversaciones para construcción de agenda común con integrantes del cuerpo académico consolidado “Infancia y juventud en contextos de diversidad” (UNACH-CA-148)
4. Participación en docencia en Licenciatura en Antropología Social, en la clase de Interculturalidad y Resolución de Conflictos, con la Dra. Kathia Núñez Patiño.
5. Visita a trabajo de campo en dos comunidades rurales de Pijijiapan, Chiapas, Plan de Ayala y El Palmarcito, Chiapas. En dichas comunidades se hicieron conversaciones con actores locales (niñas, niños y adultos), actividades vinculadas y en seguimiento al proyecto “Reconocimiento y resignificación de memorias bioculturales diversas sobre el uso de los recursos naturales locales” (CONACYT, PRONACES-CULTURA, 318540, con el Dr. Martín Plascencia González)
6. Reunión de trabajo con el Dr. Santiago Bastos Amigo, profesor del Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, México (CIESAS).
7. Conversación con antropólogo Raúl Gutiérrez Narváez.
8. Asistencia a conferencia magistral sobre la vida de Mercedes Olivera, en Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica (CESMECA), de la Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas.
9. Conversación con la Directora General de Investigación y Posgrado, Dra. María Guadalupe Rodríguez Galván, y con la Directora de Posgrado, Dra. Vivian Gabriela Mazariegos Lima, Director de Investigación y receptor de la estancia, Dr. Martín Plascencia González, todos de la Universidad Autónoma de Chiapas.
10. Conversación con Jennifer da Haza de la organización no gubernamental Melel Xojobal.
11. Acompañamiento de actividades con niñas y niños trabajadores en la plaza principal de San Cristóbal de Las Casas
12. Charla en el Seminario de Formación continua: *Niñeces en clave latinoamericana: aportes a la formación en perspectiva interdisciplinaria*, curso curricular de la Universidad Nacional de Rosario

(Argentina), cuyo titular es el Dr. Facundo Corvalán, y donde participan el Dr. Martín Plascencia Gonzáles y la Dra. Kathia Núñez Patiño.

13. Participación en MercaUSCO. Tejiendo paces desde el sur (organizado por la Universidad Surcolombiana, Colombia). Video elaborado desde el mercado público de Ocosingo, Chiapas.

3.2. Anexos referentes ao relatório para a UNACH

Figura 88: Bloco de Imagens que compõem o relatório do México.



Durante la visita a la biblioteca comunitaria de El Bascán (Salto de Agua, Chiapas, México).



Dra. Lidia Bueno Fernandes con profesoras, profesores y estudiantes de la Maestría en Desarrollo Local (PNPC-CONACYT) en la Facultad de Ciencias Sociales.



Participación en clase de la Maestría en Desarrollo Local.



Reunión con integrantes del cuerpo académico Infancia y juventud en contextos de diversidad.



Juego con niñas y niños en Plan de Ayala, Chiapas, como parte del proyecto “Reconocimiento y resignificación de memorias bioculturales diversas sobre el uso de los recursos naturales locales”.



Actividad de dibujo individual y colectivo sobre la comunidad (En Plan de Ayala, Chiapas).



Visita en campo en El Palmarcito (en la fotografía niña de primaria Benito Juárez, el Presidente del Comité de Padres de Familia y la investigadora).



Niña y niño en desfile alusivo a la Revolución Mexicana (El Palmarcito, Chiapas, México).



Conversación con el Comisariado Ejidal, don Francisco Montes y su esposa, en El Palmarcito, Chiapas, México.



Entrega de informe técnico del proyecto “Reconocimiento y resignificación de memorias bioculturales diversas sobre el uso de los recursos naturales locales”, con el Director de la Escuela Primaria Benito Juárez García (El Palmarcito, Chiapas, México).



Visita y conversación con don José Inés Montes Aguilar, presidente del comité de padres de familia de la Escuela Primaria Benito Juárez García (El Palmarcito, Chiapas, México).



Reunión de trabajo con Dr. Santiago Bastos Amigo, profesor del Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, México (CIESAS).



Reunión con el antropólogo Dr. Raúl Gutiérrez Narváez.

<p>UNIVERSIDAD DE CIENCIAS Y ARTES DE CHIAPAS UACM UNICACH II Festival de las Ciencias, Artes y Humanidades Mercedes Olivera Bustamante Homenaje Del 14 al 18 de noviembre 2022</p>	<p>UNIVERSIDAD DE CIENCIAS Y ARTES DE CHIAPAS UACM UNICACH II Festival de las Ciencias, Artes y Humanidades Mercedes Olivera Bustamante Homenaje Del 14 al 18 de noviembre 2022</p>
<p>SALA 2 Cesmeca Conferencia Magistral sobre la vida de Mercedes Olivera Presenta: Dra. Paloma Bonfil Sánchez (ENAH) Modera: Karla Lizbeth Somoza</p>  <p>15 de noviembre de 2022 10:00 horas Auditorio del CESMECA San Cristóbal de Las Casas</p>	<p>SALA 1 Cesmeca Mesa redonda Facetas en la vida de Mercedes Olivera Presentan: Yolanda Mortejo y María Guadalupe García (Organización Mami Maquin) Aldi Rojas Avendaño de la organización Centro de Educación de Base (CEBA) Roxana Torres Díaz (colectiva Xchulel Antsesik) Alma Yaneth Mera Calva (CESMECA) Modera: Delmy Tania Cruz Hernández</p>  <p>15 de noviembre de 2022 12:00 horas Auditorio CESMECA, San Cristóbal de Las Casas.</p>
<p>UnicachPress Festival CIENCIAS y ARTES UNICACH https://www.youtube.com/channel/UC0Z-dT-0pG5ye6GIDB_7g9g https://festivaldelascienciasyartes.unicach.mx</p>	<p>UnicachPress Festival CIENCIAS y ARTES UNICACH https://www.youtube.com/channel/UC0Z-dT-0pG5ye6GIDB_7g9g https://festivaldelascienciasyartes.unicach.mx</p>

Flyer de Conferencia magistral sobre la vida de Mercedes Olivera, a la que se asistió.



Conversación con Dra. María Guadalupe Rodríguez Galván, Directora General de Investigación y Posgrado, Dra. Vivian Gabriela Mazariegos Lima, Directora de Posgrado y Dr. Martín Plascencia González y Dr. Martín Plascencia González, Director de Investigación, e investigador receptor.



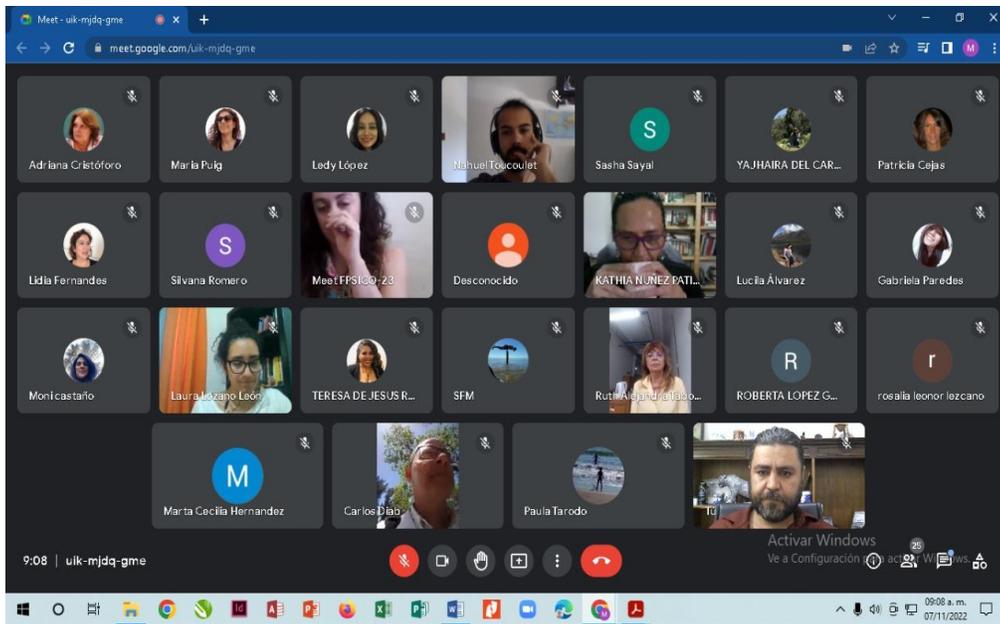
Actividades con niñas y niños trabajadores en plaza pública de San Cristobán de Las Casas.



Trabajo con niñez trabajadora, con Melel Xojobal.



Trabajo con niñez trabajadora, con Melel Xojobal.



Seminario de formación continua: Niñeces en clave latinoamericana: aportes a la formación en perspectiva interdisciplinaria e intercultural.



Participación en MercaUSCO, video elaborado desde el mercado público de Ocosingo, Chiapas

Liga del video: <https://www.facebook.com/facultaddeeducacionoficial/videos/434856145472678>

3.3. Comproventes da estadia em Chiapas, México.



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE CHIAPAS
A TRAVÉS DE LA COORDINACIÓN GENERAL DE RELACIONES INTERINSTITUCIONALES

Otorga la presente:

CONSTANCIA

a la: **Dra. María Lidia Bueno Fernandes**

Por concluir exitosamente su estancia de investigación que realizó en la Facultad de Ciencias Sociales C-III, de la Universidad Autónoma de Chiapas, con un proyecto de investigación titulado **"Infancia y juventud frente al derecho a la ciudad: dispositivos visuales y ocupación del espacio público - diálogo entre Brasil y México"**, en el periodo octubre - noviembre de 2022.

16 de enero de 2023. Tuxtla Gutiérrez, Chiapas.


Dr. **Adrián Alberto Reyes Vázquez**
Coordinador General de Relaciones Interinstitucionales



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE CHIAPAS
A TRAVÉS DE LA COORDINACIÓN GENERAL DE RELACIONES INTERINSTITUCIONALES

Otorga la presente:

CONSTANCIA

a la: **Dr. Martín Plascencia González**

Por su valiosa labor como investigador receptor de la Dra. María Lidia Bueno Fernandes, profesora-investigadora de la Facultad de Educación, de la Universidad de Brasilia (Brasil), con el proyecto de investigación titulado **"Infancia y juventud frente al derecho a la ciudad: dispositivos visuales y ocupación del espacio público - diálogo entre Brasil y México"**, realizado en la Facultad de Ciencias Sociales C-III, de la Universidad Autónoma de Chiapas, en el periodo octubre - noviembre de 2022.

16 de enero de 2023. Tuxtla Gutiérrez, Chiapas.


Dr. **Adrián Alberto Reyes Vázquez**
Coordinador General de Relaciones Interinstitucionales



TUXTLA GUTIÉRREZ, CHIAPAS
26 DE ENERO DE 2023

**A QUIEN CORRESPONDA
P R E S E N T E.**

Por medio de la presente, el que suscribe **HACE CONSTAR** que la **Dra. María Lidia Bueno Fernandes**, profesora-investigadora de la Facultad de Educación, de la Universidad de Brasilia (Brasil) ha finalizado satisfactoriamente su estancia de investigación del proyecto **"Infancia y juventud frente al derecho a la ciudad: dispositivos visuales y ocupación del espacio público – diálogo entre Brasil y México"**. La estancia se llevó a cabo durante el periodo octubre-noviembre 2022, contando con la anfitrionía como investigador receptor del Dr. Martín Plascencia González de la Facultad de Ciencias Sociales, Campus III de la Universidad Autónoma de Chiapas.

Por lo anterior, se extiende la presente **CONSTANCIA** para los fines que haya lugar.

ATENTAMENTE

"Por la conciencia de la necesidad de servir"



DR. ADRIÁN ALBERTO REYES VAZQUEZ
COORDINADOR GENERAL

4. Pesquisas sobre o tema do covid-19.

A abordagem deste projeto de pós-doutoramento foi adensada e impactada com a Pandemia da SARS-CoV-2. Desde junho de 2020 lançamos o projeto **Geografia do Confinamento: como vivem as crianças e jovens do Distrito Federal em tempos de isolamento e distanciamento social por ocasião da pandemia de COVID-19?**¹⁶ O Projeto foi construído em diálogo com o trabalho desenvolvido na Espanha, pela Associação *Enclave de Evaluación y Derechos Humanos*, denominado Infância Confinada, que inspirou o desenvolvimento da pesquisa em solo brasileiro.

O contexto pandêmico gerou alterações inéditas na sociedade em nível global. O isolamento social, necessário para conter a disseminação da doença, fez com que governos, empresas e pessoas, nos mais diversos segmentos, tivessem de se readaptar e redescobrir estratégias de operação da vida cotidiana. A impossibilidade da circulação livre alterou as relações de trabalho, familiares, de gestão pública e outras. Como tudo, as relações escolares e as interações espaciais e sociais vivenciadas pelas crianças e jovens também tiveram grande alteração.

A pesquisa foi desenvolvida para levantar informações, vindas das próprias crianças, sobre seus contextos de vida durante o confinamento. O objetivo é: compreender como as crianças do Distrito Federal viveram durante o período de confinamento social e fechamento das escolas, de forma a desvelar suas percepções no que diz respeito a ausência da escola, as alterações nas relações sociais dela decorrida, bem como, compreender suas condições de vida, e quais os sentidos atribuídos e os sentimentos despertados esse período atípico.

¹⁶ A pesquisa em tela foi coordenada por Maria Lídia Bueno Fernandes, tendo Luna Letícia de M. Lambert como pesquisadora responsável e Andreza Costa Barbosa, Ana Paula Baptista Pina, Marina Santana Corrêa, Luciana Hartmann, Helma Costa dos Santos e Nayla Nobre Paim como integrantes do grupo da pesquisa e Marcela Pesci Peruzzo e Camila Freitas que tabularam e analisaram dos dados. O projeto de pesquisa está disponível no repositório da Universidade de Brasília: <http://repositoriocovid19.unb.br/repositorio-projetos/geografia-do-confinamento-como-vivem-as-criancas-e-jovens-em-tempos-de-isolamento-e-distanciamento-social-por-ocasio-da-pandemia-de-covid-19> e, as primeiras análises, constam no artigo FERNANDES, Maria Lidia Bueno; DIAZ, Diego Barrios. Aproximações à situação de crianças durante a pandemia de Covid-19 no Distrito Federal brasileiro. Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, v. 24, n. 2, p. 560-576, 2022. Consta ainda em uma publicação sobre extensão universitária: FERNANDES, Maria Lidia Bueno et al. Geografia do Confinamento: como vivem as crianças e jovens em tempos de isolamento e distanciamento social por ocasião da pandemia de COVID-19? REVISTA PARTICIPAÇÃO - UnB, n° 34, novembro 2020. ANO 19 n° 34 NOVEMBRO/2020, p. 156 – 158. ISSN 1677-1893.
https://drive.google.com/file/d/1_y95_7QMT_wC8vhwQUCJamcPgTvbjtBC/view?usp=sharing

Nesse sentido, auscultar as vozes das crianças e jovens, amplamente afetados pelo contexto pandêmico, tornou-se primordial. Assim, conhecer seus contextos de vida durante o confinamento, desvelar como as questões estruturais, territoriais, raciais e de gênero as atravessam, bem como conhecer suas rotinas, sentimentos e sonhos, orientaram diversas pesquisas realizadas no período. Essa pesquisa teve prosseguimento nos anos de 2021 e 2022, a partir do Estudo diagnóstico sobre a realidade vivenciada por crianças, adolescentes e famílias neste período de pandemia COVID-19, realizada com financiamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. A pesquisa, desdobrou-se para as cinco regiões do país: focalizando, em termos territoriais, as capitais dos estados do Pará, Paraíba, Distrito Federal, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e suas respectivas regiões metropolitanas, para trazer um olhar plural e abrangente sobre as crianças e os adolescentes neste contexto pandêmico. As escolas foram o foco prioritário para a entrada no território. O estudo diagnóstico contemplou diversas etapas de ensino: Educação Infantil, Anos Iniciais, Fundamental II e Ensino Médio e diversas modalidades: Educação Indígena, Educação Quilombola, Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos. A utilização de diferentes estratégias metodológicas (contação de histórias, performance, música, produção de mapas vivenciais, entre outros) visava contribuir para o estabelecimento de uma relação de confiança com os sujeitos da pesquisa de forma a identificar os principais efeitos psicossociais gerados por esse contexto pandêmico. A pesquisa dialogou, ainda, com atores da comunidade escolar: gestores, professores, diretores, coordenadores, entre outros. Parte do princípio de que a investigação com crianças e jovens permite uma compreensão dos meios que lhes faltam, e dos atores e materialidades com os quais se enredam de formas inovadoras e criativas para serem agentes num mundo pós-pandêmico.

Figura 89: Declaração de coordenação de pesquisa

5. Produções

5.1. Artigos Publicados, submetidos ou aceitos

FERNANDES, Maria Lidia Bueno; BARRIOS DIAZ, Diego. Aproximações à situação de crianças durante a pandemia de Covid-19 no Distrito Federal brasileiro. *Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora*, v. 24, n. 2, p. 560-576, maio/ago. 2022.

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Bueno and BOGOSSIAN, Thiago. The Trocinhas of the Community of Bom Retiro, Spatial Experiences of Brazilian Children: Studies in Geography of Childhood. *Children's Geography* (submetido).

SANTOS, Helma Costa dos; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. Sobre os espaços-tempos de brincar na escola: o que nos comunicam os brincantes? **Educação**, Santa Maria. ISSN: 1984-6444. Aceito para publicação.

5.2. Trabalhos completos em anais de eventos

FERNANDES, Maria Lidia Bueno; BARRIOS DIAZ, Diego. **Narrativas de crianças durante a pandemia de Covid-19 no Distrito Federal brasileiro**. Grupo de Trabajo 20: Sociología de la Niñez, Juventud y Envejecimiento. Alas.(no prelo)

PAIM, Nayla Nobre; SANTOS, Helma Costa dos; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. Territórios de Infância: As Infâncias Narradas Por Crianças Do/No Distrito Federal. Anais do Grupecí: Belém, 2022.

MENDES, Edson; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. Práticas Educativas no Contexto Socioeducativo. Anais do Grupecí: Belém, 2022.

BARBOSA, Andreza Costa; FERNANDES, Maria Lidia Bueno; DINIZ, Reinaldo Ramos. Imagens Da Vida: o olhar e as reflexões das crianças e jovens sobre o Distrito Federal. Anais do Grupecí: Belém, 2022.

5.3. Capítulos de livro:

BARBOSA, Andreza Costa; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. Imagens da Cidade e da Escola: Sobre a atualidade da proposta da Escola Parque para a capital. In: Eva Wairos et al. Educação no DF pós 1964: o período da ditadura militar. Brasília, Editora Universidade de Brasília. Edital UnB 60 anos. No prelo.

5.4. Artigos em elaboração

- OLIVEIRA, Isabel da Silva; FERNANDES. Maria Lidia B.; CARRANO, Paulo César. O que crianças e jovens fizeram com aquilo que a pandemia fez com eles e elas?
- Educação intercultural: o desafio da construção de projetos educacionais antissistêmicos. (FERNANDES, Maria Lidia B.; PLACENCIO, Martin; Muñoz, Kathia)
- FERNANDES. Maria Lidia B.; OLIVEIRA, Isabel da Silva; CARRANO, Paulo César. Dispositivos visuais na pesquisa com crianças e jovens: fotografias, desenhos e vídeos, em busca de uma interlocução profícua.

5.5. Produção audiovisual

Audiovisual:

Histórias de Concreto e Gente: diálogos intergeracionais sobre o território do DF.

Site:

Site do - Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento

Considerações Finais

Apresentamos as experiências e reflexões durante esse profícuo período de estudos no âmbito do estágio pós-doutoral. A articulação dessas múltiplas experiências estão sendo articuladas em artigos, palestras, encontros e encontros interinstitucionais. Aos grandes temas elencados no projeto de pesquisa que respaldou este estágio pós-doutoral, somou-se o tema das Infâncias e Juventudes frente ao contexto pandêmico, que ganhou envergadura, justamente pelo período de retorno às atividades presenciais e ao período de análise e entendimento do impacto de aproximadamente seis anos de descaso com crianças e jovens. Assim, em um primeiro momento a produção de artigos concentrou-se no tema da COVID-19, para na sequência, permitir os entrelaçamentos entre as perspectivas teóricas que foram aprofundadas nesse profícuo período de trabalho e estudos.

Em nossa imersão nos território, buscamos conhecer a realidade dos jovens e das crianças do Distrito Federal, de Niterói e de San Cristóban de las Casas, em Chiapas no México na tentativa de estabelecer um primeiro recorte e desenvolver uma metodologia de trabalho que tenha a dinâmica espacial e o uso de dispositivos visuais como pressuposto.

O foco de interesse é conhecer, por meio desses dispositivos visuais, seu local de moradia, infraestrutura urbana, alguns dados sobre acesso a bens culturais, aos equipamentos

urbanos, seu envolvimento nas questões da cidade, seu conhecimento sobre os grupos que atuam na cidade, sentimento de pertencimento/acolhimento à cidade, suas ações, seus deslocamentos, sua mobilidade, seu olhar sobre a escola, seus sonhos, enfim, compreender esse jovem na complexidade de sua espacialidade.

Ainda estamos em processo de coleta e produção dessas informações, mas já há um profícuo caminho percorrido.

Figura 91: Termo de outorga da pesquisa - O direito à cidade para e com crianças e jovens: dispositivos visuais e a ocupação do espaço público



3716436241313183

TERMO DE OUTORGA

Processo: 407901/2021-3

Vigência: início: 21/03/2022 fim: 31/03/2025

Título: O direito à cidade para e com crianças e jovens: dispositivos visuais e a ocupação do espaço público

Instituição de Execução: Universidade de Brasília

CNPJ: 00038174000143

Ação: Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes

Valor Global: R\$ 36.200,00

Capital: R\$ 19.500,00

Custeio: R\$ 3.500,00

BOLSAS DE LONGA DURAÇÃO: R\$ 13.200,00

Modalidade: Apoio Técnico a Pesquisa - AT (Quota) - 1A

Duração: 24 Meses

Quantidade: 1

Referências Bibliográficas

- ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA – IV. Disponível em: <http://www.brazlandia.df.gov.br> . Acesso em: 16 de março de 2019.
- ALMEIDA, C.E.N. O Território como Estudo de Caso na Construção da Identidade. Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC 2018/2019. Orientadora: Profa.Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes, Faculdade de Educação - UnB, 2019.
- ALVES, F.C. Articulação entre saberes locais e curriculares na comunidade da Ponte Alta/Gama. Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC 2018/2019. Orientadora: Profa.Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes, Faculdade de Educação - UnB, 2019.
- BARBOSA, A. I. C. A Organização do Trabalho Pedagógico na Licenciatura em Educação do Campo/UnB: do projeto às emergências e tramas do caminhar. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE, UnB, Brasília, 2012.
- BARBOSA, Andreza Costa; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. Imagens da Cidade e da Escola: Sobre a atualidade da proposta da Escola Parque para a capital. In: Eva Wairos et al. Educação no DF pós 1964: o período da ditadura militar. Brasília, Editora Universidade de Brasília. Edital UnB 60 anos. (no prelo).
- CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. A questão social no novo milênio. VIII Congresso Luso-Afro- Brasileiro de Ciências Sociais. Setembro, 2004.
- CAMACHO, Rodrigo Simão. A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM DISPUTA: RESISTÊNCIA VERSUS SUBALTERNIDADE AO CAPITAL. Educ. Soc., Campinas , v. 38, n. 140, p. 649-670, jul. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302017000300649&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302017177792>.
- CÂMARA, I.T. Potenciais Educativos de São Sebastião-DF: Cidade, Campo e Escola. Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC 2018/2019. Orientadora: Profa.Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes, Faculdade de Educação - UnB, 2019.
- CARRANO, P. (coord.). Projeto Modos de Vida na cidade de jovens de favela: entre posições sociais e singularidades. Grupo de Pesquisa Observatório Jovem, FE-UFF, CNPq, 2009. Disponível em <http://www.observatoriojovem.uff.br/?q=materia/jovens-de>

espa%C3%A7os-populares-percursos-biogr%C3%A1ficos-e-modos-de-vida (acessado em 30/01/2023).

CARRANO, P. (coord.). Projeto Percursos Urbanos de jovens de espaços populares: usos da cidade e modos de vida. Grupo de Pesquisa Observatório Jovem, FE-UFF, CNPq, 2009-2011. Disponível em <http://www.observatoriojovem.uff.br/?q=materia/jovens-de-espa%C3%A7os-populares-percursos-biogr%C3%A1ficos-e-modos-de-vida> (acessado em 30/01/2023).

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos. Campinas/SP: Ed. Papirus, 18ª edição, 2014. . Geografia e Práticas de Ensino. Goiania: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia Escolar e a Cidade: ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escola e construção do conhecimento. Campinas: Papirus, 1999.

CHAVES, Weber José Neiva. Brazlândia, agricultura e identidade : fragarias, da festa do morango e da reificação triunfante da mercadoria ao simulacro e à venda sem charme dos ambulantes. 2011. 134 f., il. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9877>

CODEPLAN- COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. Região Administrativa RA IV – Brazlândia. 2017.

CODEPLAN, Companhia de Planejamento do Distrito Federal. 2016. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (PDAD) – 2018, Brazlândia. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/Brazl%C3%A2ndia.pdf> . Acesso em Julho de 2019.

CORRÊA, M.de S. Itapoã e Paranoá pelas crianças: O estudo do meio em uma pesquisa-ação. Dissertação de Mestrado. Orientadora Maria Lídia Bueno Fernandes. Brasília, UnB, 2020.

CORREA, M de S.& FERNANDES, M.L.B. Vivências infantis nos territórios do Paranoá e Itapoã no Distrito Federal in: Linhas Críticas, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v. 27 (2021), pp. 1-22

- DINIZ, R.R.. Relatório de Pesquisa - Planaltina. Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC 2018/2019. Orientadora: Profa.Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes, Faculdade de Educação - UnB, 2019.
- GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. Cadernos Cenpec | Nova série, [S.l.], v. 1, n. 1, maio 2006. ISSN 2237-9983. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160/189>>. Acesso em: 13 abr. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i1.160>.
- GOMES, Joseane Milksa dos Santos. Ensino/aprendizagem de geografia na educação básica: o estudo do lugar (Brazlândia) como mediação pedagógica. 2017. 45 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/19357>
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Administração Regional de Brazlândia. Sobre a RA IV. Disponível em: . Acesso em: 20 abri. 2018.
- GONZALEZ, M.P., FERNANDES, M.L.B, SUÁREZ, M.P. & CORVALÁN, F. (coord.). Infâncias: contextos de acción, interacción y participación/Infâncias: contextos de ação, interação e participação. Universidad Autónoma de Chiapas/Editora Universidade de Brasília, Chiapas-México/Brasília-DF, 2020.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas, v. 1, n. 2, p. 7-20, ago. 2007.
- LIMA, E.S. A Escola e o Território como espaços Educadores para a Juventude - Ceilândia-DF, Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC 2018/2019. Orientadora: Profa.Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes, Faculdade de Educação - UnB, 2019.
- LOCKS, G. A e GRAUPE, M. E. Educação do campo e direitos humanos: uma conquista, muitos desafios. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 20, n. especial, p. 131-154, 2015. Lua Nova: Revista de Cultura e Política. CEDEC, n. 87, p. 139-165, 2012.
- MOLINA, M. C. e FREITAS, H. C. de A: “Avanços e desafios na construção da educação do campo”. Em Aberto, 24 (85): 17-31, Brasília, 2011.
- PERAFAN, M. E., & OLIVEIRA, H. (. (2013). Território e Identidade. Salvador BA: P55 Edições (Salvador); SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA (SALVADOR).
- PORTAL QEDU. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/> . Acesso em 01 fev. 2019.

- RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993
- RIBEIRO, M.S. Narrativas e Saberes de Sujeitos em relação ao Território: direito à cidade na perspectiva de jovens do Paranoá. Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC 2018/2019. Orientadora: Profa.Dra. Maria Lídia Bueno Fernandes, Faculdade de Educação - UnB, 2019.
- SANTOS, M. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1988.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- TAVOLARI, Bianca. Direito à Cidade: Uma trajetória conceitual, 2016.
- VIEIRA, A.C.P., SILVA, C.R.R. & OLIVEIRA, L.A. A Maré em 12 tempos. Rio de Janeiro: CEASM: Espirógrafo, 2020.

Anexos:

Figura 92: Professora no curso de pós-graduação lato sensu – Residência CTS

Com o patrocínio do CAU-BR, no âmbito do Edital de Chamamento Público de Apoio Institucional nº 05/2021 - Patrocínio ATHIS e da Emenda de Bancada 71080011, o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Residência Multiprofissional CTS visa à criação de Microprojetos e Programas de Ação Local (MPAL) com possibilidades de arranjos a partir de trilhas temáticas de experiências das lideranças comunitárias e de movimentos sociais para implantar modelos próprios (às comunidades) de assessoria sociotécnica e tecnológica oriundas de movimentos sociais e entidades civis que lutam por políticas públicas em quatro campos - três interdisciplinares: Habitat, Agroecologia, e Saúde e um transdisciplinar: trabalho associado.

Durante a Semana Universitária de 2022 da UnB detalharemos um pouco mais sobre a estrutura do nosso curso, nossos objetivos e perspectivas e apresentaremos o Programa de Extensão Residência Multiprofissional CTS - Habitat, Agroecologia, Economia Solidária e Saúde Ecosistêmica: Vivências Territoriais.

VENHA PARTICIPAR COM A GENTE!

DIA 31/08 - QUARTA-FEIRA
17:00HS - CAFÉ
17:30HS - APRESENTAÇÃO DA RESIDÊNCIA CTS

LOCAL: AUDITÓRIO CEPLAN - CAMPUS DARCY RIBEIRO

SU22
Semana Universitária 2022
29 ago. - 2 set
180 anos de Darcy Ribeiro

UnB | DEX

FINATEC

CAU/BR
Associação de Apoio
e Incentivo à UnB

PPG FAU UnB

Figura 93: Avaliadora do Processo seletivo do ProIC/UnB



Universidade de Brasília
Decanato de Pós-Graduação-DPG
Programa de Bolsas de Iniciação Científica - ProIC

Declaração

Edital 2022/2023- FAPDF- ProIC/DPG/UnB

A Universidade de Brasília, por intermédio do Decanato de Pós-Graduação declara que a **Prof. Maria Lídia Bueno Fernandes, CPF 3966405830**, participou como Avaliadora no processo seletivo dos editais FAPDF- PIBIC/PIBITI/DPG/UnB 2022/2023, no ano de 2022.

Brasília, 11 de abril de 2022..

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Sérgio Ronaldo Granemann', is positioned above a horizontal line.

Sérgio Ronaldo Granemann
Diretor de Fomento à Iniciação Científica

Prédio CDT, sala 10/50
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Brasília - DF 70910-900

Telefone: (61)3107-4182
proic.unb.br
pibicunb@gmail.com

Figura 94: Orientação de Projetos de quatro projetos de Pibic, tendo um recebido menção honrosa e outro indicação para o prêmio destaque. Julho de 2022.

Indicação a prêmio destaque

Uso e ocupação do solo: um olhar sobre o conceito de rugosidade na Serrinha do...

ELISSON COUTINHO ALVES DA SILVA (autor), MARIA LIDIA BUENO FERNANDES (orientador)

PIBIC - Artes e Humanidades - Geografia

Menção honrosa

O MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DAS NASCENTES NA SERRINHA DO...

PRISCILLA BARROZO LIMA (autor), MARIA LIDIA BUENO FERNANDES (orientador)

PIBIC-AF - Artes e Humanidades - Geografia

Figura 95:Atividade de pesquisadora do PIBIC na Escola Classe Aspalha – Junho/2022

Figura 96: Taller de Infancias – Espanho/DEZ/2022

TALLER DE INFANCIAS

“Niñas, niños y adolescentes coinvestigadores. Experiencias de investigaciones participativas con infancias”

Inicia el 04 de noviembre de 2022

Online y gratuito

Inscripciones:
tallerinfanciasidhpb@gmail.com

Colaboran:

ucm | Universidad Carlos III de Madrid
Instituto de Derechos Humanos
Geografía y Urbanismo

enclave

REI R

TALLER DE INFANCIAS

1ra sesión. “Metodologías colaborativas” por Santiago Bastos.

2da sesión. “Investigando con Niñas, Niños y Adolescentes Quechúas del Perú” por Rossana Mendoza Zapata (Perú).

3ra. sesión. “Niños, niñas y adolescentes como investigadores: Debate y desafíos” por Marta Martínez Muñoz (España).

4ta. sesión. “Estrategias metodológicas para dialogar con niños y adolescentes en el contexto de la pandemia COVID-19 en Brasil” por Lidia Bueno Fernandes (Brasil).

5ta. sesión. “Metodologías colaborativas y decoloniales con niñas y niños en contexto de violencia, guerra y resistencia” por Angélica Rico (México).

6ta. sesión. “Hacia la participación política adolescente: Proceso de acercamiento intergeneracional en la Comunidad Felipe Ángeles, OPFV7” por Eilat Torres Velásquez (México).

7ma. sesión. “Nuestra voz también cuenta. ¡Haz que se escuche!” por Yolanda Corona Caraveo (México).

8va. sesión. Clase abierta por la Red del Taller.

9na. sesión. Clase abierta por Estudiantes IDHPB

Online y gratuito

Inscripciones:
tallerinfanciasidhpb@gmail.com

Colaboran:

ucm | Universidad Carlos III de Madrid
Instituto de Derechos Humanos
Geografía y Urbanismo

enclave

REI R

Figura 97: Certificado de participação na 74ª. Reunião Anual da SBPC

74ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC

Ciência, independência e soberania nacional

24 a 30 de julho de 2022
UnB - Brasília - DF

SBPC

UnB

CERTIFICADO

Certificamos que **MARIA LÍDIA BUENO FERNANDES** coordenou a Mesa-Redonda “CRIANÇAS E JOVENS FRENTE AO CONTEXTO PANDÊMICO: AUSCULTANDO SUAS VOZES!”, realizada no dia 25 de julho de 2022, durante a 74ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, ocorrida no período de 24 a 30 de julho de 2022, na Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Emissão: 2022
Certificado nº AC74RA80 - Este número permite a verificação da autenticidade deste documento no site da SBPC:
<https://reunioes.sbpcnet.org.br/certificados/>

Renato Janine Ribeiro
Presidente da SBPC

Cláudia Linhares Sales
Secretária-Geral da SBPC
Coordenadora da 74ª Reunião Anual da SBPC

Figura 98: Participação em comissão de avaliação de obras submetidas a Editora da Universidade de Brasília

ATO DA EDITORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Nº 001/2022

Constitui Comissão de Avaliação das obras submetidas ao Edital EDU N° 1/2022.

A DIRETORA DA EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais

RESOLVE:

Art. 1º Constituir Comissão de Avaliação das obras submetidas ao Edital EDU N° 1/2022, para seleção de originais a serem publicadas.

Art. 2º A Comissão será constituída por:

I – Prof.ª Maria Lídia Bueno Fernandes – Faculdade de Educação/UnB;

II – Prof.ª Sely Maria de Souza Costa – Membro do Conselho Editorial EDU/UnB;

III – Prof.ª Helena Eri Shimizu - Faculdade de Ciências da Saúde/UnB

IV – Prof. Roberto Goulart Menezes – Instituto de Relações Internacionais/UnB;

V – Prof. César Lignelli – Instituto de Artes/UnB e Membro do Conselho Editorial EDU/UnB;

VI – Prof. Paulo Eduardo Aguiar Saraiva Camara – Instituto de Ciências Biológicas/UnB;

VII – Marta Adriana Bustos Romero – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UnB.

Art. 3º - A Comissão realizará avaliação cega e emitirá parecer técnico a ser apresentado ao Conselho Editorial da Universidade de Brasília.

Art. 4º - Este Ato entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília 02 de maio de 2022.


Prof.ª Germana Henriques Pereira
Diretora da Editora
Universidade de Brasília

Figura 99: Participação de comissão de processo seletivo para mestrado no Departamento de Artes Visuais.

**ATO DO(A) COORDENAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS DO IDA
Nº 11/2022**

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes, no uso de suas atribuições e competências, após consulta a Comissão do PPGAV

Resolve:

Nomear a comissão de seleção para o ingresso em 2/2022 composta pelos seguintes professores:

ARTE E TECNOLOGIA: Antenor Correa (Presidente); Cleomar Rocha e Carina Occhi Flexor;
DESLOCAMENTOS E ESPACIALIDADES: Geraldo Orthof (Presidente); Luisa Gunther e Murilo Moscheta;
EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS - Cayo Honorato (Presidente): Rosana De Castro e Maria Lídia Bueno Fernandes;
POÉTICAS TRANSVERSAIS - Denise Camargo (Presidente): Nivalda Assunção; e Renata Requião;
TEORIA E HISTÓRIA DA ARTE: Marcelo Mari (Presidente): Emerson Dionísio Gomes de Oliveira - Cássio da Silva Fernandes

PROVA DE LÍNGUA : Karina Dias (francês); Cayo Honorato (inglês); Emerson Dionísio (espanhol).

Atenciosamente,

Brasília, 22 de julho de 2022



Documento assinado eletronicamente por **Biagio d Angelo, Coordenador(a) do Instituto de Artes**, em 25/07/2022, às 19:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8449407** e o código CRC **816C61A7**.

Figura 100: Participação em Programa de Rádio. Set/2022

Programa **Escola na Rua**

Infância, Juventude e a cidade como espaço de aprendizagem

sexta, 23/09/22 às 12hrs

apresentação: **Luna Lambert & Matheus Costa**

convidada: **Maria Lidia**

eu, tu, ele.

NÓS

TIJOLO
ta te ti to tu
ja je ji jo ju
la le li lo lu

SÃO SEBASTIÃO/PARANÁ
181

EnR

ao vivo pela Rádio Liberdade 98,1 FM e [youtube.com/escolanarua](https://www.youtube.com/escolanarua)

Figura 101: Participação no evento: o cinema documentário sonha o Brasil

Verifique o código de autenticidade 3757133.376458.4.6.5852335569497 em <https://www.even3.com.br/documentos>

CERTIFICADO

Certificamos que **Maria Lidia Bueno Fernandes**, participou, como ouvinte, do Virando o 7 com a temática "As Artes nas/das Independências: o Cinema/Documentário sonha Brasil", exibido pelo canal do Portal do Bicentenário no YouTube, no dia 06 de setembro de 2022, com carga horária de 1 hora.

Belo Horizonte, 06 de setembro de 2022.

PORTAL DO Bicentenário

Luciano Mendes de Faria Filho
Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho
Coordenador do Projeto

Figura 102: Conferências sobre a temática da Juventude e a “pós-pandemia”

FLACSO BRASIL 50 1957-2022

CONFERÊNCIA FLACSO BRASIL

LIVE

Juventude, Escola e participação "pós-pandemia"

11 de novembro | 19H00 Horário de Brasília

CONVIDADO
Prof. Dr. Paulo Carrano
Faculdade de Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Transmissão pelo
<https://www.youtube.com/flacsobrasil>

Realização:
Programa Estudos e políticas sobre juventudes, educação e gênero: violências e resistências | Flacso Brasil

Figura 103: Participação no Congresso Latino Americano de Sociologia_Jovens e o Cotidiano

XXXIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA
ALAS MÉXICO 2022
14 al 19 de agosto de 2022
Ciudad de México - Guadalajara - San Luis Potosí - Mérida

*La (Re) Construcción de lo Social en Tiempos de Pandemias y Pospandemias:
Aportes Críticos desde las Ciencias Sociales Latinoamericanas y Caribeñas*

Se deja constancia que:
Maria Lidia Bueno Fernandes
ha participado con la PONENCIA:
JOVENS E O COTIDIANO: O VALOR COMO PRÁXIS
#03764
Maurício Barbosa Carneiro ¹; Maria Lidia Bueno Fernandes ¹
1 - Universidade de Brasília.

en el XXXIII Congreso Latinoamericano de Sociología, realizado del 14 al 19 de agosto de 2022
en la Ciudad de México, Guadalajara, San Luis Potosí y Mérida.

Dra. Angélica Cuéllar Vázquez
Presidenta del XXXIII ALAS 2022

Asociación Latinoamericana de Sociología

Figura 104: Figura 105: Participação no Congresso Latino Americano de Sociologia_Narrativas de crianças durante a pandemia



Figura 106: Comprovante apresentação de trabalho



Figura 107: Lançamento da revista Veresk

